

TRABALHOS

DE

ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

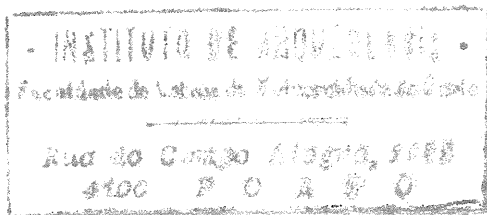
VOL. XIII — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1952

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

17. ABR. 1988



Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal

POR

F. Russell Cortez

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Apesar de pouco, muito pouco mesmo, conhecermos da dispersão do Homem paleolítico na Beira, podemos assinalar que aqui também deve ter havido uma larga dispersão da espécie humana. A interamnense Beirã não está desprovida do testemunho da ocupação paleolítica e as estações até hoje encontradas: Mealhada, Carvoeiro, Guarda-Gare permitem a ilação duma maior ocupação humana logo que a prospecção sistemática se adense.

Por estas regiões da Beira, onde o bosque hoje é característico, ao clima húmido e frio da época glaciária, deve ter sucedido um clima seco, e ecológicamente estepário. Então, a flora herbácea permite o desenvolvimento duma fauna herbívora de corredores. Aparecem as populações de caçadores, floresce uma arte pictórica, relacionada com os *totens*, da qual são sobrevivência as pictografias da Queiriga. O Beirão seria então um caçador, um continental, a percorrer, qual nómada, as pradarias, os chãos dos vales, perseguindo as manadas dos bois, dos javardos, de cavalos, de veados.

Depois, em nova época, sucedem grandes mudanças climáticas. A aridez vai progredindo por extensas regiões sub-tropicais e as civilizações estepárias desenvolvidas nestas regiões da

Ásia Central e do Sáara, entram em conflito com o meio ambiente e iniciam-se grandes migrações. A Humanidade vê-se então compelida para o mar, embora não esteja a ele habituada e ainda o não saiba dominar. À medida que estas condições climáticas se vão acentuando, nos bordos oceânicos da Europa, desfrutar-se-ia um clima moderado e húmido, condicionado às influências do Gulf-Stream e da zona ciclónica da Islândia. Os bosques de árvores de folha caduca, progredem nas estepes paleolíticas. Numerosas espécies arbórescentes refugiadas na região mediterrânea remontam novamente para o Setentrião.

Estas modificações climáticas, provocam então importantes migrações humanas que, convergindo no sentido do Mediterrâneo, formariam uma mescla de homens e ideias, logo disseminadas através das suas margens, levando aqueles, no seu deambular, o produto da sua experiência, das suas invenções.

Entre as novidades apontadas, sobressaem novas técnicas, que, generalizadas, haviam de permitir ao homem resistir melhor aos contrastes climáticos.

Aprendem a conhecer e a aproveitar os frutos daquelas plantas que maiores reservas alimentares continham. Iniciam a agricultura pela selecção das sementes. Ao mesmo tempo, generaliza-se a domesticação de animais, nomadizando-os progressivamente com o homem. Utilizam a sua experiência petrológica, sabem onde buscar os materiais líticos mais aptos para o seu ferramental, empregam em larga escala a plasticidade da argila, descobrem a olaria; julgo que esta técnica foi descoberta, simultâneamente, em diversos rincões, ou então pelos paleolitas saarianos.

Toda esta humanidade repelida pelas estepes em vias de desertificação, trazia consigo, não só os frutos da sua experiência, da luta rude contra a aridez, como múltiplas apeirias agrícolas, vários sistemas de cultivo, diversas técnicas de construção,

desde o aparelho de pedra a seco, até à cabana fruste de peles ou de ramaria entrançada e barrada.

Tínhamos chegado aos tempos ditos neolíticos, a uma humanidade, meio nómada, meio sedentária.

Os caçadores redundam em pastores, os recolectores talvez em agricultores.

Os neolitas, ganadeiros e agricultores, na sua expansão através das margens do Mediterrâneo atingiram, bem cedo, a faixa Atlântica da Península, como os *elementos neolíticos* de Muge, das Areias Altas, do Castro de Figueiró da Granja, o comprovam. Integraram-se entre a população local que continuava a utilizar os seus micrólitos nos pauis do Tejo, nas margens do Mondego ou os picos e raspadores da orla litoral do noroeste peninsular.

Este aspecto da nossa mais recuada proto-história é muito pouco conhecido.

Para o estudo desta fase da evolução do viver humano são de considerar os elementos fornecidos pela camada mais recente dos concheiros de Muge e os do povoado das Areias Altas, Porto.

As conclusões que têm sido tiradas do estudo das indústrias de Muge são variadas. Segundo o Rev.º H. Breuil (1918) neles encontramos uma indústria do período *azilo-tardenoisense*, mais próximo dos tempos paleolíticos que dos neolíticos. H. Obermaier, de acordo com Breuil, inclui-as no epipaleolítico, falamos do *capsense* ou do *capso-tardenoisense*. O Prof. Mendes Corrêa mostra, depois, a existência de diferenças entre os vários concheiros, entre os diversos locais de habitação destas populações ribeirinhas do Tejo, que muito devem ter perdurado.

Há concheiros que julgo terão sido contemporâneos e abrangem, culturalmente, várias vidas do homem post-quaternário,

que continua a utilizar uma indústria lítica, na qual os micrólitos vão logrando um emprego sempre crescente.

O concheiro melhor conhecido é o da Amoreira. Revelou-nos uma indústria que, para Mendes Corrêa, Breuil e Obermaier, reflecte uma acentuada influência capsense nos seus triângulos. Tipologicamente, encontramos no cabeço da Amoreira, lâminas finas, de dorso rebatido; os crescentes, os triângulos e os trapézios são mais raros (1).

Nestes rebotalhos do cabeço da Amoreira, foram encontrados por Mencke os microburis (2) e, para este abalizado especialista, tal indústria lítica deriva dos micrólitos que surgem no paleolítico superior, em especial nos níveis *magdalenense superior*, e nega a sua dependência ou relação com África.

Se para a Europa esta tese pode ser aceite, não julgamos possível prescindir entre nós da chegada de população ou correntes culturais africanas, uma vez que, se das indústrias microlíticas representadas nos concheiros de Muge ou da Cova de Hoyo de la Mina (Málaga) (3), passamos à *cultura de Almeria*, na qual esta indústria microlítica perdura nos níveis mais antigos, e encontramos os mesmos trapézios, e os crescentes — os microburis e os triângulos vão rareando. Igualmente perdura durante todo o neolítico, onde os micrólitos de sílex surgem misturados com os machados polidos, com as pontas de flecha de talhe bifacial, de origem egípcia, e com as compridas e finas facas de sílex.

(1) A. A. Mendes Corrêa — *Novas estações líticas em Muge*, I Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940.

(2) Eckhard Mencke — *La tipología de las piezas de sílex de los concheros de Muge*, «Atlantis», pág. 157, Madrid, 1936-40.

(3) Martín Almagro — *Los problemas del Epipaleolítico y Mesolítico en España*, «Ampúrias», VI, pág. 7, Barcelona, 1944.

Nestes concheiros encontramos restos humanos que revelam uma variedade de tipos e que constituem um dos mais importantes testemunhos para o conhecimento da população, existente entre nós, na transição do mesolítico para o neolítico. Esta deve ter-se verificado algum tempo após a transgressão Flandriana, mesmo assim, quiçá contemporânea do *optimum* do mesolítico III, de clima quente, quase sub-tropical, como parece ser aquele em que se constitui o concheiro do Cabeço da Arruda.

Consideremos que no Cabeço da Arruda falta a *Littorina littorea* e abunda o *Mytilus edulis* o que nos indica um clima mui próximo do *optimum* do Norte, onde nos aparece o *asturiense*, que seria húmido e quente, quase sub-tropical. Com o aparecimento da *Nática hebraea* confirmam-se aqueles elementos de clima, uma vez ser esta espécie de um *habitat* mediterrâneo.

Entre os esqueletos distingue-se, sem qualquer espécie de dúvida, um tipo doliocéfalo, de baixa estatura, mesorrínico e mesoprogna, com características negróides: *Homo afer taganus*; simultâneamente surgem um tipo semelhante e mesocéfalo, e outro claramente braquicéfalo (1).

Ao considerar alguns novos elementos cronológicos obtidos no decurso das escavações dos concheiros de Muge, Mendes Corrêa, ao referir o Cabeço da Amoreira ensina (2): «Apareceram alguns fragmentos cerâmicos, mas que, sem dúvida, se podem considerar provenientes de intrusões ulteriores, são,

(1) Mendes Corrêa — *Anthropologie et préhistoire du Portugal*; «Bulletin des Études Portugaises», I, 1941; *A propósito do Homo Taganus*, 1941; *Pré-História e gente do Ribatejo*, 1941; *Novas Estações Líticas em Muge*, I Congresso do Mundo Português, 1940.

(2) A. A. Mendes Corrêa — *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XVIII, pág. 7, sep., 1934.

porém, de notar, um vaso grosseiro, sem decoração, de fabrico manual, com aspecto neolítico, e dois fragmentos com mamilos perfurados, possivelmente também subseqüentes ao mesolítico. É imprudente considerá-los, sem hesitação, da camada arqueológica mesolítica. Nesta abundam apenas pedaços informes de barro mal cozido». (Fig. 1).

Vemos pela douta opinião, acabada de transcrever, que os últimos habitantes dos concheiros de Muge já conheciam o proveito da plasticidade da argila, largamente utilizada no revestimento das empalissadas, das empenas, das lareiras das choças que lhes serviam de moradia.

É nossa opinião que o vaso cerâmico encontrado resulta duma sobreposição de povoamento intencional e posterior, uma vez que os estratos não apresentavam sinais de revolvimento; não é defensável a progressão do vaso devido à acção da gravidade, todos os fragmentos estavam juntos *in situ*. Embora recolhido numa camada profunda deve ser considerado como representando o final do povoamento e os primeiros contactos com as populações neolíticas, e não reputado como mais remoto, uma vez que a estratificação do concheiro não teria sido horizontal, antes próxima dum parabolóide.

É viável supor a existência, com tais testemunhos, como por outras razões o afirmou Breuil e subsequentemente Obermaier (1), duma etapa proto-neolítica para o final da ocupação humana que alguns depósitos dos rebotalhos de Muge representam. No entanto, melhor será valorizar os achados cerâmicos, esperando que ulteriores investigações, nos concheiros, nos tragam melhores e mais numerosos informes para o estabelecimento duma cronologia relativa entre cada um e os vários concheiros e

(1) H. Obermaier — *El hombre fósil*, 2.^a ed., pág. 395, 1925.

a possibilidade de situar, mais exactamente, a data do abandono daqueles lugares.

É minha impressão que o término da ocupação humana dos concheiros de Muge deve estar ligado com a chegada das gentes portadoras do machado cilíndrico, domesticadoras do cerdo e conhecedoras duma agricultura aperfeiçoada.

«A descoberta no Cabeço da Amoreira, de covas, abertas na areia estéril da base e cheias de conchas (muitas por abrir), carvões, espinhas de peixe, etc., evoca a ideia de depósitos de provisões, como os silos da aldeia de El Garcel, explorada por Siret. Mas estes eram maiores e mais complicados e a estação de El Garcel, embora *tarde-noisense* e com uma utensilagem microlítica, possuía já pedra polida, que não existe em Muge» (1).

Para a solução deste apaixonante problema da transição do *mesolítico* ao *neolítico*, uma estação como os concheiros de

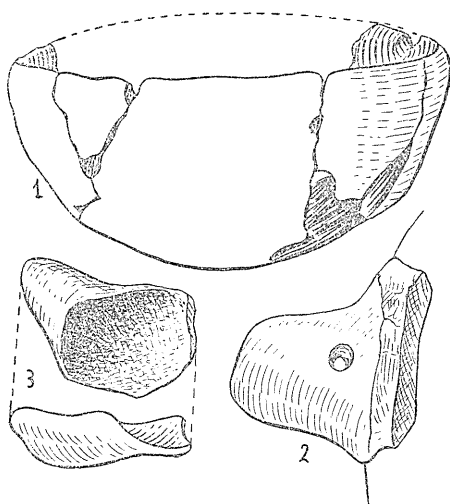


Fig. 1 — Espólio cerâmico do Cabeço da Amoreira, Muge; 1 — Vaso de barro escuro, não polido; 2 — Fragmento de vaso mostrando uma das asas; 3 — Fragmento de uma colher, fabricada no mesmo barro do vaso hemisférico. Red. 1/2.

(1) A. A. Mendes Corrêa — *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XVIII, pág. 5, sep., 1934.

Muge pode fornecer melhores elementos, maiores possibilidades de avaliação, em especial sobre a, ou não, existência de influências africanas nas populações de caçadores já sedentarizados que ocupavam a Península desde o *paleolítico superior* até ao *neolítico*.

Para Gordon Childe ⁽¹⁾, a civilização tardenoisense é testemunhada pelo aparecimento de sílices pigmeus, ou micrólitos, engenhosamente talhados segundo formas geométricas regulares, utilizados por populações que acampavam exclusivamente em terrenos arenosos ⁽²⁾, em parte consolidados e revestidos de mata ⁽³⁾, abrigando-se em cabanas construídas de vimes ou ramaria revestida de barro, enterradas parcialmente no solo. Deste revestimento apareceram inúmeros testemunhos, na escavação dos concheiros de Muge, constituídos por argila endurecida, com moldagens de vegetais incorporados na pasta.

O *tardenoisense* teria a sua origem no recuo para o setentrão, no fim da época glaciária, de emigrantes afugentados pela dessecação do Sáara. Conservariam a sua forma de viver primitiva, nos seus instrumentos perduraria a tradição microlítica, embora nas suas vizinhanças existissem populações com uma economia de carácter neolítico, onde se conhecia já a técnica da produção de alimentos.

O aparecimento de vasos cerâmicos neolíticos em Muge e nas Areias Altas, num meio industrial de carácter mesolítico ou asturiense não é caso único. Podemos encontrar inúmeros paralelos: em Sauveterre (Lot-et-Garonne) foram encontrados micróli-

(1) *L'aube de la civilisation Européenne*, pág. 24.

(2) G. Clark — *The Mesolithic Settlement of Northern Europe*, págs. 190-4, Cambridge, 1936.

(3) Childe — *L'aube*, etc., pág. 24.

tos tardenoisenses associados com cerâmicas decoradas com os dedos e pontas de flecha (1).

Certos tipos tardenoisenses — trapézios e crescentes — de uso corrente entre estas populações da Península Hispânica, da França e da Rússia meridional, podem denotar a absorção dos caçadores desta época pelas populações produtoras de alimentos. O micró-lito não deve pois ser tomado como sinónimo de mesolítico (2).

Campigny (Seine inferior), outrora indicada como uma estação-tipo da civilização mesolítica, é agora considerada como o estabelecimento característico dos inícios intrusivos da civilização neolítica ocidental na França, tal como para a Dinamarca é a cultura de Ertebolle.

Outros concheiros, como o Cabeço dos Morros (3), fornecem lâminas retocadas e trapézios cuja tipologia perdurou até ao *neolítico*.

Igualmente para Bosch Gimpera (4) os negróides de Muge seriam originários do mesmo foco de que resultaram os homens do *neolítico africano de tradição capsense*, em que também se encontra um duplo elemento dolicocefalo e braquicefalo.

A suposição da perduração do povoamento da região de Muge no dealbar dos tempos neolíticos não é gratuita, antes é confirmada pelo aparecimento no Cabeço da Amoreira do tal bem conservado vaso hemisférico, sem ornamentação e que junto a muitos outros restos cerâmicos nos mostra a ocupação tardia dos concheiros (5). (Fig. 1).

(1) Coulonges — *Mem. Inst. Pal. Hum.*, 14, pág. 26, 1935.

(2) Childe — *Op. cit.*, pág. 26.

(3) Afonso de Paço — *Novo Concheiro do Vale do Tejo*, «Brotéria», Lisboa, 1938. Mendes Corrêa — *Novas Estações Líticas em Muge*. M. Almagro — *Op. cit.*, pág. 2.

(4) *El Mesolítico Europeu*, «Ciência», México, pág. 301, 1946.

(5) A recolha deste importantíssimo documento deve-se ao Sr. Dr. Alfredo de Athayde, Professor de Antropologia da Universidade do Porto.

Aparece-nos, portanto, de mistura com uma indústria microlítica, de fácies mesolítico, um vaso cerâmico manual, cozido ao sol, de fundo hemisférico, e muitos outros fragmentos de vasilhas e de argila seca ou endurecida ao sol e que parece ter servido para proteger, revestindo, as paredes feitas de restos vegetais. Foi também encontrada uma colher de cabo curto, feita no mesmo barro do vaso hemisférico atrás descrito, semelhante a outras encontradas nas antas da Beira Alta e do Alentejo oriental. (Fig. 1, n.º 3).

É comparável à que foi encontrada em Las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada) e hoje se encontra no Museu de Granada (1).

A colher de cabo curto é típica do *neolítico Ibérico* e do Oeste da Europa, figurando entre os objectos que o ligam às culturas neolíticas mais antigas do vale do Nilo (2).

A colher aparece igualmente na anta do Rio Torto, Beira Alta, num espólio essencialmente neolítico (3). Surge do mesmo modo nos silos de Campo Real, na Andaluzia (4).

Mas temos mais as contas discóides, de cerâmica cozida, com um furo feito na pasta ainda fresca e recolhida no sector IJ na camada média, 2.º troço, a 15-8-930, conjuntamente com os 4 dentes polidos e perfurados em V que foram considerados como amuletos. Os discos de ardósia, com furo de suspensão, — sector GH, camada profunda — podem ser facilmente compará-

(1) Mem. Mus. Arq. Prov., VIII, 127, xxxvii, 9.

(2) Georg e Vera Leisner — *Antas de Reguengos de Monsaraz*, pág. 100, 1951.

(3) Museu Etnológico de Belém, n.º 9.288.

(4) Ver Leisner — *Meg. Gr. Est. 162, A. 13-2*; San Valero — *La Península*, pág. 31; Dechelette — *Manuel I*, pág. 555, fig. 202, I, 5; Philippe — *Fort, Harrouard*, Est. xxvi, 1, 3, 6, 13; Menghin — *Et. Origen*, « Ampúrias », IV, 1942.

veis aos que foram encontrados nas antas do Monte Mósinho que revelaram trapézios em tudo idênticos a alguns dos concheiros de Muge.

Consequentemente e ao que parece, uma parte superior dos estratos de Muge, com os seus leitos de pouca regularidade, ou dispostos em camadas discordantes, está já matizada com elementos do neolítico, chegados das zonas costeiras do Mediterrâneo, com cerâmica; comparar o vaso e demais indústria com os materiais da Cueva de la Rabosa ou dos Melones, de La Valltorta (Albocácer de Castellon) (1).

Este achado de restos cerâmicos em Muge vem esclarecer a época transitiva *mesolítico-neolítico* na Península, confirmando os elementos entrevistos na escavação da Gruta de la Cocina — Dos Aguas (Valência), onde o seu nível I (2), forneceu cerâmica feita à mão, geralmente muito tosca, de pasta mal preparada e de cocção defeituosa e que, pelo seu espólio, foi incluída no neolítico inicial, no entanto culturalmente mais rico, que o de Muge, onde não foi encontrado qualquer instrumento lítico polido *in situ*. Nesta gruta aparecem também pontas com pedúnculo lateral, tal qual no Cabeço da Amoreira e no Cabeço dos Morros.

Segundo Pericot: «El paralelo con Muge es tentador. Pero la cronología de sus concheros es difícil. En este momento diremos sólo que caso se aceptasse el paralelo, el Cabeço de Amoreira seria el equivalente de nuestros niveles medio y superior». Confirma-se assim que os começos do *neolítico* transcorrem na Península, dentro dum mundo mesolítico de pequenos caçadores. O qual perdura no instrumental que continuará constituindo a

(1) Cfr. *Ampúrias*, VI.

(2) Luis Pericot — *La Cueva de La Cocina (Dos Aguas)*, Archivo de Prehistoria Levantina, II, 1945.

base industrial, em que se apoia o *neolítico*, durante larguíssimos anos (1).

Entre os achados do concheiro da Moita do Sebastião encontraram-se igualmente fragmentos da argila de cabana e restos de louças grosseiras ligeiramente ornamentadas (2). Deste mesmo lugar são os ossos polidos, placas de xisto com cavidades pouco profundas, obtidas por rotação e calhaus arredondados e muito bem polidos numa das extremidades.

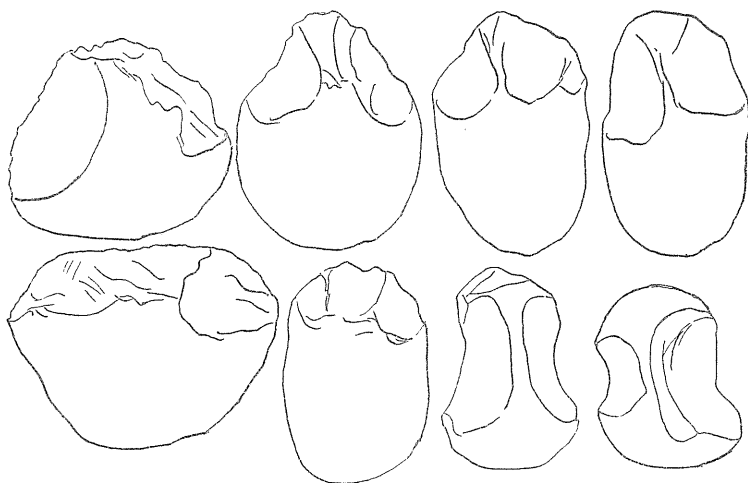


Fig. 2 — Espólio lítico duma das habitações do povoado das Areias Altas, Porto. Todos os instrumentos foram trabalhados em quartzite. 1/3 aprox.

Pelos achados cerâmicos dos concheiros de Muge bem podemos supor que, nos primeiros tempos da difusão das práticas agrícolas, as nossas populações utilizavam, com o seu mobiliário de talhe microlítico, cerâmicas não ornamentadas, que podemos

(1) F. Jorda Cerdá y J. Alcacer Grau — *Las pinturas rupestres de Dos Aguas*, «Servicio de Investigacion Prehistorica», n.º 15, Valencia, 1951.

(2) Nils Aberg — *La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, pág. 12, 1921.

supor derivadas dos anteriores odres feitos de mucosas animais, protótipos estes de larga difusão entre estas gentes de caçadores e pescadores.

Eram populações a cujo sentimento estético só impressionava a eurtmia da forma, o volume dos objectos, sentimento fundo e perdurável e que veremos exteriorizar durante milénios.

Dos estudos dos materiais recolhidos nos estratos superficiais de Muge ou das Areias Altas verificamos que o *neolítico inicial* seria pois representado por cerâmica grosseira, feita à mão, sem ornamentação, utilizando como material plástico o barro impuro local.

Esta fase nova dum *neolítico* integrado num meio industrial de forte tradição mesolítica é ampliada pela consideração do espólio da sepultura do Vale das Lages, onde entre os micrólitos trapezoidais, já evoluídos, nos aparece um instrumento polido neolítico (1). É mais uma vez verificada a perduração de elementos arcaicos entre populações que, influenciadas por novas descobertas, continuam vivendo a sua primitiva cultura. No entanto, não deixamos de referir a forte sobrevivência dos micrólitos que chega à cultura dos sepulcros megalíticos do ocidente Atlântico, no seu período mais remoto ou recente.

Paralelamente com a cultura microlítica dos concheiros de Muge, desenvolve-se no noroeste peninsular uma outra cultura, *o asturiense*.

Nesta época, a utensilagem, de tradição paleolítica, feita de osso é reduzida, sendo, ao contrário, numerosos os artefactos chamados picos: singelos godos trabalhados unifacialmente e mais ou menos aguçados, terminados em ponta e que deviam

(1) A. A. Mendes Corrêa — *A Sepultura do Vale das Lages e os Eólitos da Ota*, «Bull. Assoc. Catalana de Antropologia, Etnol. e Prehist.», III, Barcelona, 1925.

servir, principalmente, para destacar dos rochedos os moluscos constitutivos, quase exclusivamente, da alimentação destas gentes.

Com estes instrumentos aparecem, em alguns casos, desperdícios de cozinha dos seus usuários e a sua situação denota uma habitação ao ar livre; vida somente possível dentro de um clima mais quente, que o das anteriores épocas paleolíticas ou epipaleolíticas. É igualmente mais cálido que o do norte da Europa, onde decorre o *mesolítico II* ⁽¹⁾ e, pelos mesmos considerandos se conclui que tal clima seria ainda mais quente que o actual.

Supõe-se que, nestas regiões do noroeste peninsular, as indústrias do *paleolítico inferior*, do tipo de machadinhas, persiste e não quebra a continuidade durante os tempos mesolíticos. Ao que parece, estas populações ficaram isoladas e qualquer mudança climática modificou a sua forma de vida, volvem a ser recolectores e a sua alimentação fica quase que circunscrita aos moluscos do litoral. Serpa Pinto acreditou na origem portuguesa desta cultura, onde no norte se acantonaria uma população marginal, descendente do paleolito remoto, população que manteria alguma das suas técnicas industriais, podendo relacionar-se o godo talhado em bico, *do asturiense*, com antigos instrumentos paleolíticos. (Fig. 2).

Este conjunto cultural aparece-nos, nos seus níveis superiores, misturado com cerâmica grosseira, de paredes espessas e sem decoração, o que nos leva a supor estarem já estas populações em relação com o neolítico de tradição mediterrânea. (Fig. 3).

No entanto, esta cultura, a avaliar pelas minhas escavações do povoado das Areias Altas (Porto), perdurou ao longo de todo o *epipaleolítico*, chega mesmo a um *neolítico avançado*, já conhecedor da metalurgia, com pouquíssimos instrumentos de talhe microlítico, sem armas polidas, sem pontas de flecha de talhe bifacial.

(1) Bosch — *Op. cit.*, pág. 30.

Pelos testemunhos encontrados em vários locais do litoral do N. O. peninsular sabemos que a descoberta da olaria chegou igualmente ao conhecimento das populações recolectoras da orla marítima que, seguindo técnicas remotas, utilizavam os singelos *godos* talhados unifacialmente e mais ou menos aguçados, para mais facilmente destacar dos rochedos os moluscos constitutivos quase exclusivamente, da sua alimentação.

Constatamos assim que, a introdução das invenções neolíticas deve ter seguido um caminho marginal e marítimo (?) e que só a cerâmica é novidade, uma vez que, quer nas camadas dos concheiros de Muge, do Porto, dos Cantabros e Astúrias, não nos aparecem instrumentos polidos.

Alguns, como a estes primeiros vestígios da cultura neolítica peninsular não faltem paralelos no neolítico da Europa Central, e remoto parentesco

que a liga a culturas pré-dinásticas do Egipto, depõem a favor da tese, de que novas correntes tivessem surgido na África do Norte, talvez com um centro comum, do qual se expandissem tanto para o Oriente como para o Ocidente. Alcançaram assim a Península Hispânica em ondas sucessivas, no decurso do terceiro milénio anterior a Cristo. As pontas de seta pedunculadas, afins dos tipos saarianos e até, talvez, as raízes de toda a bela indústria de retoque facial do sílex, que tem o seu apogeu no Egipto, poder-se-ia atribuir aquela mesma comunidade cultural. Na cultura

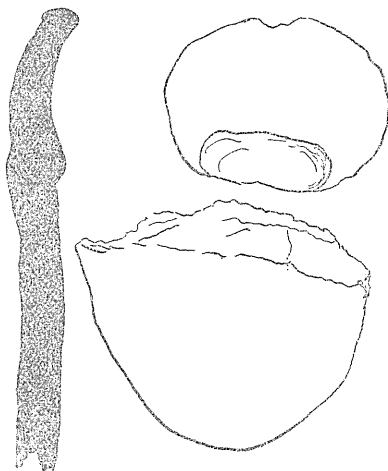


Fig. 3 — Areias Altas. Perfil de um vaso, no interior do qual foram encontrados os instrumentos representados. Red. 1,2.

megalítica, tais afinidades só surgem numa fase mais avançada. Faltam ainda os elos de ligação que nos permitam relacionar, também com o predinástico egípcio, o uso de placas de xisto, as quais além do seu já discutido significado religioso, não raro, apresentam vestígios de fricção na face superior, o que se quadra com a aplicação prática que se atribui aos exemplares egípcios.

Após um curto florescimento das teorias orientalistas, volta-se a atribuir novamente à Europa uma força criadora na evolução arquitectónica do *neolítico* e *bronze inicial* (1). Tem aumentado, nos últimos anos, o número de arqueólogos empenhados em justificar a existência de uma ligação mais íntima entre a *cultura megalítica* e o *neolítico europeu* (2).

Defende Santa-Olalla a existência de um *neolítico antigo* caracterizado por uma indústria muito primitiva, correspondente a um *neolítico de machadinhas* pertinente ao complexo *campigiense*, paralelo a um outro neolítico, que se poderia chamar *capsense* com a sua indústria microlítica de sílex, que se ajusta ao complexo cultural de lascas pequenas e lâminas de trabalho fino e cuidado, de formatos sumamente especializados, incluídos na denominação de *tardenoisense* (3).

«Esta cultura, que en España no habria inconveniente en llamar asturiense, incluso sin el sincronismo con las cuevas cantabricas, está dotada de una fortisima vitalidad,» . . . «aunque no todos son sincrónicos ni puros, sino que, por el contrario, demuestran una persistencia larga, desigual y mezclada entonces logi-

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 172.

(2) J. Hawkes — «Revista de Guimarães», xxx, LIX, 1949, pág. 120 ss.; L. Pericot — *La España primitiva*, pág. 146.

(3) Júlio Martinez Santa Olalla — *Sobre el neolítico antiguo en España*, «Atlantis», xvi, pág. 100, 1941.

camente con otras culturas, que ahora será preciso ir estudiando en los detalles, puesto que parece evidente que en España existe un neolítico de cuarcitas talladas por percusión, el chalosiense de Passemart que nos otros llamamos asturiense y que en el neolítico antiguo ocupa España seguramente en su totalidad» (1). «Frente a este neolítico de hachas existe otro capsiese microlítico, tardenoisense si se quiere, tenido en muchos casos como paleolítico, que tiene fazes muy antiguas, cual ocurre en nuestros concheros de Mugen y en algunas cuevas andaluzas y levantinas, que se caracteriza por raspadores, trapecios, hojillas, puntas, gajos, buriles, etc., que enlazan culturologicamente con las industrias de hojas paleolíticas, cuya extensión tiene carácter general en España y cuyas persistencias, sobre todo en la cultura iberosahariana del neolítico reciente e incluso en el bronce primero» (2).

Pouco sabemos acerca da chegada das primeiras gentes conhecedoras de cultura agrícola primitiva, ou antes se preferimos da expansão dos costumes que a levam a esta forma de economia. É uma questão por agora difícil uma vez que grande parte dos materiais recolhidos, não o foram e em muitos casos, com um método assaz perfeito, pelo que nos temos de socorrer dum arrumo provisório, estabelecendo para tal uma sistemática tipológica, sempre defeituosa por subjectiva.

No momento, não nos podemos pronunciar sobre a derrota seguida por estes elementos culturais trazidos, provávelmente, por povos de tipo levantino que procuravam tanto os terrenos marginais dos rios (Muge e Areias Altas) como as alturas de fácil defesa, de interior (Figueiró da Granja, Corgo da Maga). Na zona

(1) Santa Olalla — *Op. cit.*, pág. 102.

(2) Idem — *Op. cit.*, pág. 103.

granítica do centro de Portugal não aparecem as grutas pelo que não são habituais estas formas de residência do neolito. Com o desenvolvimento do estudo dos restos do Castro de Figueiró da Granja ou do Corgo da Maga (Est. III), melhor conheceremos o viver colectivo destas populações.

A perduração, no povoado das Areias Altas, de instrumentos de tipo asturiense, associados a cerâmicas dum *neolítico final*, ou princípios do *bronze I*, pode indicar-nos a existência em tal época de populações recolectoras, bem alimentadas, cuja localização não impunha qualquer razão que as obrigasse a modificar grandemente a sua economia. Se o aparecimento de moendas (Muge e Areias Altas) nos indica já o cultivo de cereais, a sua topologia litoral, numa costa rochosa, ou abundante de mariscos e pescado, não os obrigava a lançar mão da pastorícia em larga escala. Tal situação não implicava uma disciplina austera como a da vida em aglomerados. Ao contrário as populações neolíticas dos planaltos da Beira Alta, representadas pelas primeiras camadas do Corgo da Maga e do Castro de Figueiró, tinham que basear a sua alimentação na caça e na domesticação dos animais, além do cultivo de cereais, pois que, nestes povoados, igualmente nos apareceram pedras de moinho.

Sob o ponto de vista económico, podemos considerar os habitantes do povoado das Areias Altas, como pescadores e agricultores — com réplica actual nas populações de Aver-o-Mar, Aguçadoura e Apúlia — que se alimentavam de moluscos do litoral — *Patellas* e *Trochus* sobretudo — e de cereais farinados e cozidos em pedras enrubescidas.

No entanto, a agricultura de enxada seria ainda reduzida, perdurariam os hábitos caçadores e a recolecção constituiria a principal base económica. Pelo que sabemos coexistiriam, mais tarde, nesta região interamnense — Tejo-Douro — duas culturas distintas: uma de agricultores, outra de pastores, de tradição

vetusta, mas ambas utilizavam a caça e a pesca como uma das suas bases para a obtenção de alimentos.

A partir dum momento, distanciando de nós mais de cinco mil anos, começará a difundir-se a cultura neolítica.

Na região da Beira, embora subordinados a aspectos parciais e fragmentários, vão-nos surgindo testemunhos da vida neolítica. Entre estes, outros surgem, que mostram a permanência de antigos usos. Talvez mais tarde, quando esta época da nossa proto-história for conhecida mais profundamente, possamos referir, com pormenor, quais as populações nómadas e dedicadas à pastorícia ou à caça que foram modificando a sua maneira de viver quando em mais íntimo contacto com aqueles outros povos pertencentes ao ciclo matriarcal agrícola (Est. IX). Seria então possível joeirar alguns elementos que nos ensinem sobre o comportamento das populações pertencentes aos ciclos «Patriarcal totemista» (caçadores) e «Patriarcal nómada» (pastores).

Têm sido colocados neste período da humanidade os materiais recolhidos no Forno da Cal e Vinha da Rainha (Soure); Santo António de Urmeiro, nas margens da lagoa de Albufeira (Várzea do Lírio); as grutas dos Alqueves (S. Martinho do Bispo) com sílices microlíticos e cerâmica; Orca dos Palheiros (Senhorim), etc. Este estado cultural também nos é comprovado pelo espólio dos sepulcros megalíticos da Orca do Outeiro do Rato (Nelas), Orca dos Padrões, Orca da Carvalhinha e Cunha Baixa (Mangualde) (Fig. 10), moimentos similares aos de Alvão, Vila Real, Bragança e Arcos de Valdevez onde foram encontrados machados incipientemente polidos, toscos, de forma triangular, por vezes trapezoidal, de secção biconvexa ou rectangular e sempre fabricados de rochas duras tais como dioritos, anfíbolitos, quartzites e xistos. A abundância de microlitos de talhe geomé-

trico permite a ilação da proximidade ou da persistência da população epipaleolítica de caçadores e pastores. A mesma indicação é-nos fornecida pela demais indústria lítica: pontas de seta, raspadores, etc., que no entanto se apresentam com uma forma mais regular.

Volta-se, em parte, a teorias antigas, porém Leisner, baseado em explorações inéditas de Heleno, não acredita na prioridade da pequena câmara poligonal como tipo mais antigo, nem na

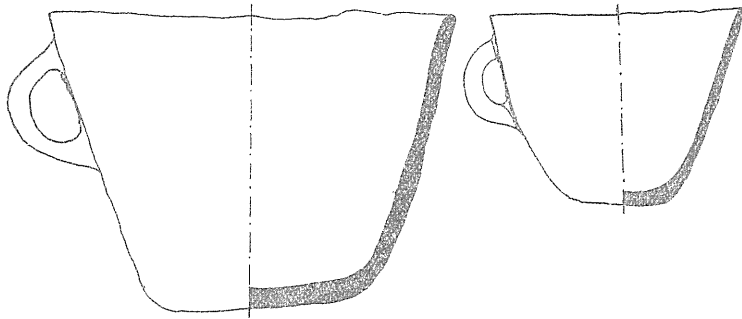


Fig. 4 — Vasos tronco-cónicos, com asa lateral, recolhidos no povoado das Areias Altas, Porto. Red. 1/3.

sequência evolutiva da sepultura megalítica para a de cúpula. Defende uma evolução autóctone da sepultura megalítica em Portugal, problema esse para cuja solução as antas de Reguengos forneceram novos esclarecimentos: tais como, «em primeiro lugar, o aparecimento de espólio neolítico em dólmenes de corredor; em segundo lugar, a construção de duas *tholoi* posteriormente a dólmenes de corredor, e, finalmente, o reconhecimento de duas correntes culturais diferentes nas antas». Uma delas mostra uma evolução sobre bases neolíticas; a outra revela no seu material estarmos em tempos mais avançados do eneolítico (*bronze I*).

No decurso destas investigações foram observados determinados factos que estabeleceram uma íntima relação entre os estratos neolíticos e a cultura megalítica de maneira que jamais pode ser defendida a teoria de serem os pequenos dólmenes, sem corredor, apenas formas degeneradas (1).

Todos estes factos permitem admitir a hipótese de que o pequeno dólmen em forma de galeria, teria sido, no Alentejo, o tipo mais antigo. «Posto que ainda falte uma documentação integral, já se nota, também no ocidente da Península, uma evolução que, em todos os períodos, conserva características da sepultura de galeria». A confirmação desta hipótese esclareceria vários problemas. Explicar-se-ia assim a evolução da técnica construtiva das grandes antas portuguesas.

«Consequentemente, a cultura das pequenas antas poderia ser equivalente à das sepulturas neolíticas do Levante e a sua origem poderia caber numa das correntes mais antigas da neolitização da península»; no entanto posterior ao estrato neolítico de Muge.

«A existência de sepulturas de espaço alongado, em Portugal, colocaria, numa época mais avançada a divisão das formas architectónicas em sepulturas de corredor e sepulturas de galeria. A divulgação do primeiro destes tipos pelas costas Atlânticas ocidentais e do meridiano apenas se teria efectuado na segunda época da evolução megalítica portuguesa, época que corresponde ao *ibero-saariano* e ainda ao *periodo do vaso campaniforme*.

Nesta *segunda fase da cultura megalítica*, é sobretudo a cerâmica, que, pelo parentesco das suas formas com as da *cultura almeriense*, testemunha a existência de uma comunidade cultural entre o sudeste e o ocidente da Península.

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 174.

É muito possível que a escavação das pequenas antas, sem corredor, do plaino do Ladário, sobranceiro à Seixa — Vouzela que contêm machados polidos cilíndricos (Est. IV), facto raro na Beira Alta, região onde predominam os machados rectangulares, nos forneça os necessários elementos locais para o estudo dos megálitos sem corredor, semelhantes aos Monte Mòsinho, do Alentejo, Montemor-o-Novo, Lavra e Canha (1), Pavia (2) e na região do Guadiana, herdade de Font'Alva (3).

Leisner, durante as suas viagens de estudo pelo Alentejo, viu, em várias regiões, pequenas sepulturas deste tipo, às vezes três ou quatro reunidas na mesma herdade. Na anta 11 da herdade das Areias, architectonicamente incluída neste tipo, foi encontrado um espólio não pertinente à época neolítica, o que indica um adiamento sobre as conclusões relativas à expansão do tipo primitivo da sepultura megalítica até que, ulteriores escavações, em várias regiões, ofereçam bases certas. De acordo com a teoria defendida por Childe (4) de que o foco originário de uma cultura abrange geralmente uma área limitada, é talvez, defensável ter sido o Alentejo ocidental o centro da expansão do tipo primitivo do pequeno dólmen, sem corredor, em forma de galeria (5). Antas com câmara poligonal e corredor curto, construído com duas grandes pedras, aparecem na Beira Alta — antas de Penedono. Este tipo de câmara em polígono regular, com o corredor formado por dois grandes esteios, relativamente raro nos concelhos do Alentejo ocidental, é na parte oriental desta região o tipo característico da architectura megalítica,

(1) Escavações inéditas do Doutor Manuel Heleno.

(2) Virgílio Correia — *Neolítico de Pavia*, págs. 35, 57, 62, 70.

(3) Escavações do Tenente-Coronel Afonso do Paço.

(4) *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, 1931-33, págs. 120, 137.

(5) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 21.

estando igualmente amplamente documentado nos arredores de Castelo de Vide e Marvão, estendendo-se para Niza e para o lado espanhol de Vila Nueva del Fresno (1).

Há também tipos arquitectónicos cujas analogias se encontram naquela fase cultural, da qual o protótipo alentejano é a placa de xisto gravada. Estas são as antas de câmara alta que contêm espólios eneolíticos. As plantas das suas câmaras são, em geral, mais regulares e semelhantes às das antas de Pavia.

Nesta época os monumentos funerários megalíticos: as orcas, antas, antelas, arcas, merouços, etc., apresentam-se com uma câmara de planta poligonal simples e formando um abrigo em tronco de pirâmide com os lados constituídos por grandes lajes graníticas. As lajes são de enormes dimensões, toscas e não revelam qualquer preparo intencional. Alguns deles atingem proporções consideráveis — Pendilhe, Matança, Forçadas, Antelas, Paranho de Arca, etc. (Ests. VI, VII, VIII), e é possível que pertençam já aos primórdios do *bronze*. Aparecem outros monumentos com o mesmo aspecto, porém, dum e doutro lado da entrada fincaram, os seus construtores, duas lajes paralelas e mais baixas de modo a formar um começo de corredor — Nelas — Orca dos Padrões, Carvalhinha, Touro, Satão, Vermilhas. Ventoso (Caramulo), Cortiçô, etc. (Est. VIII).

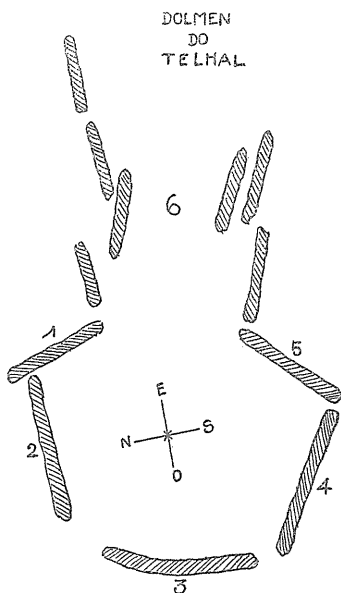
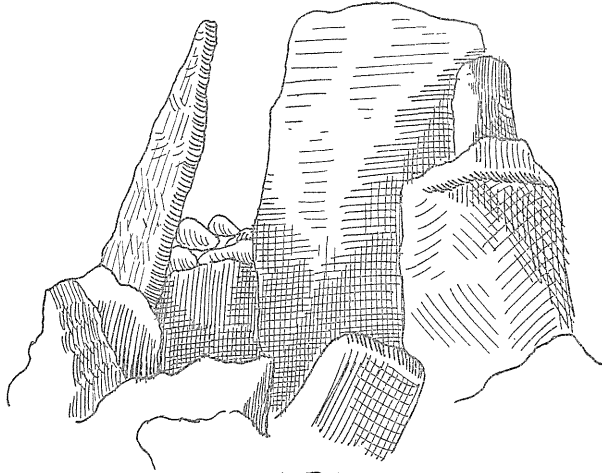


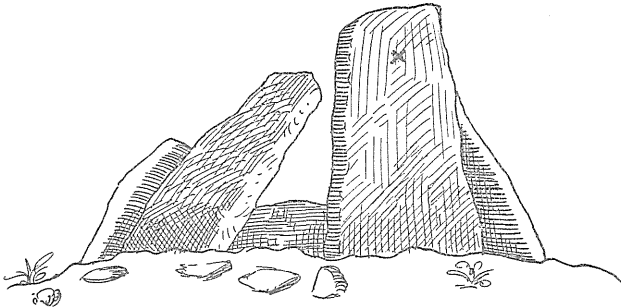
Fig. 5 — Planta do dólmen do Telhal, Meda. Seg. Luís de Pina.

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 33.

«Bem sabido é que os dólmenes de Alvão foram considerados, durante muitos decénios, não só como os mais antigos de Portugal, mas também como o foco originário de toda a cultura



L. Este

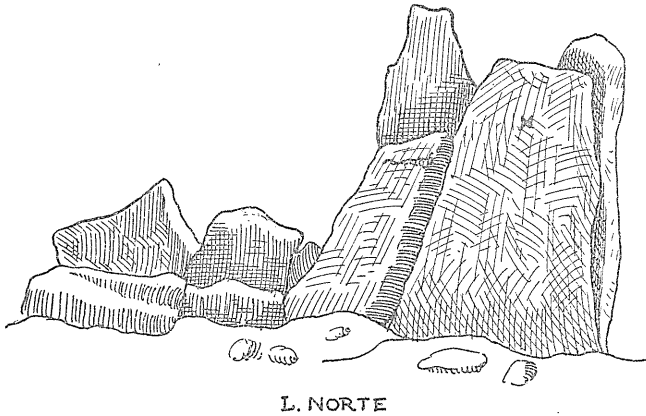


L. N.OESTE

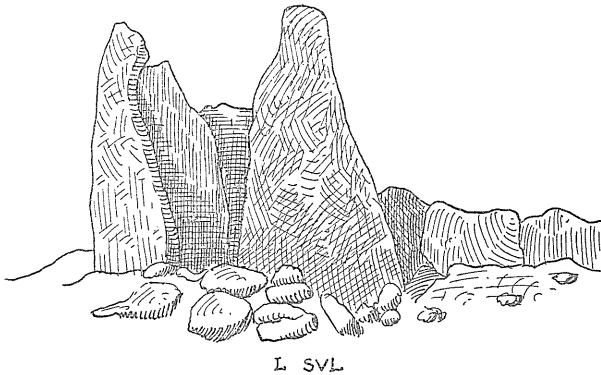
Fig. 6 — Alçados do dólmen do Telhal. Meda. Seg. Luís de Pina.

megalítica da Península; teoria que foi abolida pela ciência moderna. A possibilidade de comparar alguns dólmenes de Alvão com antas do mesmo tipo de Reguengos, estas últimas de espólio neolítico mais definido, confirmou a revisão desta teoria. Infelizmente, o material das antas do Alvão, proveniente

das escavações de J. Brenha e P.^o R. Rodrigues, conserva-se nas colecções do Museu Etnológico e na do P.^o Rodrigues, em Telões, sem distribuição dos objectos pelas diferentes antas. Os dólmenes comparáveis às antas de Reguengos são os n.^{os} 4



L. NORTE



L. SVL

Fig. 7 — Alçados do dólmen do Telhal. Seg. Luís de Pina.

e 7, de Carrazedo de Alvão. Segundo os seus investigadores, o dólmen n.^o 4 continha dois machados e o dólmen n.^o 7 treze, mas não podem ser identificados. Na sua totalidade, o material da necrópole de Alvão mostra uma preponderância do machado de secção rectangular sobre o machado cilín-

drico, a qual, porém, não é aí tão acentuada como em outras regiões megalíticas do Norte do país. Os micrólitos, aos quais se refere a publicação, não se conservam em nenhuma destas colecções. Os poucos restos de cerâmica são grosseiros e provêm de vasos maiores. O aspecto geral do material é o de um *neolítico atrasado*.»

«Em todas as regiões aqui citadas o tipo de anta com corredor de dois grandes esteios, poderia ter provindo de um neolítico local e marcar uma certa fase evolutiva da cultura megalítica que, em regiões mais afastadas das correntes culturais provenientes do litoral, sobreviveu até épocas posteriores. Naturalmente, tal teoria é apenas hipotética e exige, para a sua confirmação, novas escavações nas províncias do norte de Portugal. Devemos ainda mencionar que alguns dólmenes de Salamanca apresentam reminiscências deste tipo de corredor, que provavelmente foi levado de Portugal para a Catalunha (1).»

Encontramos também outras orcas que se apresentam com uma forma mais complicada: a câmara continua a ser poligonal, mas o corredor é desenvolvido, ganha amplitude. Aumentando o comprimento do corredor de acesso à orca acentua-se a tendência para acabar a distinção entre o corredor e a câmara, que fica subordinada a uma planta próxima do trapézio e finalmente aparece-nos o protótipo do túmulo em galeria coberta.

São inúmeros os exemplos de orcas com corredor conhecidas na Beira Alta: Orca dos Palheiros (Senhorim), Anta do Coval (Couto de Esteves, Gralheira), Orca dos Juncas (Queiriga), Lobagueira, Aboboreira, Vale de Fachas (arredores de Viseu), Telhal (Meda), etc., etc. (Figs. 5, 6, 7, 10).

Das galerias cobertas toma-se para exemplo a casa da Orca (Malhada de Cambarinho, Caramulo) (Fig. 8).

(1) Pericot — *Sepulcros megalíticos*, etc., pág. 121.

A actividade agrícola intensifica-se no *período eneolítico das antas*, como se prova pelos moinhos de mão, pelos sílices de foices e pela abundância de cerâmica, época em que se evidenciam as analogias da *cultura megalítica portuguesa* com a *cultura de Almeria* (1).

Os micrólitos trapezoidais, de tradição mesolítica, perduram longamente, associados com instrumentos mais modernos. Na Beira encontramos-os em várias jazidas, já pertencentes ao *bronze I*: Satão, Sobreda, Cunha Baixa, etc. No mamaltar do Vale de Fachas, aparecem os micrólitos juntamente com pontas de seta de base biconvexa, mais

ou menos acentuada, e outras de base côncava e plana (Fig. 9). Os primeiros grupos são geralmente tidos como mais antigos. As de base côncava e as pedunculadas são mais modernas (2).

O povoado de Vila Nova de S. Pedro, um povoado do *bronze II*, forneceu mais de um milhar de setas de base recta ou côncava (3). O paralelismo cronológico que se estabeleceu para



Fig. 8 — Galeria coberta de Casa da Orca, Malhada de Cambarinho, Caramulo. Seg. Amorim Girão.

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 15.

(2) Afonso do Paço — *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*, pág. 32, Lisboa, 1942.

(3) A. Paço e E. Jalhay — *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*.

Alapraia, em relação a Palmela, talvez possa ser aplicado ao espólio de Vale de Fachas. A posição dos micrólitos na anta do Poço da Gateira forneceu a Leisner (1), uma base para a cronologia relativa de alguns tipos. O micrólito em forma de meia-lua encontrado no fundo da câmara pertence, com certeza, a uma das primeiras inumações, ao passo que o micrólito de base recta, no

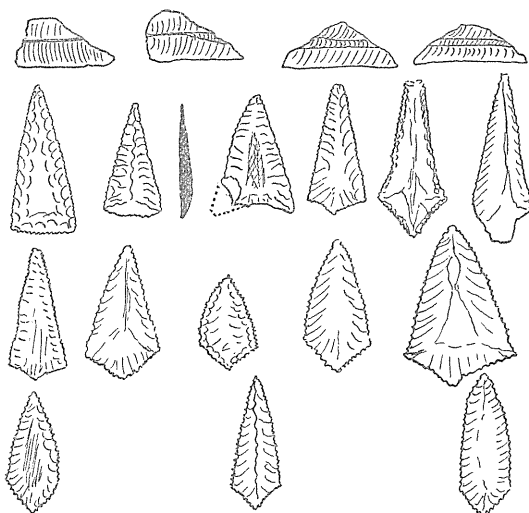


Fig. 9 — Mobilário inédito de sílex, recolhido pelo Dr. Alvelos no Mamaltar de Vale de Fachas, Viseu. Este desenho e outros materiais foram reproduzidos ou utilizados pelo Sr. Moreira de Figueiredo sem minha autorização. Red. 1/2.

corredor, pertence à última inumação. Tal facto coaduna-se com a posição cronológica atribuída aos micrólitos em forma de segmento de círculo. Em Portugal apareceram em várias estações mesolíticas (2), em grutas neolíticas (3) e ainda em grutas de espólio par-

(1) *Antas de Reguengos de Monsaraz*, pág. 56 ss.

(2) Moita do Sebastião — Cabeço da Arruda (Muge).

(3) Gruta dos Carrascos.

cialmente eneolítico (1). Saíram também de dólmenes primitivos da região de Montemor-o-Novo, sendo, porém, rara a sobrevivência deste tipo em antas de épocas posteriores, das quais apenas se podem citar alguns exemplares (2).

Na indústria mais primitiva incluem-se ainda os trapézios do tipo II (3) com os lados de comprimento igual, sobretudo os de tamanho pequeno, trabalhados em lascas de faces finas e estreitas, típicas do neolítico mais antigo (4).

Este tipo rareia nas antas já contemporâneas do *bronze I*, no entanto foi encontrado em várias antas da Beira Alta: anta do Rio Torto, orca do Tanque, orca da Cunha Baixa (Fig. 10); anta de Pedralta e Mamaltar de Vale de Fachas; contrariamente escasseia nas antas alentejanas. Da região de Ponte do Sor, dólmen de S. Bernardo, existe, no Museu Etnológico de Belém, um exemplar do tipo referido e como Leisner por lá entreviu vários pequenos dólmenes que poderiam pertencer ao tipo primitivo, espera, aquele douto Arqueólogo, que o facto de o micrólito desta forma andar ligado ao dólmen primitivo seja confirmado noutras regiões do Alentejo ocidental.

«Estes tipos mais primitivos, aos quais se juntam os triângulos com o lado inferior alongado e as peças de ponta lateral, têm, além de analogias com as indústrias dos concheiros portugueses, afinidades com o *neolítico de tradição capsense* e com o *oraniense* da África do Norte.»

Os trapézios com o lado superior mais comprido (tipo III)

(1) Grutas do Paço Velho (Cascais), Gruta da Galinha.

(2) Anta da Capela — Alentejo; Anta do Rio Torto (Penedono, Beira Alta).

(3) Trapézios com os lados de igual comprimento.

(4) Para Leisner estes micrólitos neolíticos diferenciam-se do tipo semelhante dos concheiros por terem os lados do trapézio não quebrados, mas rectilíneos.

e os trapézios de base recta já mais evolucionados têm uma larga difusão e dilatado emprego. Aparecem-nos em Muge (Cabeço da Arruda) e na Beira Alta, na orca do Tanque e no Mamaltar de Vale de Fachas. Os trapézios com entalhe na base (tipo V), raros nas antas de corredor alentejanas, foram também encontrados nas antas da Beira Alta; antas do Rio Torto e Mendelim. O seu achado frequente na gruta 3 de Palmela pode sugerir um novo facto para

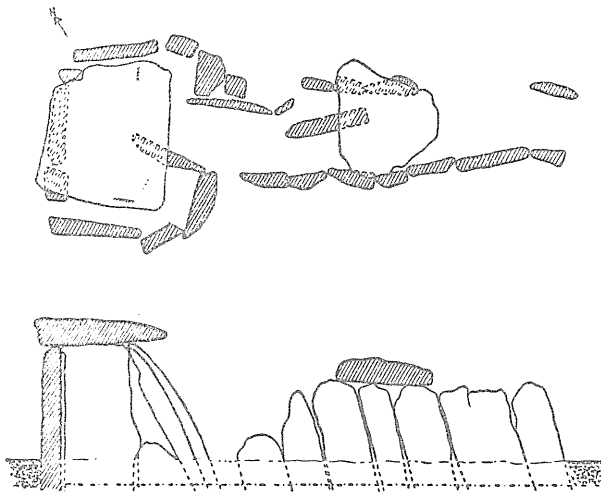


Fig. 10 — Planta e alçado do dólmen de Cunha Baixa, Mangualde. Seg. Leisner.

o estabelecimento de relações entre a *cultura de Palmela* e as coevas populações da Beira Alta. A expansão do povo das antas na Beira Alta, deve ter-se dado na segunda fase megalítica, correspondente à cultura mista de Veiga Ferreira, isto é à influência da cultura do vaso campaniforme nas anteriores populações megalíticas.

Juntamente com as pontas de seta de retoque facial, aparecem nas antas Beiroas as lâminas de sílex de bordos retocados, que não faltam em nenhum espólio do *bronze inicial*; a preponderância da seta de base côncava que parece existir no espólio

das antas da Beira Alta é típica em várias culturas neolíticas do Egipto e do Norte de África (1).

Aí, tal como na Península Ibérica, este tipo é caracterizado pelo retoque bifacial, em contraste com a técnica empregada nas pontas de seta de base triangular, as quais em Portugal derivam de uma indústria de facas, pois conservam ainda, muitas vezes, a forma ligeiramente curva da faca e ostentam um retoque unifacial ou apenas parcial (2).

Como já frisou Leisner, não se acentua, nem uma evolução da indústria que liga o micrólito à ponta de seta de retoque facial, nem qualquer influência da ponta de seta de base côncava sobre o micrólito trapezoidal. Ambos os tipos ocorrem um ao lado do outro, sem qualquer ponto de contacto (3).

São pouco vulgares na Beira Alta os sílices que pelo seu polimento lustroso dos bordos possam ser considerados como elementos de foicinhas.

A divulgação destes elementos de foice prova pertencerem a uma época de agricultura desenvolvida, cujos focos culturais temos de buscar na orla litoral. A sua escassez na zona peneplanáltica, onde proliferou a cultura megalítica, na sua segunda fase, permite a ilação de que estas populações de construtores das orcas se dedicavam a actividades essencialmente pastoris e, provavelmente ainda no início da época do *bronze* se conservavam nas regiões serranas afastadas da costa.

À presença de machados, enxós, micrólitos e louças de tipo

(1) Leisner — *Op. cit.*, pág. 60; O. Menghin — *Merinde-Benisalame*, pág. 178; M. Almagro, *Prehist. del Norte de Africa* — pág. 60; G. Bruton e C. G. Thompson — *The Badarian Civilisation*, pág. 35, XXVI e XXIX; Frank Adison — *The Welcome Excavations in the Sudan*.

(2) Leisner — *Meg. Gr.*, pág. 429 ss.

(3) Leisner — *Op. cit.*, pág., 61.

neolítico nas antas do Alentejo oriental e da Beira Alta, bem atesta a ligação da cultura megalítica com a população neolítica. Encontram-se em muitas antas da Península resíduos da indústria neolítica, tais como micrólitos de tipos posteriores. Em muitas antas alentejanas abundam porém micrólitos de tipos primitivos, pelo que se pensa que os de tipo posterior não revelam somente uma sobrevivência de formas, mas de uma participação activa do povo neolítico, embora por falta de ordem estratigráfica, seja naturalmente impossível dizer quais foram os limites de tal participação cultural.

Nas províncias do norte de Portugal e na Galiza, predominam, em todas as zonas dolménicas, os machados de secção rectangular, alcançando na Beira Alta a percentagem de 95 0/0 (1). Comparando a difusão do machado cilíndrico com a dos tipos arquitectónicos, acentua-se (2) uma certa relação entre a divulgação da anta com corredor, de dois grandes esteios e o machado cilíndrico.

No litoral ocidental de Portugal o machado cilíndrico está bem documentado nas grutas naturais e artificiais, aparecendo também na região dolménica da Figueira da Foz (3).

Em todas as regiões dolménicas onde prevalece o machado de secção rectangular, escasseiam as enxós. Igual aspecto é notificado pelos investigadores do castro de Vila Nova de S. Pedro (4). Os quais, então, confrontam a indústria deficiente de pedra polida com a perfeição dos objectos de sílex, aspecto também apresentado pelas orcas da Beira Alta. Poderemos ligar este facto com o modo de viver destas populações, certamente baseado na caça.

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 49.

(2) *Op. cit.*, págs. 49 e 32.

(3) Leisner — *Op. cit.*, pág. 49.

(4) E. Jalhay, Afonso do Paço — *Vila Nova de S. Pedro*, págs. 21, 22.

Pelo contrário, na área litoral da Beira onde prevalecem os machados e enxós, de forma perfeita e bem acabadas, simultaneamente com uma indústria primitiva de sílex, com retoque facial, surgem as ilações da existência de um mais generalizado amanho da terra.

Esta prática cultural, a agricultura de enxada, segundo vários autores (1), pertence a várias civilizações neolíticas, tanto ao círculo danubiano, como ao neolítico da Europa ocidental e do norte de África. São porém diversas as opiniões sobre qual teria sido o instrumento que servia para rasgar a terra. San Valero admite serem os machados cilíndricos os empregues, no *neolítico ibérico*, para tal fim (2).

As enxós destinaram-se para afeiçoar a madeira (3). Vários factos, levam Leisner a defender o emprego da enxó como instrumento para cavar a terra (4). A maneira de encabar o machado parece contrariar a sua utilização para cavar. Nestes, o gume dispunha-se paralelamente ao cabo e as asperezas da parte superior do machado, picada de propósito (?), facilitavam a aderência do cabo (5), que se teria efectuada, segundo Menghin, com um invólucro intermédio, o que nos é confirmado pelos invólucros feitos de barro, provenientes da Anta Grande de Entre-Águas, Pavia, um deles com um machado inserto, do qual se vê apenas o gume (6).

(1) Bosch Gimpera — *Etnologia*, etc., pág. 70; Buttler — *Handbuch*, etc., pág. 34; Gordon Childe — *L'Aube*, etc., pág. 122.

(2) San Valero — *La Peninsula*, etc., págs. 40, 30.

(3) E. Jalhay & Afonso do Paço — *Vila Nova de São Pedro*, Madrid, pág. 22; Afonso do Paço — *Cascais*, etc., pág. 20.

(4) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 51.

(5) O. Menghin — *Wellgeschichte der Steinzeit*, pág. 280, Viena, 1940.

(6) Leisner — *Antas de Reguengos*, etc., pág. 48.

O exame das enxós votivas de mármore, da cultura das grutas portuguesas, contemporânea da segunda fase megalítica, sugere o seu emprego no amanho da terra. Note-se igualmente o desaparecimento da enxó com a época neolítica e com o processo agrícola a ela ligado (1); as vetustas indústrias microlíticas ou os picos e pesos de rede continuariam a usar-se por largo tempo.

Embora faltem provas seguras sobre o estado económico do povo megalítico, na sua primeira fase cultural, o próprio *habitat* deixa supor uma vida pastoril, e o facto de terem sido encontradas enxós, já nesta fase, leva-nos a supor reduzidas práticas agrícolas.

A densidade ou falta de monumentos megalíticos, numa dada área, deve subordinar-se a factores económicos. É verosímil que qualquer povo agricultor se tivesse apoderado, consoante aconteceu noutras regiões marginais europeias, de preferência, dos terrenos mais férteis e de fácil lavoura, ao passo que, para a criação de animais podiam servir as terras frágias e graníticas.

Não se fez ainda coincidir uma carta da distribuição das antas com uma base geológica.

Tanto quanto eu conheço sobre a localização das zonas megalíticas portuguesas, as antas assentam sempre sobre terrenos de origem eruptiva, ou nas suas imediatas proximidades. Desde a fase mais recuada do megalitismo ocidental e atlântico os elementos construtivos das antas são, na sua grande maioria, lajes de granito, siénito ou pórfiros. Enfim, são constituídos por rochas eruptivas.

A sua primitiva localização nos terrenos graníticos e afins, de relativa fertilidade permite a ilação de serem os seus cons-

(1) Leisner — *Megalithgräber*, etc., págs. 415, 417 e 487; *Antas de Regueiros*, etc., pág. 5.

trutores povos inicialmente dedicados à pequena agricultura e à pastorícia, o que de certo modo nos é confirmado pelos seus espólios neolíticos.

Mais tarde, na *segunda fase da cultura megalítica portuguesa*, em que vincados estão os contactos com os almerienses, e notório é o conhecimento da técnica metalúrgica, nada se opõe a que os povos se dedicassem igualmente à pesquisa das riquezas mineiras. Então ocupavam e exploravam as zonas de contacto com as rochas metamórficas, consabidamente ricas em cobre ou estanho. Mesmo assim não deixariam as práticas agrícolas, conforme nos é indicado pelo aparecimento de tecidos de linho.

Só tardiamente é que as nossas populações megalíticas se dedicaram à mineração.

A distribuição das antas constitui mais um facto para apoiar a hipótese de uma economia pastoril ou, como outros autores admitem, de uma vida parcialmente nómada ⁽¹⁾, por quanto, mesmo nas regiões de maior abundância de antas, quase nunca se encontraram, até hoje, vestígios de habitações do povo megalítico.

As investigações em curso no Corgo da Maga (Castro d'Aire) e no Castro de Figueiró (Fornos de Algodres) estou certo que fornecerão elementos esclarecedores da forma de viver do neolita da Beira. Pequenas pesquisas por mim efectuadas no Castro de Figueiró forneceram fragmentos de cerâmica cardial e de machados polidos, de secção circular, além de uma grande dormente de um moinho plano.

Com as escavações incipientes, meras sondagens, no Castro de Figueiró da Granja — Fornos de Algodres — novos ele-

(1) San Valero — *La Peninsula*, etc., pág. 24; Leisner — *Antas de Regueiros*, etc., pág. 17.

mentos juntamos ao pecúlio hoje ao dispor dos investigadores do *neolítico afro-europeu*. Com as considerações que permitem e das ilações resultantes algo ficamos a melhor conhecer os tempos nos quais o homem, de recolector que era, passou, sedentarizando-se, a agricultor e pastor. A criação de gados e alguma agricultura está já documentada por vários testemunhos e só esperam por uma maior densidade de pesquisas para mais convincentemente afirmarem as conexões e afinidades com as culturas neolíticas do Levante Peninsular, e depois poder-mos perfilhar ou desprezar a afirmação de que esta cultura, por uns chamada *hispano-mauritana* (1), vai vendo degradar as suas cerâmicas à medida que progride para o interior, onde degeneram e se tornam toscas.

O exemplo de Muge comprova, sem qualquer dúvida, o contacto íntimo das primeiras características culturais neolíticas com as gentes mesolíticas. É possível que se venha a supor, para uma explicação deste facto, um contacto marítimo que, me parece não ser de admitir dadas as dificuldades que a navegação atlântica implicariam. São no entanto interrogantes cuja resposta se buscará afanosamente.

Embora os fundos de cabana do Corgo da Maga pertençam já aos primórdios do *eneolítico*, com um machado plano de cobre, espero que, com o adiantamento das escavações, nos surjam elementos que iluminem melhor aqueles tempos em que principiou, duma forma mais consciente, a exploração humana da natureza, nos seus sectores: mineral, vegetal e animal.

Entre os achados, a cerâmica tem especial importância. Esta é sempre o testemunho seguro e mais intimamente ligado a uma

(1) Julian San Valero Aparisi — *La Cueva de la Sarsa*, S. I. P., n.º 12, Valência, 1940.

cultura. Desempenha um papel essencial, não só porque temos de apreciá-la como objecto de uso diário, pela sua feitura, forma e decoração, mas também quais os processos técnicos seguidos e estilo artístico em que pode ser agrupada. Por consequência, documenta-nos os elementos culturais imprescindíveis para a apreciação das relações que existiram entre duas culturas e suas influências recíprocas.

A cerâmica do nosso neolítico é por vezes muito tosca, de barro pouco puro, e imperfeitamente cozida. As formas são muito simples: escudelas hemisféricas ou troncocónicas, vasilhas cónicas ou quase cilíndricas com o fundo plano ou arredondado. Quase que não são ornamentadas; quando decoradas, os motivos são muito simples e reduzem-se a incisões punctiformes mais ou menos regularmente dispostas, linhas, unhas e impressões digitais, cordões com impressões ou relevos, impressões cardiais. Faltam as asas que estão substituídas por pequenas pegadeiras salientes verticais, ou, mais raramente horizontais (Muge) e furadas para a suspensão.

A cerâmica das Areias Altas tem no seu conjunto um carácter que me leva a incluí-la entre as cerâmicas neolíticas, embora dois rojões de fundição nos testemunhem um conhecimento da técnica metalúrgica. Seriam pois já contemporâneas do eneolítico (*bronze I*) como os vários vasos cónicos e outros de fundo plano parecem comprovar.

A existência destas cerâmicas toscas, lisas ou com relevos junto dos bordos ou em seguimento das asas que são tubulares e horizontais, descobertas com um instrumental de tipologia e técnica asturiense, bem pode corroborar a tese de Pericot (1),

(1) F. Jorda e J. Alcácer — *La Covacha de Llatas*, «Servicio de Investigación Prehistórica», pág. 7, Valência, 1949.

defendendo a existência de uma fase *proto-neolítica* do Levante, com cerâmica lisa, anterior à chegada da cultura *hispano-mauritana*, à qual é peculiar a cerâmica profusamente decorada.

Podemos rastrear certos contactos entre algumas cerâmicas das Areias Altas e outras descobertas na Cueva de la Sarsa (Bocairente-Valência), se compararmos a técnica construtiva das asas que se prolongam pelo colo do vaso (tipo 4 de forma das vasilhas de neolítico hispano-mauritano) por dois cordões em relevo (1). (Fig. 11, n.º 5).

Alguns destes vasos cuja galba tem por protótipo a dos odres anteriores, apresentam o seu fundo hemisférico mais aplanado. Noutros exemplares o fundo chega a ser completamente plano.

Pode dizer-se que o fragmento de um vaso de pasta escura, muito polida, de fabrico cuidado e rica ornamentação e de galba carenada, talvez nos possa testemunhar a influência dos neolitos hispano-mauritanos no povoado das Areias Altas. (Fig. 11, n.º 7).

Ressalta-se que entre as cerâmicas recolhidas nas habitações deste povoado apareceram numerosos restos de vasos de perfil ovóide (?) cujo fundo era sustentado por um pé cónico, de anel basal, com certa semelhança aos que são abundantemente encontrados na cultura pré-dinástica de Maadi. Este anel basal encontra-se também em Beni-Salame, no entanto são mais raros no Egipto superior.

Não conhecemos vasos idênticos que encontrados fossem em Portugal.

Nos vasos das Areias Altas aparecem os mamilos ovalados, dispostos paralelamente aos bordos, o que parece indicar destinarem-se a fins práticos, facilitando a suspensão, embora alguns

(1) *Cueva de la Sarsa*, Est. III, n.º 1; Est. IV, n.º 1.

sobressaiam tão pouco que podemos considerá-los antes destinados a cumprirem meras funções ornamentais. (Fig. 11, n.ºs 1 e 4).

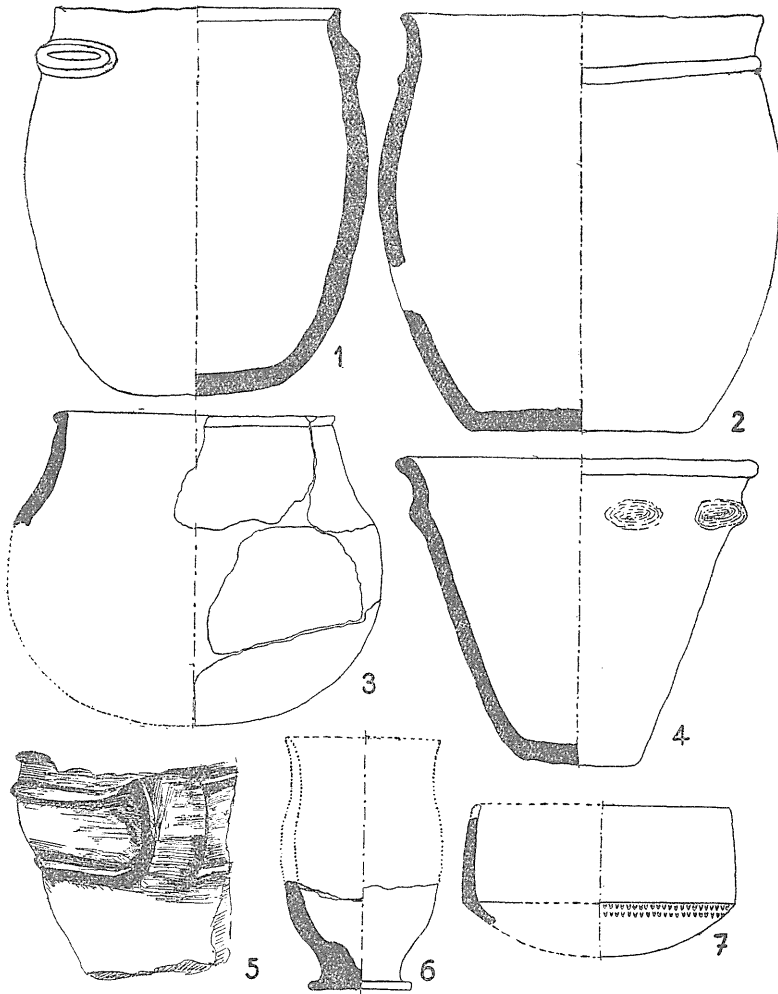


Fig. 11 — Perfis da cerâmica recolhida no chão das cabanas das Areias Altas, Porto. Red. 1/4.

Todas estas saliências, bem como as asinhas perfuradas podem relacionar-se com os povos neolíticos. São frequentes no

mobiliário clástico das grutas portuguesas (1). Aparece tal decoração em algumas das antas da Beira: Anta da Sobreda, Orca do Tanque, Orca das Antas, sendo no entanto raro o seu encontro nas construções megalíticas das demais regiões. A sua posição cronológica e a sua atribuição às culturas neolíticas é confirmada por se ter encontrado cerâmica deste tipo em estratos inferiores aos da cerâmica campaniforme (2).

Desta espécie de cerâmica há substancial testemunho logrado no exame dos espólios de sepulturas e grutas da península e similares estações do oeste europeu (3).

Para Leisner estes mamilos têm um significado religioso quando vemos dois deles juntos, quer por baixo do bordo quer na parte superior do corpo do vaso (4).

No mobiliário cerâmico das Areias Altas não nos apareceu qualquer fragmento que pudesse ser atribuído a vasos hemisféricos.

Os vasos pequenos esféricos que são típicos da cultura das antas eneolíticas do Alentejo e frequentes nas grutas artificiais e nas antas da Beira Baixa, perto do rio Tejo, são raros na cultura megalítica da Beira Alta. A divulgação destes pequenos vasos, coincide, de uma maneira geral, com a da placa de xisto gravado.

(1) A. do Paço — *A gruta do Rio Almonda*, Ests. vi, ix e x.

(2) Maluquer de Motes — *La Estratigrafia Arqueológica de la Cueva de Toralla (Lérida)*, «Ampúrias», vi, pág. 43.

(3) E. Jalhay e Paço — *Vila Nova de S. Pedro*, pág. 55, Madrid; Salvador Vilaseca — *Más hallazgos pré-históricos en Arbolí (Tarragona)*, «Ampúrias», iii; Maluquer de Motes — *Op. cit.*; Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 19, 23 (Los Millares); Philippe — *Fort Harrouard*, Est. 25, xxv; Vouga — *Le néolithique*, Est. xiv; Schuchhardt — *Westeuropa*, pág. 740, fig. 7 (Pornic, Nantes); J. Hawkes — *Antiquity*, viii.

(4) *Aut. cit.* — *Meg. Gr.*, pág. 490.

O vaso esférico de maior tamanho tem uma maior ocorrência nas antas da Beira Alta, (Fig. 12), onde, acompanhado por um vaso de corpo quase cilíndrico e de fundo plano que também nos aparece no povoado das Areias Altas, determina um aspecto da indústria cerâmica que se afasta bastante da do Alentejo. A decoração destes vasos da Beira, com motivos ornamentais semelhantes aos das cerâmicas das grutas, aplicados conforme a técnica própria daquela cultura, reforça a impressão de Leisner de que a sua origem poderia ser procurada no neolítico regio-

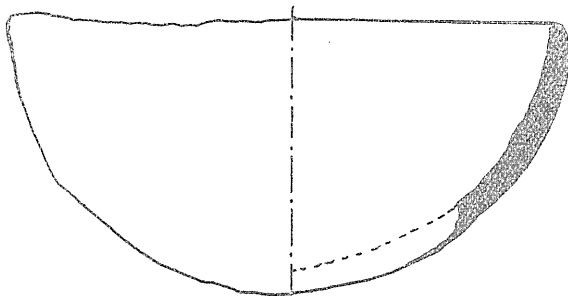
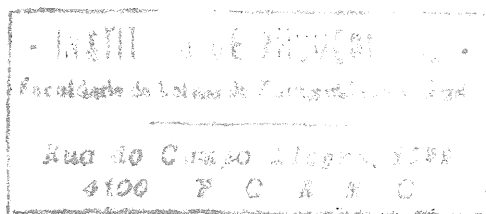


Fig. 12 — Vaso hemisférico reconstituído pelo fragmento encontrado no dólmen do Telhal. Explorações inéditas do Dr. Luís de Pina. Ver Est. v.

nal. Em várias antas da região o vaso esférico de tamanho maior, aparecendo quer nos espólios de transição quer nos do *bronze I*, estabelece uma ligação com a cultura dos povos neolíticos, sobretudo quando tais vasos são pintados a almagre.

Estes vasos de barro cinzento ou vermelho, coberto por um engobe vermelho vivo, tanto interior como exteriormente, constituem o grupo da cerâmica neolítica de almagre, e a sua forma, deduzida dos vasos inteiros ou dos seus fragmentos, é quase exclusivamente a esférica.

No mobiliário clástico das Areias Altas, os vasos cónicos, de anel basal, pertencentes a vasos ovóides (?), são também almagrados, tanto por dentro como fora. É muito possível que



um dos vasos esféricos, de colo levemente estrangulado, fosse igualmente pintado a almagra, o que tem paralelos no espólio da Anta do Olival da Pega — Reguengos (1).

Na Beira Alta encontramos exemplares desta cerâmica neolítica na Orca dos Juncais — Queiriga (2). Amorim de Girão refere cerâmicas pintadas de vermelho entre o espólio da Casa da Orca — Malhada de Cambarinho, não longe das nascentes do Alfusqueiro: «1 ponta de seta de sílex (est. n.º 3) de base bicôncava e numerosos fragmentos de cerâmica fabricados ou com barro grosseiro da localidade, algumas vezes pintado de vermelho, ou ainda com barro mais fino. Um destes últimos era ornamentado» (3).

Nos arredores de Viseu, em Travaçós, no Mamaltar de Vale de Fachas, embora este monumento seja mais tardio, *bronze II*, apareceu igualmente um vaso de fundo esférico de barro vermelho (4).

Esta cerâmica almagra, pertinente ao período neolítico é caracterizada por os vasos serem cobertos por uma pintura uniforme de ocre vermelho (5). Tem sido, posteriormente, muito estudada pelos arqueólogos espanhóis quer para determinações culturais, quer cronológicas, considerando-a como um dos tipos-guias da época do *neolítico hispano-mauritano* (6).

(1) Leisner — *Antas de Reguengos*, pág. 69, Ests. XXVI e XXVII, 6.

(2) *Museu Etnológico de Belém*, n.º 9.518 A., seg. Leisner, pág. 73.

(3) Aristides de Amorim Girão — *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, pág. 49, Coimbra, 1921.

(4) José Coelho — *Notas arqueológicas*, Beira Alta, VI, pág. 67.

(5) M. Gomez Moreno — *La ceramica primitiva ibérica*, Homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933.

(6) Santa Ollala — *La fecha de la ceramica a la almagra en el Neolítico hispano mauritano*, «Cuadernos de Historia Primitiva», III, 1948; San Valero — *La Peninsula Hispanica en el mundo Neolítico*, 1948; Santa Ollala — *Cereales y*

Leisner (1) acentua que, sobre a expansão da cerâmica almagrada em Portugal, não podemos, por agora, apresentar ideias definitivas. Parecia não ser muito vulgar nas antas de corredor. No entanto, «partindo do espólio da anta do Poço da Gateira (*neolítico puro*), no qual esta cerâmica se encontrava pela primeira vez, documentada de uma maneira incontestável, podíamos, após uma revisão minuciosa de todos os cacos, reconhecer uma divulgação considerável desta indústria no concelho de Reguengos. Tal revisão devia estender-se a toda a cerâmica da cultura megalítica. Dois factos dificultam, no entanto, o estabelecimento de um quadro completo daquela divulgação. Em primeiro lugar temos várias provas de que os cacos expostos à intempérie perderam as camadas superiores». Leisner, pág. 73.

No Alentejo apareceu cerâmica deste tipo incorporada em espólios que, sob o ponto de vista cultural, pertencem ao *neolítico puro*, ao *neolítico de cerâmica avançada* e ao *eneolítico (bronze I)*.

Baseando-se nos elementos entrevistados na exploração metódica das antas de Reguengos, Leisner opina que a técnica da pintura a almagre não é oriunda nem do *neolítico* dos pequenos dólmenes alentejanos, nem do círculo mais vasto do *neolítico* da Europa Ocidental, mas que as suas relações se encontram no sul e no leste da Península.

De acordo com o exposto e entre outras conclusões inclui a cerâmica de almagre no círculo cultural do ídolo almeriense, conseqüentemente ligado com os estratos do segundo período de Almeria, onde este tipo de ídolo nos aparece já em espólios neolíticos. Ídolo este que parece estar em íntima ligação com todo o

plantas de la cultura Ibero-Sahariana en Almizaraque (Almeria) 1946; B. Saez Martin — *Nuevos precedentes chipriotas de los idolos placas de la cultura ibero-sahariana*, Soc. Esp. de Antropologia, XIX, pág. 134, 1944.

(1) *Op. cit.*, pág. 73.

conjunto do emprego artístico da cor vermelha (1). A sua effigie aparece, como um dos motivos principais, na pintura megalítica. Tal dependência explicaria o aparecimento do fragmento do vaso de cor vermelha, com uma pequena asa, na Orca dos Juncais — Queiriga, como sabemos ornamentada de pictografias vermelhas, de tipo esquemático e ascendência Levantina. Ver pág. 239.

Podemos comparar a previvência de indústrias remotas com cerâmicas de tradição neolítica ligadas a outras do *bronze I* que ocorre no povoado das Areias Altas, com o espólio encontrado, numa sumária pesquisa, em várias estações do Sáara espanhol (2), onde com uma indústria de tipo *neolítico de tradição capsense* encontramos cerâmica do *bronze I*. Surgem os mesmos problemas suscitados pela convivência de uma indústria lítica remota conjuntamente com cerâmicas avançadas (3).

Nas orcas Beiroas aparecem-nos por vezes representações artísticas da natureza pictográfica, litostríticas ou litotrípticas que muito nos ajudam a melhor conhecer os tempos neolíticos.

Nelas encontramos pois *ex-votos* pintados ou gravados. Se os podemos agrupar estilisticamente, é um problema bastante enigmático o estabelecimento da sua cronologia.

A sua maior densidade é ao norte de Visen, especialmente nos concelhos de Vila Nova de Paiva e Sátão, aparecendo também nos de Oliveira de Frades e Oliveira do Hospital. Constituem pois três grupos: um deles, o mais numeroso ao norte de

(1) Leisner — *Die Malerein des Dólmen Pedra Coberta*, Ipek, 1934.

(2) Martin, Almagro — *Prehist. del Norte de Africa*, pág. 64; pág. 52, fig. 17; pág. 55, fig. 20.

(3) Tal facto surge igualmente em várias antas do Alentejo; Leisner — *Antas de Reguengos de Monsaraz*; E. Jalhay, A. Paço, Leonel Ribeiro — *Estação Pré-histórica de Montes Claros*, «Rev. Municipal», n.ºs 20 e 21; E. Jalhay — *Uma fase interessante del bronce inicial portugués*, «Ampúrias», IX e X.

Viscu, outro na região de Lafões e finalmente o restante no vale do Mondego.

Leite de Vasconcelos descobre-as no Sátão e na Queiriga, sendo as principais as da Orca dos Juncals (1); estuda Mendes Corrêa, as da necrópole da Serra da Cota (Fig. 13) (2). Amorim Girão encontrou-as numa antela dum grupo de mamoadas, junto da povoação de Antelas, Pinheiro de Lafões, na qual as lajes, alisadas na face interna, apresentam uns vivos desenhos em xadrez, a ocre vermelho, estando a tinta perfeitamente conservada, mesmo na parte mais directamente exposta à intempérie (3). Nas antas de Sobreda — Oliveira do Hospital — refere-as Santos Rocha (4). Finalmente Leisner encontrou as pinturas de tipo mais antigo na orca dos Juncals — Queiriga — representando, numa pictografia a vermelho, cenas de caça de estilo Levantino (5).

Citam-se dezanove pinturas nas orcas portuguesas, todas localizadas na metade norte do país (6). Sendo em maior número nas orcas ou antelas dos arredores de Viseu. São na sua maioria pintadas a vermelho-escuro, cor de borra de vinho, embora o preto ou azul-escuro e branco apareçam também excepcionalmente, como succede nas de Cota.

(1) José Leite de Vasconcelos — *Peintures dans les dolmens de Portugal*, «*Homme Préhistorique*», 1907; «*Religiões da Lusitania*», 1.

(2) Mendes Corrêa — *Les peintures mégalithiques de Cota*, Trab. Soc. Port. Antropologia e Etnologia, 1934.

(3) A. Amorim Girão — *Antiguidades pré-históricas de Lafões; Arte rupestre em Portugal — Beira Alta*, «*Biblos*», 1.

(4) A. dos Santos Rocha — *As Arcainhas do Seixo e da Sobreda*, «*Portugália*», 1.

(5) George Leisner — *Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta*, I. P. E. K., 1934.

(6) J. Rodrigues dos Santos Júnior — *Arte Rupestre*, Cong. do Mundo Português, 1940.

O tema dominante destes *ex-votos* pictográficos é o traço ondulado, serpentiforme. Outros há em que o zoomorfismo, semi-esquemático, predomina, com as da orca dos Juncais onde numa bela cena de caça figuram dois veados, duas corças e seis cães.

As figurações antropomórficas são também numerosas. As da orca dos Juncais são do tipo semi-esquemático. Outras repre-

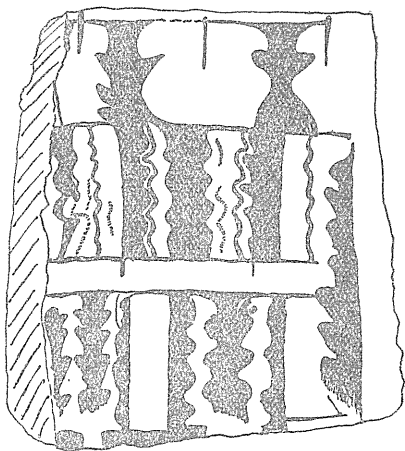


Fig. 13 — Esteio dum dólmen da Serra de Cota (Viseu), com um ídolo pintado a vermelho e amarelo. Seg. Mendes Corrêa.

sentações humanas, muito esquemáticas, aparecem quer isoladas, quer aos pares — casal de homens e mulheres — quer ainda em grupo — convergentes — encontram-se na orca dos Juncais, do Tanque, da Sobreda, etc. (1).

São dignas duma referência especial, as pinturas do dólmen de Pedralta — Cota — estudadas e aproveitadas para a evolução cultural da Beira pelo Prof. Mendes Corrêa e ao dispor dos estudiosos no Museu de

Arqueologia da Universidade do Porto. (Fig. 13).

Um dos esteios pintados apresenta, sobre fundo branco, dois compridos sinais ramiformes pintados de vermelho e um terceiro ramiforme da mesma cor, mas muito mais pequeno, intercalado na base dos dois maiores. Além destes vêem-se restos de sinais semelhantes que deviam cobrir a restante superfície do esteio. O outro esteio, com pinturas, apresenta, igualmente, sobre um fundo branco,

(1) Santos Júnior — *Arte Rupestre*, pág. 21.

várias faixas vermelhas denteadas, traços ondulados de cor vermelho-laranja e poucos traços negros limitando o contorno das referidas faixas vermelhas e denteadas. Mendes Corrêa interpretou-as judiciosamente como uma representação, muito notável e ornamental, do ídolo eneolítico, mais rica, mais decorativa e mais estilizada do que o ídolo pintado no abrigo de Penha-Tu (Astúrias) (1).

De todas estas pinturas megalíticas Beiroas, a mais remota, deve ser a movimentada cena de caça da Orca dos Juncais, em que figuram vários homens empunhando arcos e outras armas, acompanhados de seis cães, enfrentando dois veados e duas corças e junto duma representação que parece reproduzir um muro de vedação. A sua cronologia, ou no entanto a sua apreciação estilística pode-nos sugerir um certo paralelismo com determinadas pinturas dos abrigos Levantinos, como por exemplo das de Dos Aguas (Valência). Como estas, as dos Juncais caracterizam-se pelo emprego do traço simples e impressão directa. As figuras são de uma simplicidade construtiva mas expressiva. Os volumes só são utilizados na representação dos animais. A figura humana surge-nos bastante estilizada, numa composição por vezes idealizada. As cenas dão-nos a ilusão perfeita das suas atitudes, dos seus movimentos. A acção passa-se igualmente em cenas muito simples.

Não é difícil ao encararmos estes conjuntos pictóricos, estabelecermos uma interpretação adequada do mundo cultural em que estavam integrados. A abundância de arqueiros, a frequência de animais e as cenas venatórias, permitem-nos pensar no seu decurso adentro dum mundo de caçadores que viviam

(1) Mendes Corrêa — *A Lusitânia Pré-Romana*, «História de Portugal», 1, Barcelos, 1938; Santos Júnior — *Op. cit.*, pág. 23.

principalmente da caça ao veado e cabras. Tal mundo ergológico bem pode ser situado cronologicamente no *neolítico*, uma vez que se vai confirmando que os começos da neolitização da nossa terra transcendem no meio de uma população, ainda tradicionalmente mesolítica, de pequenos caçadores, dos quais perdura o instrumental lítico que continuará constituindo a base industrial que serve de apoio ao neolítico durante muitas décadas — Muge, etc. — Até ao início da técnica metalúrgica, até ao *bronze I*, não podemos assegurar que toda a Península tenha sido completa e integralmente neolitizada e não será estranhável, consequentemente, que nos possam aparecer testemunhos de que ao lado de formas de vida puramente mesolíticas — como as representadas na Orca dos Juncas — nos aparecem fortes indícios neolíticos (1).

Hoje é unanimemente aceite a opinião de que as antas serviam de sepulturas. Embora as actuais provas disto sejam raras nos monumentos megalíticos da Beira, em consequência da natureza ácida dos terrenos graníticos destruir os esqueletos, possuímos, contudo, provas bastantes de que eram inumados vários indivíduos nas antas de tamanho vulgar. Ainda se discute a maneira como tais inumações se efectuavam.

Nalguns casos, tem havido indícios de que os cadáveres eram depositados sentados, encostados às paredes das câmaras sepulcrais e não parece improvável que tivesse havido, previamente quaisquer processos de mumificação. Algumas vezes encontraram-se divisões, de lajes baixas, dentro da câmara e

(1) F. Jorda Cerda y Alcacer Gray — *Las pinturas rupestres de Dos Aguas*, p. 37. Valência, 1951; Maluquer de Motes — *Las industrias con microburiles de la Valltorta, « Ampúrias »*, I, pág. 108 ss. Barcelona, 1939; M. Almagro — *Un nuevo grupo de pinturas rupestres en Albarracín; La Cueva de Doña Clotilde*, I. Teruel, 1949; *La cronología del arte levantino de España*, Crónica del VI Congreso de Arqueología del S.E. Cartagena, 1951.

vestígios de fogo aceso no interior, demasiadamente insignificantes para que pudesse ter servido para fins práticos e desta maneira pensamos que seriam provavelmente relacionados com quaisquer cerimónias fúnebres.

Na falta de um quadro completo de arquitectura dolménica, as conclusões científicas baseiam-se sobretudo na comparação das diferentes formas apresentadas pela própria construção, quer na planta, quer no seu alçado.

Manifesta-se assim uma riqueza cultural, que se coaduna com a importância da região, nos séculos subsequentes. Além desta diversidade, há de cada tipo exemplares de tamanho excepcional, testemunhos de grande riqueza económica e duma vida social devidamente organizada.

As principais variantes tipológicas das construções megalíticas desta região são as seguintes:

- 1) Câmara poligonal, mais ou menos circular, bem diferenciada do corredor da entrada.
- 2) Câmara alongada, umas vezes com tendência para o rectângulo, outras vezes trapezoidal, à qual se junta o corredor no início quase com a mesma largura.
- 3) Todo o compartimento forma um único compartimento alongado.

As rotundas mais perfeitas são constituídas por esteios de igual largura. No geral a parede da câmara em frente da entrada é a mais larga. Todas as câmaras de tipo poligonal eram cobertas por um único bloco, o qual, não raro, assenta sobre os três esteios principais. As câmaras alongadas no sentido longitudinal representam variantes da câmara poligonal do tipo corrente, sobretudo quando são também cobertas por uma só pedra. Porém, se as paredes laterais formam ângulo recto com a cabe-

ceira, as câmaras alongadas tendem tanto mais para o tipo trapezoidal, quanto maior é o seu comprimento.

A câmara rigorosamente rectangular ou quadrangular e a exclusiva galeria são igualmente raras.

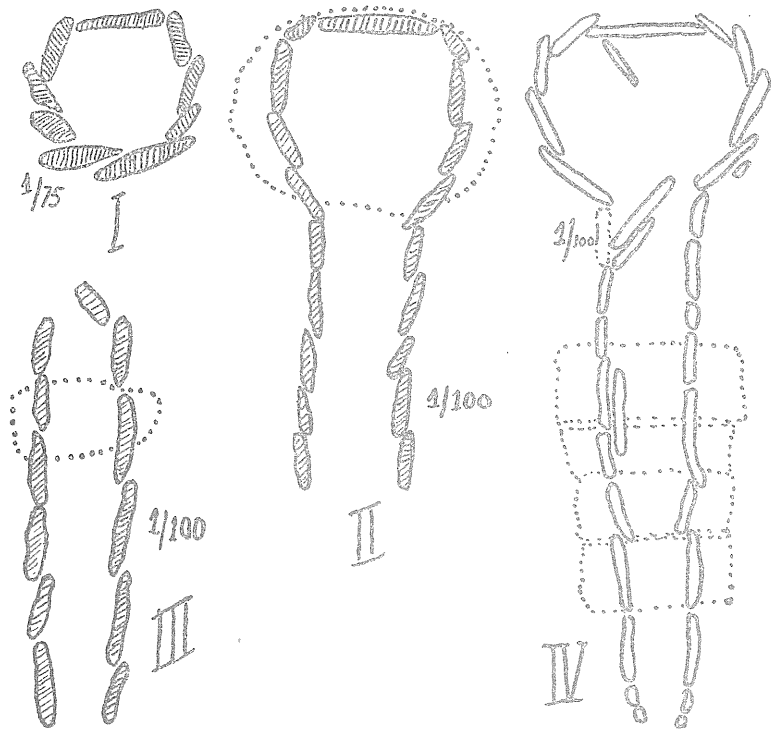


Fig. 14 — Plantas-tipos das construções megalíticas da Beira Alta: I, Mamoa da Antela; II, Anta do Coval; III, Casa da Orca, Cambarinho; IV, Mamaltar de Vale de Fachas. Seg. Amorim Girão e J. Coelho.

Poucos monumentos, e nem sempre justamente os mais perfeitos, sob todos os aspectos, apresentam as pedras trabalhadas. Com excepções, as câmaras poligonais, mesmo as maiores são construídas com nove esteios, cuja largura aumenta de harmonia com o perímetro a envolver. A altura das câmaras corresponde,

mais ou menos, ao seu diâmetro. A entrada da câmara sepulcral é outras vezes estreita e tão baixa que apenas dá acesso a uma pessoa que avance quase de gatas.

Os corredores poucas vezes se conservaram no seu comprimento total.

As antas aparecem por vezes em grupos, nos quais o monumento principal é, ladeado por outros mais pequenos. Tais factos reforçam a impressão já suscitada pela própria architectura de que o povo megalítico tivesse vivido em comunidades e, talvez, como se sabe das póvoas neolíticas, do Corgo da Maga e Figueiró da Granja, em aldeias, aliás num estado de organização social que muito superava o modo de vida dos povos caçadores das épocas anteriores.

Dos objectos de uso comum, os mais vulgares são os de pedra polida: machados, enxós, goivas, cunhas e outros pequenos instrumentos. Pedras de moenda — Figueiró da Granja — encontram-se várias vezes nas grandes antas, ou ao pé delas, indicando de que, no auge da época megalítica, a vida já se baseava num cultivo dos cereais.

As pontas de seta de pederneira, por vezes de forma muito perfeita, documentam outro processo de trabalhar a pedra: o de tirar, a golpes, pequenas lascas. O tipo com espigão ou base triangular, divulgado em Portugal, já na época das grutas naturais, apresenta-se, nas suas formas primitivas, e em formas já evoluídas, Vale de Fachas. Além disto, aparecem outros tipos de base recta e côncava, intimamente relacionadas com a cultura das sepulturas de cúpula.

Os micrólitos, por sua vez, confirmam a sobrevivência de civilizações mais antigas, Vale de Fachas (Fig. 9). No início da época neolítica não passavam de pequenos triângulos, encabados transversalmente conforme nos mostra a pictografia rupestre. Depois evoluem para formas maiores e semelhantes às pontas de seta retocadas.

A cerâmica destes monumentos, conservada ilesa, é de tamanho pequeno, fabricada à mão. De pasta grosseira, mal cozida, é às vezes coberta, tanto no exterior como no interior, por uma aguada de cor vermelha ou castanha e polida, (Fig. 12). Encontraram-se também fragmentos de vasos maiores e, talvez, de uso não ritual, mas doméstico.

Entre os objectos depositados nas antas, as placas de xisto pintadas ou gravadas (Fig. 15), são as que maiores elementos

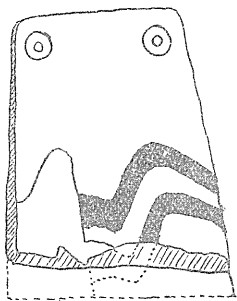


Fig. 15 — Placa votiva e pintada a vermelho do Mamaltar de Vale de Fachas. Seg. J. Coelho.

nos podem fornecer sobre a religião megalítica. Raríssimas são as placas gravadas encontradas na Beira Alta, e restantes províncias do Norte de Portugal. Nos dólmenes eneolíticos bem explorados, ao sul do Tejo, encontram-se por vezes estas placas em grande número. A sua posição ao peçoço do defunto ainda pode, em certos casos, ser verificada.

A conexão que em alguns casos se verifica entre antigos monumentos megalíticos e actuais santuários da religião cristã denota uma continuidade dos lugares sagrados e permite supor que na sua época se tivesse também atribuído às antas um significado religioso.

De adorno pessoal serviam as pequenas contas de colar, na maioria de pedra da própria região — o xisto, a serpentina, o basalto, o alabastro, ou então de dente canino. A escassez de pedras preciosas, como o calaíte, denota, pelo confronto com as culturas costeiras, certo isolamento da cultura megalítica do interior.

De adorno pessoal serviam as pequenas contas de colar, na maioria de pedra da própria região — o xisto, a serpentina, o basalto, o alabastro, ou então de dente canino. A escassez de pedras preciosas, como o calaíte, denota, pelo confronto com as culturas costeiras, certo isolamento da cultura megalítica do interior.

Os dólmenes que melhor patenteiam a relação com as camadas culturais mais antigas são as pequenas galerias. Além da indústria primitiva do sílex, contêm machados de pedra polida de

tamanho diminuto, e pouca cerâmica. Este aspecto cultural tem certas afinidades com o da primeira fase da cultura de Almeria, sendo porém esta mais afim da das grutas naturais portuguesas, cultura posterior, pelo facto de surgirem em ambas os braceletes cortados duma concha grande.

Bom seria que este estudo tivesse a necessária continuidade e que todas as áreas megalíticas de Portugal fossem estudadas em profundidade, uma vez que o problema das construções megalíticas *que com muita brevidade referimos* é um dos que mais apaixonam os pré-historiadores. Como e quando chegou à península a ideia megalítica? Teria ela nascido no nosso território? São por enquanto perguntas que, apesar das múltiplas investigações não podem obter uma resposta satisfatória.

Uma das dificuldades com que esbarramos é saber qual seja o foco inicial e quais as emigrações ou imigrações dos ideais megalíticos. A distribuição destas construções funerárias é muito desigual na Eurásia. Encontramo-los desde o Extremo Ocidente ao Extremo Oriente, mais ou menos situados nas faixas costeiras, como se a sua difusão fosse marítima. Assim, tornou-se possível, às escolas etnológicas difusionistas, pensar na existência de um primitivo e único centro — o Egipto, a Índia — do qual se difundiriam para todo o orbe.

Pensam uns que o tal foco originário seria o Egipto, o que pode ser defensável se tomarmos em consideração o esplendor cultural irradiado das margens do Nilo, por volta dos princípios do terceiro milénio antes de Jesus Cristo, quando começa a História do Egipto, e por nele encontrarmos verdadeiras obras megalíticas.

Possivelmente, não foi o dólmen rude e tosco, o derivado das construções mais complicadas, como a mastaba, segundo sustentam os partidários da degeneração tipológica. Contrariamente, os grandes monumentos Egípcios, derivaram de construções mega-

líticas simples, das quais existem protótipos no Norte de África e alguns raros exemplares no próprio Egipto. Neste caso, e como em tantos outros, nada mais se passaria senão uma evolução dos princípios herdados dos seus avoengos: os Camitas do norte de África. A presença de numerosos dólmenes típicos noutras regiões mais afastadas — Abissínia e Índia — fazem suspeitar àqueles que são partidários do foco único, na existência de tal foco comum no Egipto.

O facto de em Portugal — Beira e Alto Alentejo — aparecerem todos os tipos evolutivos da arquitectura dolménica: desde a câmara simples (poderemos supô-la como a petrificação da cabana do paleolita-recente?) até aos tipos mais complicados, faz pensar na origem ocidental desta cultura.

As relações marítimas directas, ou de tribo, durante o neolítico e a existência nas regiões orientais de construções dolménicas singelas e do emprego da técnica megalítica, em época remota, na construção de monumentos consideráveis dá valor à opinião que contesta ser ocidental a origem da técnica megalítica.

Constata-se ser bem limitada a distribuição dos grandes sepulcros megalíticos, em especial dos de falsa cúpula. Tais tipos serão produtos duma evolução local dos seus protótipos singelos?...

Em favor desda tese avultam alguns arqueólogos, o facto, de, na actualidade, encontramos ainda habitual o emprego da falsa cúpula na cabana do pastor. No entanto, a moderna etnologia, com o predomínio do conceito difusor sobre o da criação independente, parece inclinar-se para buscar a origem do elemento cupuliforme no oriente mediterrânico, onde se usou em épocas bem remotas: minóico primitivo de Greta, no norte da Mesopotâmia.

Vimos já que as antas são anteriores aos *tholoi* e que em grande área do país, os seus espólios são distintos.

Para outros arqueólogos o estudo da evolução cultural dos países nórdicos, tal como a conhecemos na actualidade, supõe que os sepulcros e os outros grandes monumentos megalíticos, foram os inicialmente construídos, anteriormente à expansão do vaso campaniforme. Para estes investigadores a maior pobreza dos espólios encontrados nos dólmenes mais simples é resultante dum maior afastamento dos focos metalúrgicos e a afirmação de que a arquitectura dolménica poderia ser originária de Portugal é qualificada como fantasiosa. O que também deve ser fantasia.

Há pouco aparece uma nova contribuição importante para o problema com a divisão dos megálitos em duas grandes famílias ⁽¹⁾ a dos sepulcros de corredor e a das galerias cobertas e das várias evoluções dolménicas que estas famílias suscitaram.

Estando em voga as teorias difusoras da cultura estas parecem confirmar a tese de Gordon Childe ⁽²⁾ no entanto só com um estudo consciencioso, metódico e objectivo das orcas Beiroas e das Trasmontanas, procurando, não quantidade de objectos para os museus, mas elementos cronológicos e a sucessão dos diversos enterramentos, é que podemos colher alguns elementos para um mais verdadeiro esclarecimento desta importantíssima questão da nossa etnologia.

Outros problemas surgem relacionados com as orcas e outros tipos de enterramento, tais como as covas artificiais ou os sepulcros não megalíticos; as fossas recobertas de lajes delgadas, que muito poderiam ter servido de protótipo às construções dolménicas ⁽³⁾. Não podemos hoje admitir a evolução ininterrupta de todos

(1) Daniel — *The Dual character of the megalithic colonization of Europe*, *Proceedings of Prehistoric Society*, vi, 149, 1941.

(2) *L'Aube*, etc., pág. 237 ss.

(3) Luiz Pericot — *História de España*, vol. I, pág. 183.

os tipos arquitectónicos, desde «os dólmenes neolíticos» até as cisdas megalíticas, incluindo nesta evolução as sepulturas de cúpula (1).

A teoria de uma dependência absoluta da cultura megalítica do oriente é defendida por Santa Olalla, que considera as sepulturas de cúpula do sudeste de Espanha como o foco mais antigo e a origem de toda a evolução megalítica. Daniel, distingue duas linhas evolutivas: uma abrangendo as sepulturas do corredor e ligada à *tholos*, outra formada pelas sepulturas de galeria (2).

O quadro cultural, nos seus aspectos básicos confirma a impossibilidade de estabelecer uma unidade entre os povos construtores das *tholoi* e os das antas. O povo megalítico das regiões mais elevadas e distanciadas do litoral, manteve sempre um *habitat* igual ao típico dos primeiros povos neolíticos da Península, provávelmente em consequência duma actividade pastoril primitiva.

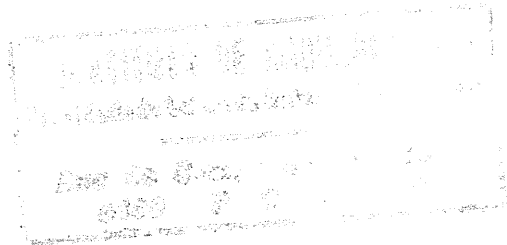
(1) Georg e Vera Leisner — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1952.

(2) Daniel — *The dual*, etc., 1941.



Aspecto das escavações do Concheiro da Amoreira, Muge, no momento da recolha do vaso hemisférico

(Foto do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto).





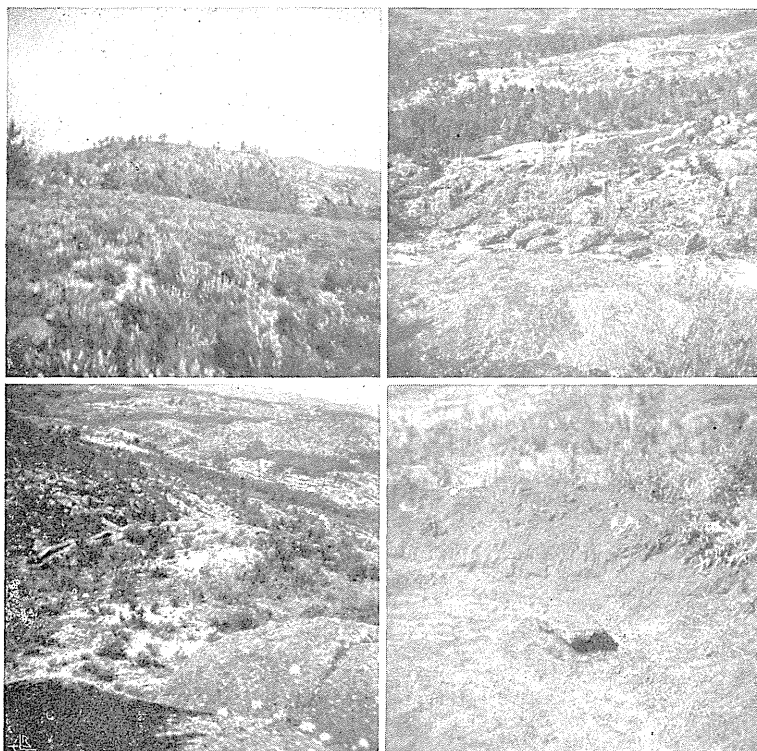
Escavação duma cabana do Povoado das Areias Altas, Porto

(Seg. Russell Cortez).



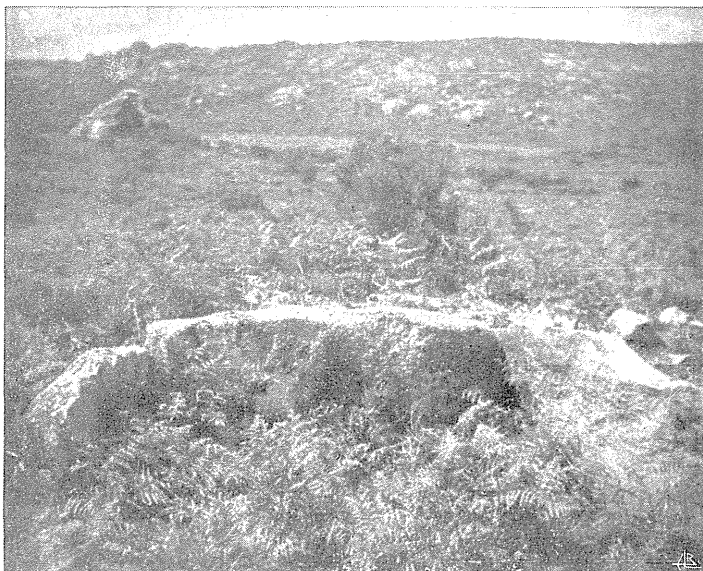
Descobrimto da lareira de cabana anterior, do Povoado das Areias Altas

(Seg. Russell Cortez).



Aspectos do povoado do neolítico final do Corgo da Maga, Castro de Aire;
no fundo, à direita, está uma lareira a descoberto

(Seg. Russell Cortez).



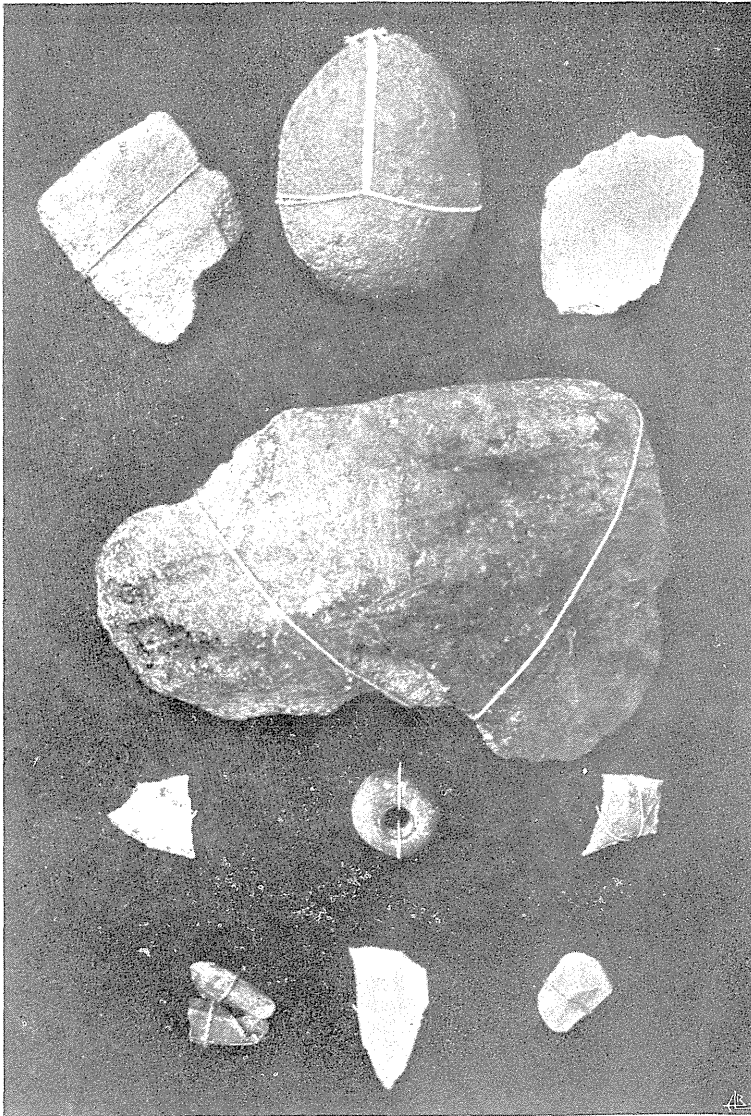
Anta do plano do Ladário. Sobranceiro à Seixa, Lafões

(Seg. Russell Cortez).



Castro da Seixa. Note-se o aparelho da muralha de pedra seca

(Seg. Russell Cortez).



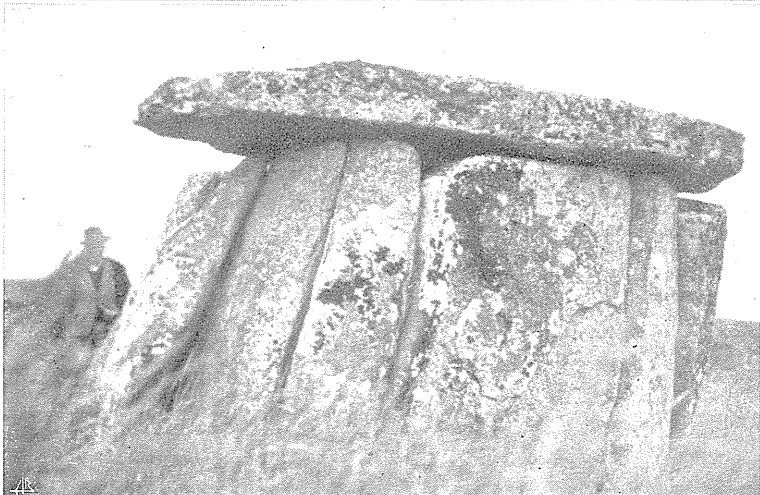
Espólio do dólmen do Telhal, Meda

(Seg. Luís de Pina).



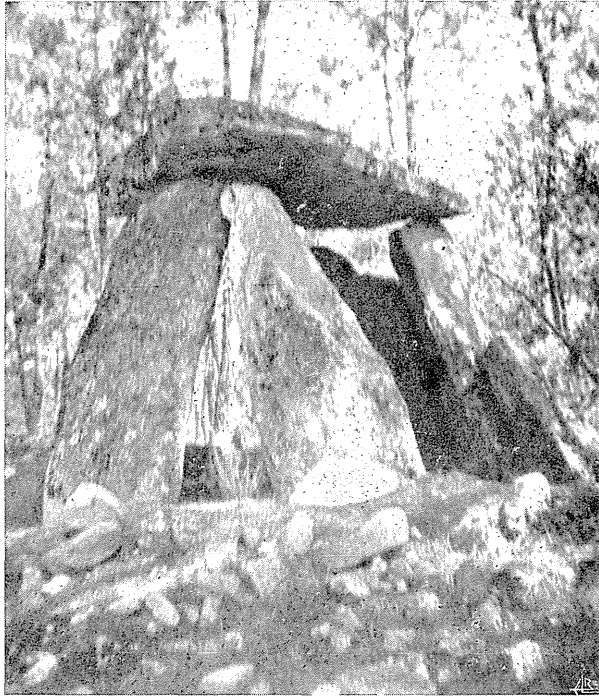
Orca da Matança, Fornos de Algodres

(Seg. Russell Cortez).



Orca de Pendilhe, Vila Nova do Paiva

(Seg. Russell Cortez).



Orca de Cortiçô, Fornos de Algodres

(Seg. Russell Cortez),



A Pedra da Escrita, Serrazes, S. Pedro do Sul. A marca desenhada representa 50 cms.

(Seg. Russell Cortez).

O Jogo da Péla na Póvoa de Atalaia

POR

Ernesto Veiga de Oliveira

Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular

É bem conhecido daqueles que se dedicam ao estudo dos nossos costumes o notável jogo de perícia e força que, com o nome de *Péla*, se pratica na Póvoa de Varzim, e de que Santos Graça dá a descrição exacta e pitoresca que a seguir transcrevemos por excerto:

— «Dois partidos em número igual de raparigas e rapazes. Para que sejam o mais possível equilibrados, os partidos iniciam-se pela nomeação de dois chefes, no geral os melhores jogadores dos presentes e os dois escolhem, ora um, ora outro, e um a um, os seus jogadores, começando pelas raparigas... Finda a escolha do pessoal, os chefes começam mutuamente o oferecer pontos para estabelecer a igualdade entre o que fica *de cima*, a jogar, e o de baixo, a defender, visto ser este último o que tem de início menos vantagem... A *Cachóla* (banco, cadeira, pedra ou utensílio que sirva de ponto de mira para ser tocado pela *Péla* e a que dão sempre o nome de *Cachóla*) está do lado de cima. O rancho de baixo espalha-se, sendo a sua missão evitar que a *Péla* se distancie da *Cachóla*, esforçando-se por a apanhar à mão, pois que assim inutiliza o jogador que a impulsiona. Se a *Péla* cai no chão, o mais hábil do rancho atira-a em direcção à *Cachóla*. Se lhe toca, inutiliza o jogador; se não lhe toca, conta o que joga um ponto para o seu grupo. O jogo inicia-se por esta forma: O joga-

dor avança três passos adiante da Cachóla, e... espreita os espaços que há entre os adversários, para ver se por entre eles pode enviar a bola para longe — e joga-a no ar... As *Pélas* eram, de ordinário, grandes, feitas de farrapos cobertas de pano de lona e de vela de lancha. O seu jogo dependia de pulso forte e de certa habilidade para que a *Péla* se escapasse pelos intervalos do



Fig. 1 — A *Péla* na Póvoa de Varzim. Primeira fase de uma jogada : o jogador de «cima», em jogo, junto à «cachola», lança a *péla* para baixo ; se qualquer dos jogadores de «baixo» consegue apanhá-la no ar, aquele é eliminado.

pessoal do rancho adversário e fosse longe, dando assim mais probabilidade de se marcar os pontos» (1).

Por outro lado, no seu trabalho sobre a etnografia da Beira, Lopes Dias (2) fala-nos do jogo feminino da *Péla* que, nas três

(1) A. Santos Graça — *O Poveiro* — Póvoa de Varzim, 1932 — págs. 172/4, e também 170. Vide Figs. 1, 2 e 3.

(2) Jaime Lopes Dias — *Etnografia da Beira* — vol. VI — Lisboa, 1942 — págs. 165/6.

modalidades de *ao comprido*, *às custas*, ou *ao tira*, se joga em Idanha-a-Nova. A *Péla ao comprido* é um mero atirar da *péla* ⁽¹⁾ entre dois grupos de jogadoras, em que não se ganha nem se perde; trata-se menos de um jogo do que de um divertimento, o qual, por se jogar apenas durante o período que vai do Domingo de Páscoa ao Pentecostes, se pode considerar de carácter especial. A *Péla às custas* é um concurso a que se liga uma ideia augural, a ver qual das jogadoras acerta com a bola numa parede o maior número de vezes, que será o número de anos que lhe dá de solteira. A *Péla ao tira*, em que entram só duas pessoas, é uma sequência alternada de jogadas, em que cada jogadora atira a *péla* três vezes contra uma parede, sendo a seguir, e à voz de «Tira!», substituída pela outra, que encadeia o jogo sem interrupção do lançamento — e assim sucessivamente, até que qualquer delas perca.

Em todas estas três formas, trata-se de um jogo de actuações idênticas de ambos os grupos, que se seguem alternadamente, e que não realiza qualquer unidade de movimentos simultâneos e diferentes de grupos contrários; portanto, a *Péla* de Idanha-a-Nova nada pode ter que ver com a curiosa *força* da Póvoa de Varzim que leva o mesmo nome, e que o autor citado em primeiro lugar considera caracterizadamente poveira.

O mesmo já porém não acontece com outro jogo da *Péla*, também beirão, que é conhecido e praticado na Póvoa de Atalaia, no concelho do Fundão. Este é, na verdade, um jogo de interacção recíproca, em que dois partidos adversos se enfrentam com objectivos opostos e correlacionados, alternando igualmente as

(1) A *péla* — que de resto é nome genérico beirão para qualquer bola — é feita de pano, às vezes em meios gomos triangulares de cores diversas, e cheia com musgo.

suas posições junto de um alvo unilateral, aí chamado a *marra* ⁽¹⁾, no qual um deles se esforça por acertar com a *pêla*. Ambos esses partidos, que também incluem rapazes e raparigas simultaneamente, são formados pelo mesmo número de jogadores; e a sua escolha é feita um por um, à vez para cada grupo, pelos seus respectivos chefes, a partir de uma primeira sorte, tirada pelo



Fig. 2 — A *Pêla* na Póvoa de Varzim. Segunda fase da mesma jogada: um dos jogadores de «baixo», do próprio sítio onde a apanhou, devolve a *pêla* para cima, contra a «cachola»; se acerta nesta, o jogador de «cima» é igualmente eliminado; se não acerta, conta-se um ponto a favor do grupo de cima.

processo usual da moeda, a «cara ou cruz». O mesmo processo fixa seguidamente os campos em que cada grupo se situa de entrada: o «de baixo», junto à *marra*, que abre o jogo; e o «de cima», que se lhe opõe ⁽²⁾.

(1) A *marra* é uma pedra regular, de dimensões medianas, servindo de alvo.

(2) Note-se que Santos Graça, pelo contrário, chama «de cima», ao campo junto à *cachola*, e «de baixo» ao que se lhe opõe.

Só em baixo se contam tentos, por cada jogada de cima que não acerta na *marra*; por isso, o que os jogadores do grupo que está em baixo pretendem é dificultar a jogada dos adversários, para que esta falhe o alvo; pelo contrário, os jogadores do grupo que está em cima esforçam-se por eliminar sucessivamente todos os jogadores que estão em baixo, porque, quando o conseguirem, invertem-se as posições dos dois grupos, passando o que até aí estava em cima a contar tentos por seu turno.

Em baixo, é sempre o mesmo jogador quem joga enquanto não for eliminado, e só então entra em jogo outro do seu grupo; em cima, os jogadores estão todos em jogo ao mesmo tempo, é qualquer deles indiferentemente intervém na jogada.

O jogo inicia-se por uma jogada do primeiro jogador do grupo que vem para baixo, junto à *marra*, ao qual se sucederão os demais, à medida que cada um for sendo eliminado: o jogador em jogo lança com a mão a *péla* para o campo de cima, sem a agarrar, procurando atirá-la o mais longe possível: como ela deve, em seguida, ser, por um jogador do grupo de cima, devolvida contra a *marra* do próprio sítio onde foi apanhada, quanto mais distante este estiver, menos provável será que acertem no alvo. Os jogadores do grupo de cima, pelo seu lado, têm todo o interesse em agarrar a *péla* o mais a jeito que puderem, para com maior facilidade a atirarem para baixo certamente, a bater na *marra*. Se isto sucede, ou se qualquer jogador de cima consegue, antes de ela tocar no chão, agarrar no ar a *péla* lançada de baixo pelo jogador que está em jogo, este é «invalidado» e eliminado, e entra em jogo outro do seu grupo; e dissemos que, quando todos os jogadores do grupo de baixo forem assim eliminados, os dois partidos trocam as suas posições junto à *marra*. Se, pelo contrário, o jogador do grupo que se encontra em cima, ao devolver a *péla*, não acerta na *marra*, conta-se um tento a favor do grupo que se encontra em baixo, continuando em jogo o joga-

dor deste grupo que fez o lançamento. Entende-se que os jogadores de baixo não podem alterar a trajectória da *péla* que vem devolvida de cima em direcção à *marra* ⁽¹⁾.

Comparando agora este jogo com a *forga* poveira, vê-se claramente que, ao contrário do que se passa com a *Péla* de Idanha-a-Nova, a identidade aqui não é apenas de designação: o



Fig. 3 — A *Péla* na Póvoa de Varzim. Uma jogadora do grupo de «cima», junto à «cachola», constituída por um banco, que se vê à esquerda. Repare-se na posição espalmada da mão, para lançar a bola.

jogo é de facto igual nas duas localidades, compondo-se de elementos semelhantes — a *péla*, e a *marra*, que é a *cachóla* poveira —, obedecendo às mesmas regras e requerendo uma técnica única e

⁽¹⁾ Devemos a descrição da *Péla* da Póvoa de Atalaia, como tantas outras respeitantes a costumes da mesma região, à preciosa informadora que é a Senhora D. Maria dos Anjos Fontinhas, que tão perfeita consciência tem do valor, interesse, e beleza, das tradições em que foi criada.

apropriada (1). É certo que na Póvoa de Atalaia a partida compõe-se de dois meio-jogos, de 10 tentos cada, terminando por isso aos 20 tentos, ao passo que na Póvoa de Varzim ela consta de 2 *eis* e meio, de 12 pontos cada *el*, sendo portanto necessários 30 pontos para se acabar (2); além disso, não temos conhecimento da existência, no jogo da Póvoa de Atalaia, do leilão inicial de pontos a atribuir ao rancho que de entrada vai para o campo oposto à *cachóla*, que tem lugar na Póvoa de Varzim como contrapartida da vantagem de que desfruta o grupo adverso, único que então pode contar pontos a ganhar. Mas esses detalhes têm carácter secundário e extrínseco, e de forma nenhuma podem estabelecer diferenças fundamentais de natureza: pelo contrário, a identidade de estrutura dos dois jogos autoriza-nos a afirmar, sem dúvida possível, que a *Péla* poveira e a *Péla* da Póvoa de Atalaia são um só e mesmo jogo, postulando decisiva e necessariamente a unidade da sua origem.

É especialmente digno de nota o facto de, nos dois lugares, o jogo se jogar numa época própria, embora para cada qual deles esta se situe em momentos diferentes do ano: na Póvoa de Atalaia, a *Péla* parece ser um jogo da Quaresma, passatempo dominical favorito da gente nova, como substituto de cantares e outros folguedos então proibidos, e ocasião suplementar de namoricos (3);

(1) Na Póvoa de Varzim, como na Póvoa da Alalaia, a *péla* é lançada com a mão espalmada, pelas raparigas, e com o punho fechado, pelos rapazes, no grupo de cima.

(2) Apesar desta conta, o final do jogo poveiro é pitorescamente anunciado com a seguinte frase: «Seis, a acabar os quarenta eis!», que não tem significado exacto.

(3) Referimo-nos ao velho costume que só autoriza os namorados a falarem três dias por semana, e que se conserva na região.

A *Péla* da Póvoa de Atalaia é um jogo próprio da Quaresma, mas não podemos afirmar que seja proibido fora desse período.

ao passo que, na Póvoa de Varzim, ela joga-se apenas durante o período compreendido entre o Sábado de Aleluia e a festa da Ascensão, sendo portanto proibido durante aquela quadra, aparentemente em vista do ruidoso entusiasmo que suscita entre a exuberante população piscatória.

Esta diversidade, porém, longe de prejudicar a unidade e identidade essenciais que atrás referimos, acentua uma nota comum aos jogos de ambas as Póvoas, que de resto se verifica na *Péla ao comprido* de Idanha-a-Nova, e que, por nos parecer da maior importância, passaremos seguidamente a analisar: em todas essas localidades, a *Péla* é um jogo periódico, que está em relação com determinadas solenidades anuais, nomeadamente a Quaresma e a Páscoa.

*

* *

Existem de facto inúmeros jogos, ocorrendo em diversos países, que são próprios de um ciclo festivo ou estacional definido, e que ora são exclusivos e se integram por natureza nas celebrações típicas das épocas a que respeitam, ora são comuns, cerimonializando-se apenas, nesse momento, pela sua obrigatoriedade em tais épocas. Assim, por exemplo, na Inglaterra, em Terça-feira Gorda, realizavam-se em certas cidades grandes lutas à corda, procurando os representantes de bairros diferentes dominar os adversários e levá-los de vencida até determinados locais regulamentares, onde a vitória se consumava. Na França, por sua vez, tinha lugar, em várias localidades da Normandia e da Bretanha, e também em Terça-feira Gorda, a disputa brutal da *Soule* ⁽¹⁾, que para o efeito devia ser fornecida já pelo homem já

(1) A *soule* era uma grande bola de couro, reforçada com chapa, com mais de 30 cm. de diâmetro, e recheada com farelo.

pela mulher casados em data mais recente, e que centenas de jogadores em campo se esforçavam por levar a ponta-pé para lá dos limites das freguesias a que pertenciam; na Picardia, e, nuns lugares, igualmente em Terça-feira Gorda, noutros, no Domingo de Carnaval, noutros ainda, no primeiro Domingo de Quaresma, jogava-se do mesmo modo a *Choule* entre os representantes da montanha e do vale, com uma finalidade mágica ou augural manifesta, referida à colheita anual de maçãs, sendo a bola destruída quando o jogo terminava; em algumas aldeias, este jogo fazia parte dos festejos carnavalescos, servindo a bola para com ela se enlamearem propositadamente os espectadores; na Mancha normanda, era costume, e sempre na Terça-feira Gorda, todos os homens casados depois do anterior Carnaval — ou, noutros pontos, apenas o homem casado na data mais recente — atirarem numa festa pública, as *pelotes* ou *éteufs* ⁽¹⁾ aos rapazes solteiros, que deviam apanhá-las e fugirem com elas, defendendo-as dos que os perseguiam, até penetrarem dentro das suas freguesias; noutros sítios o jogo era próprio de casamentos e baptizados, sendo então o *éteuf* lançado pelos próprios nubentes ou padrinhos; na região de Compiégne, e, como com a *Choule* picarda, em diferentes datas conforme a sua localização, joga-se uma outra *Choule*, que se assemelha notavelmente ao desporto americano do Basket-ball, e que utiliza, como a nossa *Péla* de Idanha-a-Nova, uma bola mediana, de várias cores, cheia com musgo ou farelo; no Vivarais, jogava-se no primeiro Domingo da Quaresma, a *Sourle*, que por sua vez lembra o moderno Foot-ball, em que o objectivo fosse atirar a bola a um rio, em vez de encaixá-la nas balizas; na Touraine, jogava-se no dia de Carnaval o *Tricotage de la mariée*, em que a gente nova solteira procurava levar uma bola de pau até

(1) A *pelote* ou *éteuf* é uma bola pequena, ornamentada com fitas, cheia com estopa ou farelo, que leva dentro o dinheiro do prémio para o vencedor.

debaixo da cama dos pares casados depois do Carnaval anterior; em muitas províncias — na Champagne, na Vendêa, na Vienne, na Lorena, etc. — e em dias diferentes e próprios a cada uma delas — no Carnaval, no Pentecostes, nas festas da Ascensão, da Anunciação, ou patronais, na Senhora de Agosto, no dia 1 de Janeiro ou no da S. S. Trindade, etc. — os homens recém-casados, num local e festa públicos, procedem à *bille* cerimonial dos *éteufs*, isto é, ao lançamento dos *éteufs* por meio de uma pancada aplicada numa régua posta em equilíbrio instável sobre o tampo de um tonel, num dos extremos da qual os pousaram, e que os rapazes solteiros procuram apanhar; finalmente — e além de muitos mais —, em várias comunas da Mayenne e de Ile-et-Vilaine, a leste da Bretanha, joga-se a *Téque*, de que, pelas afinidades que apresenta com a nossa *Péla*, transcrevemos a descrição que segue: «Todos os Domingos da Quaresma, e na Terça-feira Gorda, jogava-se à *Téque*, pequena bola de couro, cheia de farelo. Separavam-se dois campos, por aldeias. Uns, armados de paus achatados no topo, procuravam impedir que a *Téque* atingisse a barreira, (e os outros procuravam consegui-lo). Se a *Téque* ultrapassava a barreira, eles ficavam «grelhados» ou «queimados» (perdiam), e iam para baixo, vindo os outros para cima (trocando-se, portanto, de campos). Se os que estavam em baixo conseguiam apanhar a *Téque* no ar, com as mãos, ganhavam» (1).

(1) Robert Herz — *Contes et dictons recueillis sur le front parmi les poilus de la Mayenne et d'ailleurs* — in «Mélanges de Sociologie religieuse et folklore» — Paris, 1928 — págs. 195/228 — *cit.*: Arnold van Gennep — *Manuel de Folklore Français Contemporain* — Tome Premier — III — Paris, 1947 — págs. 1089. Como na *Péla* de ambas as Póvoas, é a *Téque* um jogo de actuações opostas e alternadas, em que os partidos invertem as suas posições quando, por destreza, o adversário apanha a bola no ar, ou realiza o seu objectivo junto de um alvo ou barreira.

Além destes, existem ainda, noutras localidades, mais jogos que, embora igualmente periódicos, são contudo de géneros diferentes; assim, por exemplo, a *Malha* que na Haute-Marne se deve jogar em Terça-feira Gorda, e que nessa ocasião tem como prémio um ganso ou um carneiro oferecido pelos rapazes que aguardam o serviço militar; a *Filipina*, entre duas crianças, na Quarta-feira de Cinzas; o tiro ao alvo, em muitas festas patronais; os combates e decapitações de galos, também praticados na Inglaterra e na Escócia; o *Jeu de pou*, em que se rebolam pedras, ou rodas, por encostas abaixo; os diversos jogos de azar, da época carnavalesca, efectuados por bandos mascarados, etc.; e ainda os baloiços de Terça-feira Gorda, em certas aldeias da Sabóia francesa, e as inúmeras farsas carnavalescas, das quais destacaremos, pelo interesse especial que nos merecem, a Farsa do *Barri*, no Marne, e a da *Toupiole*, no Béarn, de que nos ocuparemos noutra ocasião.

*

* *

Entre os povos de estrutura social primitiva, os jogos periódicos — especialmente as lutas à corda, à vara, e à bola — têm geralmente significado ritual a finalidade mágica ou augural expressas, respeitantes à fertilidade do solo e à felicidade humana, representando cada um dos grupos, muitas vezes, a personificação respectiva das potências do bem e do mal (1);

(1) Em Vilarinho, no concelho de Vila do Conde, existe o jogo infantil da «Casinha do Senhor», em que os partidos adversos levam os nomes de *os anjos* e *os diabos*. Os *diabos* jogam junto a um risco, que faz de barreira, procurando impedir que os *anjos* a atravessassem; estes, de mais longe, esforçam-se por conseguí-lo, dizendo-se nesse caso que entraram na «Casinha do Senhor». Um *anjo* agarrado fica *diabo*; se atravessa o risco, salva-se: passa do Purgatório para

tal é o caso das lutas cujo fim é desencadear os ventos favoráveis à agricultura, que os espíritos adversos retêm, ou que fazem parte de cortejos fúnebres; em Marrocos, por exemplo, nas grandes festas anuais do Outono e dos sacrifícios, elas realizam-se à corda, entre homens e mulheres, e correspondem a uma cerimónia ritual de expulsão pública de espíritos malfazejos, «para que o ano seja bom e os povos vivam em paz». Por vezes, nessas lutas, opõem-se os habitantes de aldeias vizinhas, e acredita-se então que o grupo vitorioso levará, com a vitória, a abundância à comunidade a que pertence.

O estudo destas manifestações levou Frazer à conclusão de que todos os jogos e combates que têm lugar anual ou regularmente, em ocasiões especiais ou épocas próprias, e em especial nos fins de ano, e nos quais dois grupos opostos procuram vencer-se um ao outro e desbaratar-se reciprocamente, ou apropriar-se de qualquer bola ou objecto material, têm sempre carácter ritual e mágico, afirmando que nessas condições eles representam sobrevivências de práticas originariamente daquela natureza, que revestiam uma forma particular, quer esse carácter perdure sob a forma de qualquer crença ou superstição ligada ao jogo, quer dele tenham mesmo desaparecido todos os vestígios; o próprio Foot-ball — e, pela mesma razão, a nosso ver, muitas outras modalidades desportivas actuais — teria talvez na sua remota origem sido um combate ritual da mesma espécie, no

o Céu, e volta para o outro lado livremente, continuando a jogar como *anjo*. O jogo acaba quando todos os *anjos* são agarrados e ficam *diabos*; ou então, se qualquer deles, mais destro e rápido, resiste aos diabos invencivelmente, acaba quando assim o resolverem.

Não se trata aqui, de modo nenhum, de um jogo periódico nem cerimonial; mas a designação dos grupos, se não representa qualquer reminiscência, ainda que verbal, de antinomias rituais, é pelo menos sugestiva.

qual cada equipa em campo procurava apenas assegurar, com o seu triunfo, boas colheitas e outras vantagens ao agregado local que representava (1).

De facto, alguns dos jogos periódicos que mencionamos obedecem àquelas condições, justificando a tese da sua origem ou significado mágicos. Na *Soule* normanda e bretã, por exemplo, e no lançamento da *pelote*, a disputa que se desenrolava entre grupos sociais distintos visava a apropriação, por parte de um deles, de uma bola ou objecto correspondente, e a sua conservação dentro dos limites territoriais da sua freguesia; nas lutas à corda inglesas, os dois partidos procuram levar-se reciprocamente de vencida até um ponto que se situa, para cada um deles, também em território próprio. Além disso, em quase todos eles, é patente a associação com elementos de natureza peculiar, sob a forma aparente de convenções que sugerem ideias de fecundidade, e se traduzem pela intervenção obrigatória de pessoas casadas e em situação simbolicamente significante — seja em conexão com o conceito de «último», seja, outras vezes, com o de «os casados do ano» — a quem competem funções eminentes: a *soule* é, na Normandia, atirada para o campo do jogo pelo homem ou melhor casados em último lugar; a *pelote* ou *éteuf*, do mesmo modo, ou, no jogo colectivo, pelos homens casados desde o Carnaval anterior; em certos casos, o jogo tinha mesmo lugar nos casamentos ou baptizados, e o lançamento era feito pelos próprios nubentes ou padrinhos da criança; são os recém-casados do ano quem «*bille*» os *éteufs*, para os solteiros, e a natureza especial do jogo ressalta do facto de ele operar a mudança da categoria

(1) James George Frazer — *Le cycle du Rameau d'Or* — Vol IX — *Le Bouc Émissaire* — (Tradução francesa de «The Golden Bough») — Paris, 1926 — págs. 157/165, especialmente 164.

social desses casais, pondo fim ao período intermediário que é o prolongamento das bodas; e no *Tricotage de la mariée*, a bola devia ser alojada debaixo do leito conjugal dos casais do ano, mas a mulher a quem tivesse já nascido um filho ficava dispensada do jogo.

É certo que estas disputas entre aldeias limítrofes, ou, dentro da mesma aldeia, entre casados e solteiros, simbolizando «lutas de grupos sociais — «rivalidades territoriais, de categorias de idades ou de estatuto matrimonial» — podem entender-se como «manifestações do velho espírito de clã territorial, se não familiar, que é um facto psíquico e social universal» (1); e, por outro lado, a obrigação de se levar a bola até dentro dos limites territoriais da freguesia a que pertencem os disputantes, pode ter em vista simplesmente «afastar a meta o mais possível, como em todos os jogos de corrida, a fim de pôr fortemente à prova o fôlego dos concorrentes» (2). Mas estas considerações não invalidam a hipótese da sua natureza ritual originária, e de que o seu objectivo informado era estimularem mágicamente a fecundidade, aos quais aquelas razões se podem ter acrescentado ou sobreposto. Em qualquer caso, porém, na *Choule* picarda, o jogo tem essa natureza e finalidade expressas, entendendo-se que assegura ao partido vencedor a melhor colheita de maçãs do ano (3), o mesmo sucedendo, de um modo geral, e embora sem por vezes

(1) Arnold van Gennep — *Manuel de Folklore Français Contemporain* — Tome Premier — III — Paris, 1947 — págs. 1097/8.

(2) *Ibid.* — pág. 1092.

(3) A este respeito, vide A. van Gennep, *ibid.*, pág. 1097, que considera que a destruição final da *choule*, atrás referida, tinha primitivamente um significado ritual, e a compara às destruições rituais dos objectos de culto de certas cerimónias totémicas.

se poder precisar em que sentido concreto e definido, com os jogos de azar privativos do Carnaval e, como veremos, com os baloiços periódicos e as farsas da *Toupiole* e do *Barri*.

*

* *

Terá a *Péla* sido também um jogo desta categoria — queremos dizer, um jogo cerimonial, praticado com quaisquer fins mágico-rituais —, que, perdido o seu sentido primitivo, conserva apenas o traço característico da sua periodicidade? Ou — visto não nos parecer que exista qualquer outra razão para ela — será esta periodicidade um acidente sem significado?

Notaremos desde já que, enquanto que na maioria dos jogos que atrás analisamos tal periodicidade é bem definida, concretizando-se as mais das vezes num dia certo, na *Péla* ela apresenta-se como uma proibição ou permissão difusas e de ordem geral, mais do que como uma afectação específica; e isto atenua o valor da sua interpretação como jogo cerimonial. Além disso, não existe nela combate efectivo entre os dois grupos contrários, ou luta pela apropriação da bola como objecto talismânico, que, a par com a referida periodicidade, constituem os elementos essenciais dos jogos praticados com fins mágicos, ou que se podem entender como suas sobrevivências: tais aspectos, neste caso — como, de resto, em alguns dos mencionados, — só podem existir implícitos sob a forma transposta da competição e da vitória final, simbolizando o combate e a apropriação. O certo porém é que a limitação periódica da *Péla* é um facto, inexplicável como mero acaso gratuito, que, como tal não se poderia verificar nas mesmas circunstâncias em duas localidades independentes e distantes como o são a Póvoa de Varzim e a Póvoa de Atalaia, aparecendo ainda

na *Péla aa comprido* de Idanha-a-Nova (1). E, além disso, o carácter augural do jogo *às custas* desta última povoação, que associa a *péla* à ideia de poderes divinatórios em relação com o casamento, parece acentuar um traço próprio de quase todos os jogos periódicos franceses, e apoiar a hipótese mágica acerca do sentido da *Péla* em geral, atestando, num caso particular em que ele sobrevive, a virtude misteriosa que é atribuída ao seu elemento basilar — a *péla*.

(1) A periodicidade da *Péla* é de resto do mesmo tipo da do jogo francês da *Téque*, que respeita aproximadamente ao mesmo período que a *Péla* da Póvoa de Atalaia.

VÁRIA

Os «Bombos» de Fafe, e outras diversões de carácter periódico

Há cerca de quarenta anos faziam-se em Fafe, num recinto que se prestasse para a festa — de preferência umas carvalheiras, e nomeadamente o local daquela vila chamado *a Granja* —, e na tarde do dia de Páscoa, os baloiços festivos a que se dava o nome de «Bombos». Para tal, arranjava-se e preparava-se prèviamente um grande ramo de carvalho com dois braços iguais, e a resistência, tamanho, e aspecto requeridos, o qual, aproveitando-se qualquer gancho natural que tivesse no vértice, ou, na sua falta, aplicando-se-lhe aí um de ferro, se suspendia de um barrote atravessado ao alto entre duas carvalhas; sòlidamente pregada aos extremos desses braços, uma tábua fazia de assento. No gancho, em cima, colocava-se um ramilhete de flores, uma rosca de pão, e uma garrafa de vinho «fino», que constituiriam o prémio para quem viesse a merecê-lo.

Os rapazes, à vez, em pé sobre o assento, levavam o «bombo» o mais alto que podiam, a golpes de rins, e aquele que conseguisse fazê-lo dar a volta completa, era o herói do dia, e recebia as flores, a rosca, e a garrafa. As raparigas, menos afoitas e fortes, e também cada uma à vez, iam sempre sentadas; o impulso era dado por um rapaz que, em pé, acompanhava aquela que ocupava o baloiço, ou então por outros que, de fora, puxavam duas cordas presas ao assento, no sentido da oscilação, entre gritos de susto por parte delas, e grande brincadeira pela deles. Um rapaz nunca consentiria em se sentar, nem que qualquer outro o ajudasse.

Os «bombos», que depois daquele dia se mantinham, eram o grande divertimento da gente moça nas tardes de domingo da quadra primaveril, e pretexto para se organizarem verdadeiras festas, com luzida concorrência e animação, tendinhas de refrescos e limonada, música de harmónios, violas, pandeiretas e ferrinhos, rugas, descantes e bailaricos.

*

* *

Em muitas terras portuguesas existe o costume de, em datas diversas, se «roubarem» certas alfaias, vasos de flores, e outros objectos, que se levam para qualquer local especial da povoação, onde, no dia seguinte, os donos respectivos os deverão procurar, e trazer de novo para as suas casas.

Assim sucede entre muitos outros, por exemplo, no distrito de Braga, na véspera de S. João, em Aboim da Nóbrega, no concelho de Vila Verde, e em Tecla, no de Celorico de Basto, onde os «roubos» consistem habitualmente em carros, arados, cancelos, vasos de flores das janelas, etc.; em Fafe, onde de preferência são «roubados» os sarilhos de tirar água, com o balde e a corda, os vasos de flores, e os «canhotos» de lenha, que, à porta das casas, aguardam o rachador, e que se atravessam nas quelhas e caminhos, impedindo a passagem; em Cortiços, no Barroso, e em Priscos, onde, além daquela data, o costume se verifica também na véspera de S. Pedro, sendo na primeira daquelas localidades os objectos atravessados nos caminhos, como no exemplo de Fafe, e na segunda levados para o adro da igreja, como no de Tecla e Aboim de Nóbrega; etc. Na região de Arouca, a brincadeira, a que em certos lugares dão o nome de «Travessuras de S. João e de S. Pedro», faz-se nas vésperas dessas duas festividades, e os «roubos» são levados para o adro da igreja ou para qualquer encruzilhada de caminhos.

Por outro lado, no concelho de Vinhais, a data escolhida é o dia de Todos-os-Santos; em Moimenta da Raia e Seixas, por exemplo, os rapazes, nessa ocasião, «roubam» igualmente grades, arados, carros, etc., que põem nos caminhos; e nesta última aldeia, além disso, tapam as fontes com paus, e, quando podem, levam os burros para longe do povoado, e deixam-nos aí ficar presos a qualquer árvore.

É visível o carácter irreverente da costumeira, que muitas vezes é dirigida, por parte dos rapazes novos, contra casas onde há raparigas solteiras, ou pessoas desfrutáveis, por temperamento ou aspecto, e que se apresenta como manifestação das liberdades licenciosas, de fundo mágico-ritual, próprias de certas épocas e celebrações primitivas, hoje permitidas à juventude, nas festividades que lhes correspondem.

*

* *

Na semana que precede o Carnaval, vimos, nos arredores de Coimbra, perto da margem esquerda do Mondego, um grupo de raparigas que, ao lado da estrada, atiravam grandes potes de barro, já inutilizados, de umas para as outras, em visível feição de divertimento; mas não nos foi possível, naquela ocasião, levar mais longe qualquer inquérito acerca do jogo, de resto conhecido entre nós em outras localidades.

Em França, porém, o quebrar voluntário de louça de barro constitui sempre uma prática com sentido mágico — às vezes, por falta de razões expressas, difícil de se concretizar e definir se profiláctico, multiplicador, ou propiciatório, mas geralmente em relação com a ideia de felicidade (*porte-bonheur*) —, e, naquelas condições, é um jogo próprio de certas celebrações e ritos de passagem, nomeadamente casamentos ⁽¹⁾. Eis, para melhor ilustração, a descrição que, com o nome de *Jeu de Toupiole*, próprio do dia de Carnaval, dele dá o Ab.^o Laborde, referido a Bidache, no Béarn: — «Durante todo o ano, as donas de casa puseram de lado os cântaros rachados ou amputados do seu gargalo ou asa. Quando chega o dia, homens e mulheres, em pequenos grupos, atiram uns aos outros, na praça pública, esses cântaros fora de uso, como se fossem bolas. A princípio, isso faz-se com perícia, mas depois, pouco a pouco, deixam-se propositadamente cair ao chão os cântaros, que se estilhaçam em mil bocados, no meio de gargalhadas.

Quando todos se escacaram, vão-se buscar os velhos potes rachados ou esbotenados. Depois de tudo esmigalhado, deixam-se os cacos no sítio, o que a um estranho causaria a impressão de que se estivera a espatifar a montra de um louceiro...» ⁽²⁾.

*

* *

Quando qualquer manifestação tradicional de carácter complexo tem lugar numa área que transcende os limites de uma zona

(1) Arnold van Gennep, *Manuel de Folklore Français Contemporain*, Tome Premier, II, Paris, 1946, pág. 521, e III, Paris, 1947, págs. 1110-1111.

(2) *Ibid.*, III, pág. 1110. — Poderá esta prática aproximar-se do costume iroquês, relatado por Frazer (*Le Bouc Émissaire*, pág. 114), próprio das festas do Novo Ano, em que homens e mulheres, nas vésperas da cerimónia da expulsão dos maus espíritos, iam de tenda em tenda, como loucos, escacando e atirando ao chão tudo o que encontravam?

regional ou nacional, somos, acerca da sua origem, obrigados a encarar a hipótese de um foco inicial de difusão único, cuja antiguidade será tanto maior quanto mais vasta for tal área. Ora, as «Travessuras do S. João» são também conhecidas em França, ocorrendo em termos iguais aos daqui, em diversos lugares e datas, com o nome, próprio da região alpina, de *Farse du Barri*; no departamento do Marne, por exemplo, elas têm lugar em Terça-feira Gorda, e é o tambor que, no dia seguinte, avisa os donos de que chegou a hora de irem buscar o que lhes pertence — carros, bancos, cancelos, ferramentas, etc., como entre nós —, e que os rapazes amontoaram na praça comunal durante a noite, enquanto ardiam as fogueiras do Carnaval (1).

Pelo seu lado, os baloiços periódicos, com o carácter de ritos de festa, encontram-se igualmente em muitos povos; eles já eram conhecidos na antiguidade greco-romana, tendo aí lugar em cerimónias religiosas de fundo mítico, em relação com ideias de expiação e purificação de influências maléficas aéreas, e, consequentemente, como ritos promotores da fertilidade (2); nos nossos tempos, entre as populações cuja vida mental se regula por conceitos menos evoluídos, eles correspondem do mesmo modo, geralmente, a práticas religiosas ou mágicas, embora com fins diversos: umas vezes, parecem ter em vista a expulsão de maus espíritos; outras, são utilizados como um veículo para a inspiração divina se manifestar; outras ainda, como um processo de assegurar caça e pesca abundantes, provocando a fecundidade animal e vegetal; etc.

Na Europa moderna, existem em alguns departamentos da Sabóia francesa os baloiços de rapazes e raparigas no dia de Carnaval, em cordas suspensas de árvores ou palheiros (3); na Itália, havia-os na Calábria, no Natal, dentro das casas, por parte das raparigas, com intenção piedosa; em Cádiz, na Espanha, havia os da mesma data, que seguiam, depois, até ao Carnaval, por rapazes e raparigas, e também dentro das casas; na Grécia há-os em várias ocasiões, conforme os lugares — na terça-feira depois da Páscoa, com carácter aparente de rito solar; a meio da Quaresma, entre lamentações; etc. —; na Estónia, havia os da noite de S. João, enquanto ardiam as fogueiras, só de raparigas, acompanhados de cantigas (4); e na Letónia, os lavradores, entre a

(1) *Ibid.*, III, págs. 1107-1108.

(2) James George Frazer, *Le cycle du Rameau d'Or*, vol. IV, *Le Dieu qui meurt* (trad. francesa de «The Golden Bough»), Paris, 1931, págs. 246-248.

(3) Arnold van Gennep, *op. cit.*, III, pág. 1106.

(4) James George Frazer, *op. cit.*, págs. 248-249.

Páscoa e o S. João, baloiçavam-se o mais que podiam, durante as horas vagas, acreditando que, por um princípio evidente de magia imitativa, e à semelhança do que sucede em outros sítios, quanto mais e mais alto baloiçassem, melhor a semente germinaria e cresceria (1); etc.

*

* * *

As três diversões populares que apontamos, portanto além de serem comuns a vários países, o que pode sugerir a seu respeito, uma origem remota, apresentam-se, em todos eles, com o mesmo carácter de periodicidade.

Ora, é sabido que a periodicidade de alguns jogos e diversões, e a sua afectação a determinadas cerimónias e celebrações festivas, os indigita, em certos casos, como sobrevivências de práticas rituais ou mágicas; tal é, de facto, como vimos, o aspecto que, dum modo geral, apresentam os baloiços periódicos que ainda há poucos anos tinham lugar na Europa. É, assim, possível que a ideia de conceder o prémio dos nossos «Bombos» àquele que conseguia dar a volta completa, represente um princípio de natureza idêntica, porventura em relação com as sementeiras, posto ao serviço do instinto lúdico de competição humana (2). Por sua vez, entendemos que o jogo de Coimbra deve ser estudado em comparação com a farsa francesa carnavalesca da *Toupiole*, cuja ligação com ideias mágicas é também expressa (3). E vimos atrás a plausibilidade de tal ser também a significação dos «roubos» do S. João. Deste modo, parece fora de dúvida que nos encontramos perante manifestações de natu-

(1) Ibid., pág. 134. Cf. do mesmo autor: *Le cycle du Rameau d'Or*, vol. IX, *Le Bouc Commissaire* (trad. francesa de «The Golden Bough»), Paris, 1926, acerca dos saltos que os lavradores davam em certas regiões de França, Alemanha e Áustria, na ocasião das sementeiras ou em certas datas festivas, e em especial no dia de Carnaval, com a mesma ideia e finalidade (págs. 214-215), e ainda os baloiços das raparigas nas cordas dos sinos, na festa da Ascensão, em Hildesheim (pág. 223).

(2) A área de difusão do costume dos «Bombos» não está ainda determinada. Informam-nos de que ele é também conhecido na região de Barcelos. Deve-se notar, entretanto, que, entre nós, nenhuma reminiscência subsiste, em relação aos «Bombos», de qualquer primitivo significado mágico.

(3) Não temos igualmente conhecimento, entre nós, de qualquer ideia de augúrio favorável relacionada com o quebrar de olaria, tal como sucede em França. E se as manifestações de um costume são nitidamente esporádicas, é sempre possível que se tenha verificado o caso excepcional de uma importação limitada, e não de uma verdadeira difusão.

reza especial, que deverá ser tomada em linha de conta para a sua conveniente interpretação; e esta hipótese é aqui apoiada pela consideração da sua presumível antiguidade.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA.

Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Palestras sobre a alimentação

Numa série de palestras ao microfone da Emissora Nacional (1) o Presidente da nossa Sociedade ocupou-se dos problemas biológicos e sociais da alimentação. Reproduzem-se em seguida essas palestras, em vista do interesse geral do tema:

I

Alguns decénios de progresso científico e técnico; os desenvolvimentos recentes nos estudos sobre a alimentação; fisiologia e regimes alimentares; aspectos biológicos, químicos e sociais da alimentação; gordos e magros; tipos constitucionais e modas; apetite e mecanismos auto-reguladores.

O Presidente da Fundação Carnegie para o Avanço do Ensino, no relatório anual desta instituição, pôs recentemente a questão seguinte, à qual respondeu em parte: o que chocaria mais um professor universitário de há 75 anos se regressasse à sua função hoje? Não reproduzirei a resposta dada, senão na parte em que se afirma não dever causar estranheza a tal professor uma enorme quantidade de descobertas realizadas nem o desenvolvimento de certos estudos, mas o desinteresse quase generalizado pela filosofia e a preferência da universidade moderna pela investigação dos factos sobre a da própria Verdade, sendo sacrificados pela especialização não só a amplitude do saber mas outros elementos fundamentais da ciência antiga.

Ficará para outro ensejo a discussão deste tema, mas parece-me que não é preciso recuar 75 anos para a verificação dessas e doutras diferenças entre as preocupações dos cientistas das duas épocas. Posso eu próprio fornecer um depoimento con-

(1) Estas palestras foram proferidas em 10 e 17 de Dezembro de 1951 e em 7, 14, 21 e 28 de Janeiro de 1952.

creto. Comecei a frequentar as escolas superiores em 1904, ou seja há cerca de 47 anos. Fui portanto discípulo de mestres formados no século XIX geralmente com a mentalidade e os interesses intelectuais que o presidente da citada Fundação americana, Oliver Carmichael, refere. Estudei por livros do final daquele século. Meu Pai, médico, concluiu em 1874 o seu curso de medicina, e nunca esquecerei os ensinamentos e as orientações que em matéria científica lhe devo, como aos seus livros e às revistas que, sempre no cuidado de actualizar os seus conhecimentos, ele adquiria. Convivi e muito aprendi com homens cultos formados no século passado, e, acompanhando o melhor que pude a evolução dos conhecimentos científicos em certas matérias até hoje, posso asseverar que um período de 75 anos é demasiado para marcar diferenças fundamentais, profundas, consideráveis, entre duas fases dessa evolução, pois nalguns domínios a Ciência transformou-se espantosamente em menos da terça parte daquele lapso de tempo.

É, por exemplo, enorme o desenvolvimento, nos últimos 25 anos, dos estudos sobre uma matéria de interesse verdadeiramente vital: os problemas da alimentação. Sob variados aspectos, a investigação neste domínio constitui uma preocupação activa de pesquisadores das mais diferentes tendências e especializações. Decerto a Fisiologia, a Patologia, a Bioquímica, a Biologia Geral, a Terapêutica, a Higiene, a Economia, de há muito se ocupavam de tais assuntos, mas, em vez de se limitarem a constituir simples capítulos dessas disciplinas, as questões alimentares concentraram-se, nos últimos decénios, num sector novo, chamado das Ciências da Nutrição, havendo hoje uma especialização largamente cultivada nalguns países, mesmo um corpo de especializações, o domínio dos *nutricionistas*, que justificadamente atraiu a atenção pública, como a das entidades responsáveis, tão momentosos se tornaram esses assuntos seja para o bem-estar individual, seja para os povos e a humanidade inteira.

Quando era estudante de medicina já havia conhecimento de numerosas aquisições úteis sobre fisiologia geral e especial, química, energética, etc., da alimentação, sobre dietética, e mesmo sobre relações entre a economia e as necessidades alimentares. Em patologia e clínica conheciam-se os resultados nefastos de alguns desvios, abusos ou erros alimentares, e preconizavam-se os regimes considerados mais adequados para diversas doenças. Penetrara-se já na intimidade do processo celular de assimilação, que para Le Dantec era a própria essência da vida. Estudavam-se as fermentações, conhecia-se a composição química de muitos alimentos, havia já a noção de que certas dificuldades e atrasos de

desenvolvimento estavam relacionados com a necessidade orgânica indeclinável de certas substâncias, mesmo em pequeníssimas quantidades (como as hoje chamadas *vitaminas*). Já se sabia que anomalias das glândulas chamadas *endócrinas* produziam perturbações de desenvolvimento, obesidade, etc. Já se estabelecera sobre preciosos ensinamentos da física e da química biológicas a noção do valor energético da ração alimentar e haviam começado as pesquisas para a determinação da composição qualitativa e quantitativa dessa ração segundo as exigências orgânicas. Quer dizer: já se sabia que, para se manter, para o seu crescimento, para a reparação dos seus desgastes, para o exercício das suas actividades (graduadas desde um repouso, como do sono, até um trabalho moderado ou violento), o organismo vivo necessita de certas proporções de determinados grupos de substâncias alimentares, num total correspondente à produção duma certa quantidade de energia, expressa em unidades da física chamadas calorias, as quais, medindo quantidades de calor, servem também para estabelecer quantidades equivalentes doutras energias, como a mecânica. Sabia-se em suma que o ser vivo é uma máquina especial, em que o alimento representa o carvão numa máquina a vapor, exigindo-se que o carvão não seja nem mais nem menos do que o necessário, o requerido pela actividade e pela própria natureza da máquina, a qual, no caso do ser vivo, se pode considerar — digamo-lo desde já — de muito maior rendimento do que qualquer máquina artificial, mesmo das mais engenhosas que o génio humano tem concebido. Nestas as perdas são muito mais consideráveis do que na máquina viva.

A atenção dos clínicos para os regimes alimentares existia já de há muito. Recordo o que meu Pai me ensinava em tal domínio. Tinham também grande actualidade, quando me formei em medicina, os estudos de Metchnikoff e outros sobre o papel da flora intestinal benéfica (como os bacilos lácticos) no tratamento de determinadas doenças e na própria duração da vida. Meu Pai era um entusiasta destas aquisições da Medicina daquela época. Afirmava, com razão, que frequentemente o regime alimentar é mais importante que os melhores medicamentos. No entanto, entendia justamente não deverem exagerar-se certas preocupações alimentares.

Contou-me um dia o caso dum seu doente, figura de relevo na cultura portuguesa, já desaparecido, que numa longa psicastenia, se ocupava em pesar minuciosamente numa balança as doses dos diferentes alimentos que ingeria. Indo para um sanatório em França, o doente, na primeira refeição em comum com outros doentes e o médico-director, aprestava-se a, numa balan-

cazinha de algibeira, efectuar a pesagem dos alimentos que lhe ofereciam, quando foi interpelado pelo médico o qual, inteirado do que se tratava, pegou amavelmente na balança e a fez desaparecer. . .

Mais tarde a mesma individualidade contava-me, a mim próprio, ser devedor a meu Pai dum benéfico tratamento do seu mal. Querendo expor os padecimentos, fora convidado por meu Pai, muito ocupado, a acompanhá-lo na sua carruagem durante as visitas da sua clínica através da cidade. Meu Pai ouviu-o pacientemente e no final pregou-lhe uma tremenda descompostura, que actuou como o mais benéfico revulsivo. Foi a cura definitiva. Assim mo afirmou o antigo doente. É certo que a psicoterapia é muitas vezes milagrosa. . .

Reatemos o fio das nossas considerações. Havia já naquelas épocas noções valiosas sobre os problemas alimentares, versando questões que muitos supõem recentes. Mas a verdade é que de então para hoje se progrediu notavelmente na matéria, embora subsistam algumas incertezas e desacordos. Sob dois aspectos são postos, como já disse, os problemas da nutrição, relativamente ao homem: o individual e o colectivo, o social. A Medicina, a Química, outros ramos de estudo, colaboram no esclarecimento dum e doutro aspectos.

O médico é frequentemente chamado a dar a sua opinião e o seu conselho em casos individuais de doença ou de simples predisposição mórbida, como em casos de obesidade ou de emagrecimento, em que regimes especiais se impõem. Decerto, pelo que respeita à obesidade ou ao emagrecimento, não é apenas uma legítima precaução contra consequências mórbidas ou males possíveis que leva as pessoas a procurarem o médico. É também, sobretudo no sexo que se convencionou chamar frágil (embora, sob vários aspectos, o masculino o seja mais), uma preocupação estética, a moda. E estas variam, de época para época. As mulheres paradigmas de beleza, para Rubens e Veronese, eram pujantes, alentadas, de marcadas curvas. Hoje a magreza é um ideal, uma estilização pretendida.

Não há muitos anos constituía um autêntico axioma clínico o de que a pesagem é um meio precioso de despistagem, de diagnóstico precoce, da tuberculose. O emagrecimento dava cuidados. O emagrecimento regista-se em muitas doenças, todos o sabem.

Há alguns anos, num curioso inquérito do laboratório do Padre Gemelli, na Universidade Católica do Sacro Cuore, em Milão, pôde averiguar-se que, perante os actores preferidos de cinema, se podiam considerar como ideais estéticos da época, Rodolfo Valentino, no sexo masculino, e Greta Garbo, no sexo

feminino. O primeiro era um esguio, mas vigoroso. Greta Garbo era o tipo esguio astênico, o longilíneo astênico da classificação tipológica de Kretschmer. Ao menos exigia-se no homem robustez, músculos, vigor físico. A magreza inerte era só para as meninas românticas. Hoje não. Fico indignado quando vejo um moço (nos anos), a declarar-se, por snobismo, *neura*, deprimido, inválido. É certo que não o fico menos quando ouço alguém aplicar a qualquer coisa de notável, de superior, de impressionante, o deplorável qualificativo *bestial*, desonra duma época — não quero dizer duma geração onde há, felizmente, tanta gente que não é *bestial*, no justo valor semântico deste termo.

Concordemos em que oferecem idênticamente perigos a gordura e a magreza excessivas. O dever do médico é procurar averiguar a realidade e a causa duma ou doutra. Essas causas são múltiplas, umas mais graves do que outras, como veremos em palestras subsequentes. Podem decerto, uma e outra, conduzir aos resultados mais nefastos nos meios sociais e económicos mais diversos. Mas é um facto averiguado que se engorda mais — e demais — em certas profissões sedentárias e nas classes economicamente mais favorecidas, ao passo que há maior número de magros nas profissões activas e sobretudo nas classes em que os recursos não abundam para refeições lautas, excessivas. Enquanto uns comem demais, ultrapassando a ração satisfatória, outros, infelizmente muitos, comem de menos. Ora, como veremos, há males que resultam da hipernutrição, como os há resultantes da subnutrição.

Não se pretenda que a gordura ou a magreza, como a hiperalimentação ou a hipoalimentação, são, em geral, as expressões de irremovíveis tendências orgânicas. É a desculpa de muitos. Estou recordando a *boutade* dum velho médico, meu amigo, a quem eu exprimia a maior estranheza por ele autorizar os seus doentes a comerem aquilo que lhes apetecesse. Aos meus protestos ele obtemperava: — Tu, que frequentaste Fisiologia, ignoras que há nos organismos mecanismos autoreguladores? Se o corpo nos pede isto ou aquilo, devemos procurar satisfazê-lo.

Decerto há, nos seres vivos, instintos seleccionadores de regimes e atitudes, há mecanismos autoreguladores maravilhosos como os que regulam certas funções, a actividade respiratória ou a cardíaca, segundo as necessidades do organismo. Mas em matéria de apetite, do paladar, são tão frequentes as deturpações, as perversões, os desvios perigosos para mais ou para menos que a satisfação duma falsa fome (que não é senão gula, mórbida bulimia), ou a satisfação duma inapetência de origem patológica podem conduzir aos resultados mais desastrosos.

Mais considerações vamos fazer sobre estes assuntos, deixando para mais tarde, depois dumas palestras sobre regimes alimentares individuais e suas indicações, algumas reflexões sobre o problema alimentar no ponto de vista social. Tanto num como noutro campos está sendo desenvolvida uma colossal tarefa de estudo e pesquisa. Mas, embora exista interdependência entre os dois sectores de trabalho científico, é, seguramente (perante as limitações da produção e de recursos, em face da justiça social e do aumento da população do globo) o segundo aspecto, o colectivo, aquele que suscita preocupações mais sérias das entidades responsáveis e um movimento mais activo e amplo de cooperação científica internacional.

Repito, porém, que os dois aspectos se relacionam intimamente e, por outro lado, é também um benefício colectivo tratar dos regimes individuais mais adequados de alimentação. Até pelo que os que comem demasiado podem e devem deixar de comer, em possível benefício dos que comem de menos. . .

O quadro que vou esboçar nas próximas palestras sobre regimes e dietas e sobre anomalias ou doenças do domínio da nutrição interessará decerto quem, desconhecendo estas matérias, sentir que, sob tal aspecto, as coisas não vão passando bem em si próprio. Desde já faço, entretanto, uma prevenção: é que são tão variadas e complexas as formas que podem revestir aquelas anomalias e doenças, há tantos pormenores a considerar cientificamente neste assunto, que nenhum leigo em medicina deve contentar-se com palestras como estas, com livros de vulgarização ou com anúncios de remédios ou alimentos especiais, para resolver qual a medicação ou o regime que lhe é mais conveniente. O melhor que tem a fazer, se não se sente bem, é ir ao médico.

Estou recordando um velho professor de medicina que, com espírito, dizia a qualquer das muitas pessoas que, encontrando-o no eléctrico, aproveitavam o ensejo para lhe descrever os seus padecimentos, aguardando um conselho clínico: — Olhe, meu amigo. Sabe o que eu faria no seu lugar? Ia consultar um médico.

II

Maravilhas automáticas no metabolismo celular; gula e gastronomia; glutões célebres; o processo biológico da assimilação; química alimentar; valor energético da ração alimentar; nutrientes fundamentais; vitaminas.

Do mesmo modo que Mr. Jourdain «fazia prosa sem o saber» também muita gente ficaria maravilhada se soubesse o que se passa, automaticamente, sem uma sua participação consciente e intencional, na intimidade dos seus próprios organismos e, em geral, na dos seres vivos, para a conservação respectiva e para o exercício das mais variadas actividades vitais. São admiráveis a complexidade e a eficiência dos mecanismos, das architecturas químicas, que são a base da vida. Moléculas complicadas, substâncias as mais diversas, equilíbrios surpreendentes asseguram a continuidade das funções, as mais transcendentes, que constituem a essência dos processos biológicos. Tais assuntos não merecem o desdém dos que pretendem dar essas maravilhas como domínio grosseiro e mesquinho da matéria.

Materialismo sim, falso requinte, os daqueles que encobrem com pretextos elegantes e subtis os excessos, os desmandos, dos seus apetites insaciáveis. Os excessos sim, não o apetite moderado, normal, indispensável, imposto pela fisiologia.

A gula mais voraz encontrou sempre para seu apoio e serviço as inúmeras maneiras que Pantagruel, Lúculo ou Brillat Savarin, com maior ou menor requinte, têm inventado para estímulo e satisfação de paladares exigentes. Se o convívio em torno da mesa duma refeição frugal foi em todos os tempos um modo de aproximação e entendimento dos homens, não devem confundir-se festas de família, banquetes excepcionais, com a sistemática e permanente voracidade de algumas criaturas. As Academias de Gastronomia não alcançam desfazer a impressão de que de preferência a homens de bom gosto, reúnem apenas comilões e beberrões de categoria. O interesse pelas iguarias saborosas e delicadas não deve confundir-se com o devorismo glutão de muita gente, deve limitar-se ao natural e legítimo. A gula na história irmana-se com a história da brutalidade. Se, entre as grandes personagens, Salomão e Lúculo deixaram memória — o primeiro dos seus festins para cujo êxito possuía no palácio doze intendentes (tantos como os dos meses do ano) que dirigiam o serviço um mês cada, ocupando-se nos restantes onze meses em descobrir as iguarias mais requintadas, o segundo dos banquetes em que afun-

dou um passado político e militar, desonrando-o como também com o culto dos prazeres, com o abandono do interesse pelo bem público e a abdicação degradante de toda a dignidade pessoal e política —, se houve figuras que a história celebrizou simultâneamente pelo poder de que dispuseram e pelo culto da gastronomia, não faltaram também em todos os tempos criaturas anónimas, modestas, que se salientaram apenas pela capacidade sôfrega e insaciável dos seus estômagos. Estou lembrando o caso do tambor dum regimento que, tendo apostado ser capaz de comer sem interrupção uma vitela, ingeriu quase toda a vitela em pratos cozinhados diversamente e exclamou: — Quando me servem a vitela? É que com estas ninharias o estômago vai-se enchendo...

Mas voltemos ao nosso tema principal, que hoje se inicia pela nutrição elementar, pela nutrição como processo celular, processo orgânico maravilhoso e complexo, como de resto são maravilhosas e complexas as transformações químicas que se desenrolam na intimidade dos seres vivos, para assegurar a manutenção da vida, a produção da energia indispensável para várias actividades vitais, a reparação de desgastes sofridos pelos organismos, o crescimento, o desenvolvimento, nas respectivas fases.

A matéria viva pròpriamente dita tem uma composição química determinada segundo a espécie de que se trata e até mesmo de certo modo segundo os indivíduos. Ela é elaborada pelo organismo a partir de alimentos cuja transformação e incorporação na matéria viva preexistente constituem a *assimilação*, que, como já disse na palestra anterior, é considerada um dos processos fundamentais e característicos dos seres vivos. Mas o organismo não se contenta com o fornecimento dos materiais para as suas necessidades actuais, armazena também reservas para exigências ulteriores. Das reacções químicas desenroladas emana a energia necessária para as actividades vitais, energia expressa nas unidades da física chamadas calorías (neste caso grandes calorías), ou sejam determinadas quantidades de calor, aliás susceptíveis de traduzir outras energias além da calorífica, como a mecânica, dada a equivalência encontrada entre umas e outras formas de energia.

O conjunto das transformações de matéria operadas no organismo é o que se chama *metabolismo*, o qual se apresenta sob dois aspectos, o construtivo, ou *anabolismo*, e o destrutivo, ou *catabolismo*. No primeiro o organismo, elaborando, a partir de substâncias mais simples, substâncias de complexidade maior, ou armazenando materiais ou energias (como a solar) recebidos do exterior, acumula substâncias e capacidades ou energia em potencial, ao passo que no catabolismo se opera uma degradação,

uma destruição, que liberta e desprende energia. Compreende-se a necessidade vital dum equilíbrio entre o catabolismo e o anabolismo.

O oxigénio absorvido do ar na respiração vai produzir oxidações, vai queimar (embora não em combustões vivas) a matéria orgânica, com produção de anidrido carbónico e água e com libertação de energia, que o organismo utiliza. Certas radiações da energia solar provocam, pelo contrário, nas plantas verdes a formação ou síntese da matéria orgânica ternária (a mais simples, constituída por carbono, oxigénio e hidrogénio), fixando o carbono do anidrido carbónico da atmosfera e ligando-o ao hidrogénio e oxigénio da água. Ulteriormente nos organismos animais e vegetais operam-se sínteses mais complexas. Fermentos especiais chamados enzimas ou diástases colaboram na realização das reacções construtivas ou destrutivas. As plantas verdes, que realizam a síntese orgânica ternária a partir da água e do anidrido carbónico, chamam-se *autotróficas*. Pelo contrário, os outros organismos vegetais e os animais, incapazes de levar a efeito essa síntese fundamental, vão buscar a outros seres vivos ou a organismos mortos a dita matéria orgânica, sobre a qual efectuam então outras sínteses em moléculas mais complexas. São aqueles organismos chamados *heterotróficos*.

São mais de 40 os elementos químicos que entram na composição da matéria viva, isto é, pouco menos de metade dos elementos conhecidos. Alguns, como o vanádio e o cádmio, não aparecem senão nalguns seres, mas outros como o carbono, o hidrogénio, o oxigénio, o azote, o potássio, o cálcio, o fósforo, o magnésio, o enxofre, o ferro, o sódio, o cloro, o iodo, etc., entram, embora em quantidades variáveis, em todos os seres vivos.

No homem e, em geral, nos animais superiores — que são heterotróficos — o organismo obtém doutros seres ou, de modo mais genérico, do mundo exterior, substâncias necessárias à vida que se agrupam como se segue. A água é a substância mais importante e preponderante na matéria viva. Basta dizer que constitui $\frac{2}{3}$ do peso total do corpo humano e que nalgumas medusas chega a 98 % da massa correspondente. Pode encontrar-se livre, como nos humores, na linfa, no sangue, etc., ou intercalada entre as partículas constituintes da matéria viva, quer por introdução proveniente do meio exterior quer como produto das reacções internas. É importantíssimo e variado o seu papel físico e químico no organismo.

Mencionamos em seguida as matérias minerais, como os cloretos de sódio, de potássio, de magnésio, fosfatos, sulfatos, carbonatos, de sódio, de cálcio, etc., e, em compostos vários, o iodo,

o ferro, o zinco, etc. Destes compostos alguns combinam-se no organismo com substâncias orgânicas.

Três grandes grupos constituem os corpos orgânicos necessários aos organismos: *glúcidos* (antigamente chamados hidratos de carbone) e que abrangem os açúcares, compostos ternários de carbone, hidrogénio e oxigénio, geralmente em proporções tais que se podem dizer o carbone associado à água, donde o antigo nome; os *lipidos* (ou, vulgarmente, gorduras), de complexidade variável, esterres de glicerina ou de álcoois e de ácidos gordos, combinados nalguns casos com ácido fosfórico e produtos azotados, tudo portanto mais complexo; enfim, os *prótidos* (outrora chamados albuminóides), substâncias azotadas, combinações mais ou menos complexas de amino-ácidos, muitas extremamente complexas e de pesos moleculares elevadíssimos em relação aos dos outros compostos minerais ou orgânicos. A albumina do ovo, a do soro, a hemoglobina do sangue, etc., são exemplos de proteínas ou de prótidos. As propriedades vitais fundamentais resultam sobretudo dos compostos azotados complexos, dos prótidos. Eles imprimem o carácter ao protoplasma, à matéria viva.

Mas estas substâncias são necessárias em proporções diversas dumas para outras e segundo as formas vivas. Há, para o homem, hoje tabelas necessárias que fornecem as quantidades respectivas segundo a idade, o sexo, a estatura ou o peso, a natureza e intensidade do trabalho desenvolvido, etc. Naturalmente um homem adulto numa profissão violenta requer maior quantidade de alimentos do que um homem em repouso. A criança para o seu crescimento e desenvolvimento exige determinadas rações: assim uma criança de 20 quilos necessita de mais cálcio e da mesma quantidade de fósforo que são requeridas por um adulto de 70 quilos de peso. Há também tabelas que dão a composição das várias substâncias alimentares para o cálculo das proporções nelas existentes dos vários grupos químicos a que nos referimos. São dados também os valores energéticos correspondentes, expressos, como já foi dito em calorias. Nos livros do saudoso professor Maia de Loureiro *A saúde do Homem*, do Prof. Ferreira de Mira *Bases da Alimentação Racional*, do Dr. Rocha Faria *O problema alimentar português*, etc., se encontram tabelas desse género. Organizações internacionais, como a Sociedade das Nações, as Nações Unidas, a FAO, adoptaram determinadas tabelas, o que sucede também com organismos nacionais, como o Departamento de Alimentação e Nutrição do Conselho Nacional de Investigação dos Estados Unidos, etc.

Não é, porém, de todo indiferente que as calorias necessárias à existência sejam fornecidas por um ou outro grupo de substân-

cias alimentares. Assim é conveniente para o homem que os prótidos entrem numa proporção de 10 a 20 %, mas no regime equilibrado e suficiente não convém que os prótidos sejam exclusivamente de origem animal ou vegetal. A proporção dos prótidos de cada uma das origens deve aproximar-se de 50 % da totalidade dos mesmos: esta totalidade, num homem adulto, anda por cerca de 50 gramas diários.

Mas a uma alimentação sã e suficiente não bastam as substâncias que referimos e que representam um determinado valor energético. São ainda indispensáveis (em quantidades aliás muito diminutas) as vitaminas as quais representam um papel essencial ao metabolismo dos organismos heterotróficos, e têm de ser obtidas no meio ambiente, não sendo susceptíveis de formação por síntese no organismo interessado, nem podendo substituir-se umas às outras como sucede com muitos alimentos. As vitaminas são compostos orgânicos cujo modo de acção é ainda misterioso, mas de cuja existência e indispensabilidade não pode hoje duvidar-se. Dedicar-lhes-emos ainda na próxima palestra algumas considerações, como às consequências patológicas da sua insuficiência e bem assim às doenças da nutrição em geral, e suas causas.

Abstive-me o mais possível do emprego duma rebarbativa terminologia científica no que disse, mas a simples amostra que dei, dos termos gerais do problema alimentar, torna evidente a sua complexidade. Mas há certas normas elementares duma alimentação sã e equilibrada que deviam ser conhecidas de toda a gente e postas em prática usualmente. O mais grave porém, é ainda que se abstenham de as seguir ou aos regimes estabelecidos pelo médico as pessoas em que se manifestam perturbações mórbidas da esfera da nutrição ou susceptíveis de correcção por dietas adequadas. Atenção sobretudo à gula irreprimida e às estímulizações insensatas com sacrifício do essencial à existência fisiológica! A alimentação é indispensável à vida, mas os seus defeitos ou os seus exageros põem em risco esta última, destroem dois bens preciosos: a saúde e a felicidade.

III

Transformações duns grupos de alimentos novos; os prótidos e sua composição; lípidos e glúcidos e seu papel de protecção; algumas relações de equilíbrio entre componentes da alimentação; vitaminas e enzimas; o perigo dos excitantes como pretendos substitutivos da alimentação racional e são.

Ocupando-nos de problemas da alimentação humana, dissemos numa palestra anterior que o homem necessita, para o seu desenvolvimento, para a sua manutenção, para reparação dos desgastes sofridos pelo seu organismo e para o exercício das suas variadas actividades, dum ração alimentar que represente um determinado valor energético, expresso em calorias, e contenha dadas substâncias em quantidades variáveis dentro de certos limites, valor aquele e quantidades estas dependentes do peso, da idade, do sexo, da saúde, da natureza e intensidade do trabalho, etc., de cada indivíduo.

Mencionámos os grandes grupos da química em que se incluem as substâncias referidas, a saber, além da água e de substâncias minerais, os glúcidos ou hidratos de carbono, os lípidos ou gorduras e os prótidos ou matérias azotadas, também chamadas frequentemente albuminóides. O organismo humano pode realizar muitas transformações químicas de que resulta a formação de algumas substâncias de certos grupos a partir de outros, como, por exemplo, a de lípidos ou gorduras a partir de glúcidos e de prótidos, e alguns alimentos dum grupo podem, frequentemente, dar a energia que na ração normal é fornecida por alimentos doutro grupo. Mas, do mesmo modo que a síntese inicial da molécula orgânica ternária não é possível no homem, nem nos animais em geral, mas é efectuada nas plantas verdes, também a produção de prótidos no organismo (embora alguns animais possam sintetizar amino-ácidos a partir de amoníaco e de glúcidos) exige, em condições normais e satisfatórias, o fornecimento ao mesmo de um mínimo de alimentos azotados, cuja falta tem consequências graves, mesmo que o valor calorigéneo global da ração seja mais do que o suficiente. Apenas recordarei aqui, a este propósito, os estudos das trágicas carências alimentares ocorridas nos campos de concentração de triste memória ou em certas crises económico-políticas...

Se o mínimo protídico falta, é a parte azotada da própria matéria viva que procura suprir essa falta. É uma autodestruição do próprio organismo, como a que se opera nos famintos, ou em certas doenças consumptivas. No catabolismo dos prótidos (lem-

bram-se dessa palavra numa palestra anterior? Se não lembram, recordarei que é o aspecto destrutivo de reacções geradoras de energia, transformações químicas de que é sede o organismo e cujo conjunto é chamado metabolismo, como à totalidade dos processos construtivos ou de acumulação se chama anabolismo)... Ora, no catabolismo dos prótidos — repito — desempenham um papel de poupança — ou de protecção — os lípidos e os glúcidos, mas sem possibilidade de os substituírem na totalidade.

Os alimentos azotados ou protídicos contêm diversos componentes do grupo químico dos amino-ácidos ou ácidos aminados, em proporções variadas. Nas proteínas correntes entram 22 desses ácidos aminados, dos quais uns são intersubstituíveis e apenas intervêm quantitativamente na nutrição como portadores de azoto e os outros têm um papel qualitativo, especial para cada, e não podem ser sintetizados nos animais superiores. Há um equilíbrio azotado na nutrição sem o qual a alimentação é insuficiente e produz perturbações mais ou menos graves, mesmo por vezes a morte.

O valor biológico dos diferentes componentes da alimentação não varia apenas duns para outros segundo a sua natureza e as suas quantidades absolutas, mas ainda segundo as proporções relativas de alguns deles. Fora do grupo dos prótidos há também relações de equilíbrio a observar, como a relação do cálcio com o fósforo, a proporção do sódio ou do cloreto de sódio, a relação sódio-potássio, etc. Pelo que respeita ao cloreto de sódio — o sal comum — exige-se no organismo uma certa dose, mas em casos patológicos (como de hipertensão e nefrites crónicas), a descloração e a restrição sódica são frequentemente aconselháveis, aliás dentro de certos limites e em determinadas circunstâncias, pois a carência respectiva pode ter consequências graves. Que no equilíbrio físico-químico, na regulação da pressão osmótica entre o interior da célula e os meios intercelulares, o cloreto de sódio desempenha um papel fundamental (em certos casos susceptível de preenchimento pelo cloreto de potássio) é um facto averiguado de biologia geral, sendo o soro fisiológico que se injecta a doentes apenas água salgada esterilizada: da verificação desse facto decorreu a teoria da evolução de René Quinton, o qual viu naquela exigência orgânica a tradução duma origem marinha dos animais, inclusive dos ascendentes dos animais terrestres. Mas dão-se retenções e perturbações do respectivo metabolismo que justificam os regimes especiais, de restrição ou supressão do sal, a que se aludiu.

Já numa palestra anterior fiz referência a substâncias orgânicas que são essenciais à vida, mas que não pertencem a nenhuma das categorias anteriores de alimentos e que, com composições

químicas muito diversas dumas para as outras, actuam em pequeníssimas quantidades, da ordem de grandeza de milésimas do miligramma, por exemplo. Já adivinharam que aludo às chamadas vitaminas. As vitaminas pròpriamente ditas caracterizam-se por não serem sintetizáveis pelas espécies a que interessam. Quer dizer: são substâncias que, figurando como vitaminas para certas espécies, o não são para as espécies capazes de as produzir. Assim a vitamina por definição é obtida no exterior e está talvez relacionada no seu papel, ainda mal esclarecido, com sistemas de enzimas, isto é, de substâncias catalisadoras que actuam no metabolismo geralmente também em pequeníssimas quantidades e sem perda de substância. As enzimas são instáveis pela acção do calor ou sob acções químicas, o que sucede também com as vitaminas.

O ácido ascórbico é uma vitamina para o homem, para outros Primatas e para a cobaia, sendo conhecido pelo nome de vitamina C, mas existe em muitos outros organismos que o produzem sinteticamente ao contrário do homem e daqueles animais referidos.

A descoberta das vitaminas foi uma das mais notáveis e fecundas da medicina moderna, tornando-se uma noção científica das mais amplamente vulgarizadas, sendo certo, porém, que muita gente fala correntemente delas sem uma ideia da amplitude e natureza das exigências nutritivas dos organismos e supondo erroneamente que as vitaminas são capazes de substituir todos os outros componentes essenciais da ração alimentar. Se as vitaminas são indispensáveis, os alimentos pròpriamente ditos, de certa natureza e em determinadas quantidades, não o são menos. Ocorrem-me aqueles individuos que em vez duma alimentação sã e racional, usam excitantes que lhes dão, com prejuízo grave da saúde e, não raro, da própria vida, uma alegria e uma energia transitórias e artificiais.

A noção de vitamina foi surgindo duma série de verificações que vários cientistas levaram a efeito: as experiências de Lunin em 1881 alimentando ratinhos com substâncias purificadas dos grandes grupos referidos (água, sais minerais, glúcidos, lípidos e prótidos), experiências do mesmo género de Pokelharing em 1905, as de Hopkins em 1906, etc., foram mostrando que os animais enfraqueciam e morriam com tais dietas, ao passo que sobreviviam juntando-se a estas leite fresco, por exemplo. Tiveram grande notoriedade sobretudo as observações de Eijkman em 1897 em Batávia, pelas quais aquele médico holandês, a braços com muitos casos de béríberi (doença grave caracterizada por falta de appetite, diarreia, edemas e perturbações nervosas), descobriu que estes sintomas, a mesma doença, e por fim a morte apareciam em galinhas reservadas aos doentes, do seu hospital. O médico de

Batávia supôs, aliás, que a casca do arroz continha uma substância capaz de neutralizar uma pretensa substância tóxica existente no interior do arroz. A doença resultaria assim deste pretenso princípio activo. Foram Gijn em 1901 e sobretudo Funck em 1912 que deram ao facto a justa interpretação, considerando o béríberi não como mal causado pelo imaginário tóxico mas como consequência directa da falta, no arroz descascado, duma substância essencial existente na casca, substância que Funck chamou uma vitamina, como a outras análogas cuja deficiência produzia males como o raquitismo, o atraso do crescimento, o escorbuto, a pelagra, etc. Já Hopkins em 1906 aventara análoga explicação.

O futuro viria afinal confirmar magnificamente essa maneira de ver, e foi possível isolar numerosas vitaminas e determinar as suas propriedades específicas. Verificou-se que as vitaminas são indispensáveis à vida e que certas doenças causadas pela sua insuficiência encontram no emprego das vitaminas correspondentes uma terapêutica triunfante. Uma descoberta notável de há pouco mais dum quarto de século foi a da causa da acção dos raios ultravioletas na cura do raquitismo. Sabia-se que a vitamina D, existente no óleo de fígado de bacalhau, curava o raquitismo, mas um médico alemão apareceu a dizer que obtivera o mesmo resultado com a aplicação dos raios ultravioletas. Como conciliar a acção benéfica duma substância com a obtenção do mesmo resultado por uma irradiação? Experiências várias foram sucessivamente esclarecendo o caso. Viu-se que alimentos activados com os raios ultravioletas se tornavam antiraquíticos. Descobriu-se enfim que uma impureza da colessterina, a ergosterina, activada pelas radiações ultravioletas era antiraquítica. A luz do sol, portadora dessas radiações, exerce uma activação de substâncias da pele humana no sentido da formação da vitamina D, dos esteróis que promovem a absorção do fósforo e do cálcio, portanto o crescimento. Já um zoólogo francês Cuénot imaginou uma teoria para explicação da morfologia dos Pigmeus das florestas equatoriais africanas na falta da vitamina D nestes em virtude de viverem nos bosques sombrios. Não se trataria, assim, duma verdadeira raça pigmeia, mas duma população outrora de maior estatura que fora atingida por uma avitaminose, causada pela deficiência da luz solar, ou melhor dos raios ultravioletas sobre a pele. Estou pensando no raquitismo e noutros males de crianças, indevidamente conservadas, como plantas de estufa, fora da benéfica acção do sol. Note-se bem: da benéfica, da criteriosa, porque o excesso de exposição solar também tem os seus inconvenientes graves, bem conhecidos.

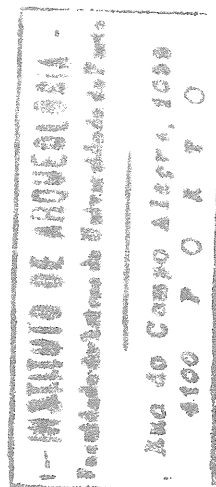
A química enriqueceu o estudo das vitaminas com elementos preciosos. A lista de nomes científicos que, a par do abecedário já tradicional, acompanha hoje a menção das vitaminas conhecidas é enorme e elaboraram-se as fórmulas complexas de muitas dessas substâncias, cadeias químicas complicadas, como outras substâncias mais ou menos afins. Poupo os meus ouvintes a uma pormenorização incompatível com o carácter sumário e elementaríssimo destas palestras.

Limito-me a indicar entre os alimentos em que se encontram certas vitaminas: o leite fresco, a manteiga, a gema do ovo, os óleos de fígado de peixe, o queijo, as carnes gordas, os miolos, as ostras, os espinafres, as cenouras, as couves, etc. que possuem a vitamina A, a qual intervém no crescimento e cuja falta produz também certas afecções oculares; alguns desses produtos, e outros como a farinha e o germe do trigo, que contêm uma ou várias das vitaminas do chamado complexo B, ao qual pertencem o factor antiberibérico e a vitamina PP, antipelagrosa; o suco de limão e de laranja, frutos frescos, carne crua, legumes verdes, etc., portadores da vitamina C, antiescorbútica; o óleo de fígado de bacalhau, com a vitamina D, antiraquítica; etc., etc.

Estou recordando a evocação que o prezado colega Prof. Américo Pires de Lima fez do emprego das laranjas na viagem de Vasco da Gama à Índia, à passagem em Mombaça na costa oriental da África, em combate ao escorbuto que, por falta de mantimentos frescos, atacara grande parte da tripulação, causando-lhe grande sofrimento e dizimando-a gravemente. Nada se sabia então de vitaminas e de avitaminoses mas o empirismo reconhecera o benefício obtido com a ingestão daquele fruto. Camões descreveu-nos nos *Lusíadas* (como foi notado por Carlos França, Ricardo Jorge, e outros autores) o terrível mal:

«E foi, que de doença crua e feia,
A mais, que eu nunca vi, desempararam,
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia:

Apodrecia c'um fétido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tínhamos ali médico astuto,
Surgião súbtil menos se achava;
Mas qualquer neste ofício pouco instruído.
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.»



Tantos sofrimentos, tanta desgraça, que a Ciência moderna consegue triunfalmente evitar ou remediar! Qual a alma bem formada que pode recusar ao Progresso Científico as mais gratas bênçãos pelo que dele tem resultado em benefício da humanidade? Quem ousa glorificar as trevas da ignorância? Decerto a Ciência trouxe a invenção de instrumentos mortíferos, de inéditas possibilidades no serviço do mal. Mas trouxe benefícios e serviços à humanidade incomparavelmente mais numerosos e do préstimo mais relevante. O mal não está na Ciência, mas na maldade dos que a utilizam ilegitimamente contra a humanidade, contra o bem, contra a civilização, no que esta possui de mais alto, de mais belo, de mais generoso, de mais nobre.

IV

Metabolismo basal; necessidades energéticas e materiais do organismo. Regimes alimentares para sãos e para doentes; geografia e etnologia alimentares; apetites mórbidos e normais; alimentação e tipos constitucionais; a obesidade e as modas.

Passámos em revista nas palestras anteriores alguns aspectos científicos da alimentação humana. Aludimos ao conjunto de processos e trocas de substâncias químicas que se operam na intimidade do organismo, em transformação e utilização dos alimentos. Tal conjunto chama-se metabolismo, o qual — recordemo-lo mais uma vez — tem um aspecto construtivo, de acumulação, de integração, chamado anabolismo, e outro aspecto oposto, de destruição, de desintegração, o catabolismo, fonte da energia necessária para a manutenção do ser vivo, para o crescimento, para o exercício das mais variadas actividades. O conjunto de reacções do organismo em repouso, o chamado *metabolismo basal*, avalia-se geralmente de manhã, antes de levantar, em sossego completo, em jejum, por uma análise quantitativa das trocas respiratórias da qual se deduz, pelo cálculo, um valor correspondente a um certo número de calorías por unidade da superfície externa do corpo. Este metabolismo não é insignificante, mas varia segundo os indivíduos, segundo a constituição, certos estados mórbidos, etc., tratando-se dum elemento valioso de diagnóstico clínico e de apreciação dos tipos constitucionais. Assim o organismo no maior repouso possível requer uma certa quantidade de alimento, se não se quiser esgotar, com os seus riscos lógicos, as reservas nele próprio acumuladas, as quais, podendo ser duradouras, não são entretanto ilimitadas, inesgotáveis.

Mas as necessidades alimentares visam também a contribuição para o crescimento, como a satisfação das exigências energéticas das próprias funções digestivas. Uma parte dos alimentos destina-se a fornecer energia para o trabalho da digestão. Outra visa ainda a reparação dos desgastes e das destruições nos materiais que constituem o organismo, do qual uma parte — aliás reduzida, embora importante — como são os elementos nervosos, não são renováveis se forem destruídos, outra, como os ossos, pode ser objecto de restauração parcial, em caso de lesão, enfim uma outra parte, como as células epidérmicas, está em constante substituição por novos elementos análogos. Enfim, os movimentos, o trabalho muscular, o trabalho intelectual, necessitam também de maior ou menor quantidade de energia cuja produção é facultada por uma parte mais ou menos considerável da alimentação.

Expusemos em linhas muito sumárias nas palestras anteriores como, para satisfação dessas variadas exigências, o organismo humano requer, como alimentos, determinadas substâncias de natureza e em quantidades susceptíveis não só de fornecerem um dado número de calorias mas ainda de facultarem em proporções convenientes os materiais adequados para variadíssimos aspectos do metabolismo individual. Detivemo-nos na resenha dos grandes grupos dos alimentos essenciais, não esquecendo ainda nem as famosas vitaminas que têm papéis determinados, fundamentais, que em proporções por vezes insignificantes estão aptas a exercer, mas até agentes catalisadores, as enzimas, que, sem perda de substância, intervêm na utilização de vários materiais alimentares.

Estabelecido enfim que a escolha dum regime alimentar deve ter em vista, primeiro obter uma dada quantidade de energia, e em segundo lugar fixar a natureza e as proporções das várias substâncias alimentares de modo que o organismo se não veja privado de qualquer dos elementos indispensáveis à sua manutenção e às suas actividades, compreende-se facilmente o interesse que existe na dietética, ramo da Ciência da Nutrição que teve nos últimos decénios os mais assinalados e fecundos progressos conquanto se conservem ainda ignorados ou mal conhecidos alguns aspectos ou casos particulares destes problemas. Por um lado os progressos das investigações laboratoriais e clínicas esclareceram questões de dietética que até então se baseavam no empirismo mais ingénuo ou em preconceitos dos quais alguns encontravam guarida nos próprios médicos, como era, por exemplo, o caso da condenação quase sistemática do uso da carne, acusada injustamente e indistintamente dos maiores malefícios.

Por outro lado as circunstâncias históricas puseram o mundo em face de acontecimentos que facultaram ou promoveram o esclarecimento de muitos problemas alimentares. Os cientistas puderam confrangidamente examinar em grandes massas humanas, nos internados dos campos de concentração como em populações inteiras de fugitivos, os efeitos trágicos da fome e da inanição, estudando-se ora carências alimentares globais, ora carências de certos nutrientes essenciais, com as suas variadas consequências. As nações viram-se a braços com restrições alimentares forçadas e reclamaram dos especialistas o modo de dar solução racional às insuficiências com que deparavam. Fizeram-se, tanto quanto possível em bases científicas, esforços não só para aumento de produção dos alimentos adequados mas também para o estabelecimento dum racionamento satisfatório. Simultaneamente progrediram os conhecimentos sobre os regimes dos velhos, do trabalhador, das crianças, das mulheres no período da gestação ou na fase subsequente, etc.

Como era natural, progrediram concomitantemente os conhecimentos de dietética clínica, dos regimes alimentares para doentes, e ainda nessa matéria se reformaram e substituíram muitas noções erróneas de outrora e se descobriram novos processos e orientações, sem que se possa recusar subsistirem até agora muitas obscuridades e incertezas.

Decerto vem de longe, de muito longe, o reconhecimento do papel causal (em terminologia médica, diria papel etiológico) dos alimentos na génese de muitas doenças e, por sua vez, da importância do regime alimentar no tratamento e na profilaxia de muitos males e sofrimentos. Mas havia grande simplismo, bastante empirismo, e até uma dose colossal de preconceito, em tais matérias.

Decerto alguns alimentos e até os abusos alimentares podem causar, e causam muitas doenças. Mas ainda sou do tempo em que, perante qualquer episódio mórbido, a primeira pergunta do clínico, chamado a intervir, era: — *O que é que comeu?* Qualquer alimento, mesmo o mais inofensivo e até útil, era logo incriminado. Sou também do tempo em que as chamadas autointoxicações alimentares — decerto verificadas efectivamente em muitos casos, processo patológico autêntico — eram uma «explicação universal» sobretudo para incómodos de carácter e causas mal definidas. Sem excluir a etiologia alimentar de muitos incómodos, podemos, com Richet e Marañon, proclamar que há mais males por insuficiência global ou por exagero total de alimentos do que por insuficiências ou exageros parcelares, e podemos também, como já disse numa palestra anterior e como dizem os mesmos

autores, ter em conta em muitos casos o valor selectivo dos apetites, dos desejos automaticamente manifestados pelo organismo.

Quanto aos que comem globalmente de mais ou de menos e ainda quanto à maior frequência de causas globais, ou cumulativas, na génese de perturbações digestivas e outras correlacionadas, do que da causalidade restrita a uma só substância alimentar, estou recordando uma anedota do saudoso amigo, o professor e escritor brasileiro Afrânio Peixoto, a quando duma das minhas agradabilíssimas jornadas ao Brasil. Poucas horas depois de desembarcar no Rio de Janeiro adoecei com uma sintomatologia que fez pensar aos colegas ouvidos, numa apendicite. Felizmente, apesar do panorama inicial algo aparatoso, tudo passava em breve, tendo-se tratado duma indisposição sem gravidade. Afrânio ia amavelmente visitar-me, fazer-me companhia. Expus-lhe uma série de factos que explicariam o incómodo. Ouviu-me e contou-me o seguinte, por entre outras narrativas de bom humor: — V. lembra-me um pequeno das minhas relações que adoeceu há dias e que eu fui visitar, encontrando-o no leito, rodeado pelos amigos da sua idade. Tendo-lhe perguntado o que seria a causa da sua doença, os amigos foram-no, um a um, denunciando. Comeu esta fruta, comeu aquela, comeu esta guloseima, este prato indigesto, aquele, aqueloutro... Cada um dava uma indicação diversa. Dentre a alvura dos travesseiros e da fimbria do lençol, o pequeno, vermelho de febre e de confusão, ia ouvindo um e outro, e encerrou a série com esta declaração resignada: — *Foi tudo*. Tudo, na verdade. A acumulação de várias causas, o somatório de diferentes desvios alimentares, como sucede frequentemente, sendo um deles, o último, a causa meramente ocasional que desencadeia um quadro mórbido que já estava virtualmente posto.

É difícil, senão impossível, dar em breves palavras uma revista de dietética prática e clínica, tão vasto e complexo é o panorama das exigências alimentares, segundo a idade, o sexo, o trabalho, a constituição, os estados patológicos, etc. As próprias circunstâncias de meio, as possibilidades em matéria de recursos alimentares, determinam os regimes a aconselhar. É, por exemplo, um tema cheio de interesse o da variedade de alimentos por esse mundo fora, segundo o meio, a raça, a cultura. Os etnólogos fornecem materiais curiosíssimos sobre as preferências alimentares das diferentes populações do globo, sobre os grupos alimentares predominantes, sobre cozinha, iguarias, condimentos, excitantes, sobre proibições ou tabus alimentares, etc. É impressionante a ementa de alguns povos exóticos. Estou pensando nos

Bochimanes que se alimentam do mel de abelhas silvestres, de raízes, de insectos, etc. Recordo os ninhos de andorinhas dos Chineses, que também comem peixe cru com doce, ovos apodrecidos, mil coisas esquisitas!...

Quantos povos negros africanos têm os gafanhotos e as formigas brancas como apetitosos manjares?! Não falemos agora no canibalismo, na antropofagia, hoje rara e, de facto, excepcional. Também é curiosa a geofagia assinalada aqui e ali, evidentemente de modo não exclusivo, mas como meio de suprir a deficiência de sal ou em obediência a certos hábitos ou preconceitos, como o da utilidade da ingestão de argila para as mulheres no período da gestação ou para embelezamento da pele... Não esqueçamos o caso de comedores de terra que entram no âmbito da patologia mental. Tive conhecimento de loucos ou desequilibrados que macabramente ingeriam terra de cemitérios...

Mas repito, isto já é aberração mórbida, e neste momento apenas quero aludir à diversidade geográfica e étnica de costumes alimentares, essa diversidade que leva por exemplo os orientais ao uso alimentar predominante ou exclusivo do arroz ou os Esquimós ao consumo também predominante ou exclusivo do peixe ou da carne da foca... Registarei apenas de passagem a publicação em 1951 em Haia dum volume do zoólogo Prof. Bodenheimer intitulado *Os insectos como alimento — Um capítulo de ecologia humana*. Recordarei ainda dois livros brasileiros: *Alimentação e Raça*, do Prof. Josué de Castro, e *Alimentação, Instinto e Cultura*, de Silva Melo. A bibliografia da matéria é enorme.

Pelo que respeita à constituição individual, a humanidade apresenta-se escalonada entre dois tipos extremos ou *éctipos*, o esguio ou longilíneo (ou ainda leptosoma), e o atarracado, brevilíneo ou eurisoma. Pois do mesmo modo que já se procuraram as correlações psicológicas destes aspectos morfológicos, também se investigaram, igualmente, com certo êxito, as suas correlações humorais e nutritivas. Pela sua estrutura biológica — especialmente neuro-endocrínica — os longilíneos possuem geralmente um metabolismo predominantemente catabólico ou destrutivo. São, de preferência, magros, hiperevoluídos, com predomínio da vida de relação sobre a vegetativa, atreitos às doenças consumptivas, à clorose, à neurastenia, à tuberculose, etc. Os brevilíneos, esses, são sobretudo anabólicos, hipervegetativos, hipoevoluídos, armazenam reservas nutritivas em excesso, não queimam suficientemente as gorduras ou os açúcares, são propensos às doenças chamadas da nutrição, à diabetes melites, à gota, à litíase urinária, etc.

Há uma infinidade de causas para a magreza excessiva como para a gordura excessiva, para a obesidade. Umas são constitucionais, outras hormonais (das glândulas de secreção interna), outras neuro-tróficas, outras patológicas, determinadas ou mais ou menos obscuras. A Ciência dispõe de meios de investigação para saber qual a origem do mal e é pelo menos imprudente pretender corrigir o dito mal com regimes ou medicamentos sem ter procurado averiguar dessas causas.

Como disse numa palestra anterior, quem engorda demasiado ou emagrece demasiado deve ir ao médico. O leigo nestas matérias não deve procurar resolver o seu problema desta ordem com leituras de livros que ou não está apto a entender bem ou são unilaterais ou francamente maus, nem com anúncios comerciais na imprensa de produtos medicamentosos ou alimentares milagrosos (para os que deles auferem receitas) ou com os conselhos de pessoas amigas, que relatam os seus próprios casos ou os de pessoas das suas relações, casos que biologicamente, medicamente, podem ser totalmente diversos nas suas causas e no regime terapêutico e alimentar aconselháveis,

Minhas amáveis ouvintes, que vos preocupais sobretudo com um pouco de *embonpoint* mais ou menos autêntico do qual receais, tantas vezes ilusoriamente, resultar para vós a perda das linhas elegantes tão gratas à vaidadezinha feminina — acreditai, Senhoras, no que vos digo. Independentemente da necessidade do exame de cada caso individual pelo médico, tomai precauções perante conselhos e indicações de leigos, ou perante leituras de escritos de autores sem idoneidade científica. Acreditai, acima de tudo, em que há uma variedade infinita de casos individuais, uns que cabem dentro da normalidade biológica, outros mais ou menos nitidamente patológicos, uns e outros, as mais das vezes, susceptíveis de remédio, de correção, ou, pelo menos, de atenuação, mas com regimes e tratamentos diferentes segundo a sua origem.

Entretanto não vos deveis surpreender com algumas diferenças de opiniões, mesmo entre especialistas, e, nos casos mais correntes sem causa patológica de especial gravidade, tomai nota de algumas recomendações alimentares que, pelo adiantado da hora, deixo para a próxima semana...

V

Factores alimentares. Excessos e insuficiências alimentares. Alguns regimes e suas indicações; alimentos catabólicos preconizados no combate à obesidade; uma ementa simples e suficiente; necessidade de conjugação do regime alimentar com o regime de vida e de trabalho e, nalguns casos, com certos medicamentos; os perigos dos erros alimentares.

Na série de palestras em que me tenho ocupado dos problemas da alimentação, hoje tão intensamente versados em bases científicas em todos os países civilizados, incluirei, como prometi, algumas considerações sobre o regime alimentar aconselhável para as pessoas, em geral fartamente alimentadas, que se preocupam com as consequências, para a sua saúde ou para a sua estética corporal, ou para uma e outra coisa, do facto de engordarem, de aumentarem de peso, de perderem as linhas elegantes do seu corpo.

Confesso, é certo, que, perante o angustioso e trágico problema dos que comem de menos pela falta de recursos económicos para aquisição de alimentos ou por sofrerem de inapetências ou restrições patológicas da ração alimentar fisiológica, não é seguramente o destino dos gulosos ou dos comilões o que mais suscita as nossas simpatias e preocupações de humanidade e filantropia, embora não seja feliz também o futuro que os espera. Mas, com base no receio de engordar, não faltam também as pessoas que cometem erros graves na sua alimentação, seguindo regimes que nem sempre são aconselháveis para os seus casos. Dirigindo-me especialmente àqueles — e sobretudo àquelas — que sacrificam apetite e saúde às preocupações de elegância e da moda, eu direi que não raro essas pessoas tiram dolorosos resultados da obediência cega a essas preocupações e a regimes ligeiramente adoptados no propósito de lhes darem satisfação. Frequentemente ocorrem males maiores do que aqueles a que se pretendia obviar. Aliás a moda é um factor poderoso, direi mesmo correntemente tirânico e inadmissível, de muitas actividades humanas. O desejo duma certa elegância — e ainda mais do que da física, da elegância moral — é perfeitamente legítimo, mas o culto da Moda, cego, absorvente, que em certos casos é ridículo e noutros conduz aos mais deploráveis desastres morais (além dos físicos, algumas vezes irreparáveis), esse culto não pode nem deve encontrar alento e apoio em quem quer que tenha a consciência dos superiores fins do Homem e dos altos valores do Espírito e da Civilização.

Não resisto a contar-lhes um divertido absurdo da moda. Na minha estada há dois anos nos Estados Unidos vi, nalguns pontos, bastantes negros. Pois nenhuma negra apresentava os cabelos crespos que são característica dos negros africanos. É que obtinham, com maior ou menor dispêndio, nos Institutos de Beleza, o desenrolamento dos seus cabelos naturalmente enrolados. Ficavam de cabelos completamente lisos, como são os das raças mongólicas. Pois bem: as elegantes de raças brancas sacrificam-se à tortura inquisitorial das *permanentes* nos cabeleireiros da moda, para obterem o efeito oposto, o enrolamento do cabelo... Como a humanidade é contraditória e vã!... A verdade é que ninguém parece contente com a sua sorte, como diz o povo.

Na alimentação compreendem-se como quase inevitáveis as subordinações aos recursos naturais dos meios geográficos em que se vive, aos recursos económicos de que se dispõe, etc. Mas ainda assim, como temos acentuado, o homem — e particularmente o civilizado — tem preferências tradicionais ou devidas a factores subjectivos, por vezes quase inexplicáveis, arbitrárias, caprichosas, algumas vezes com consequências desfavoráveis para a própria saúde, e, por outro lado, regula e modifica a satisfação pura e simples do apetite, do instinto natural, com as manipulações culinárias, com o uso de excitantes e condimentos, com um mundo de transformações que fizeram da Gastronomía uma arte complexa e requintada. Mas vamos ao nosso tema especial.

Como já disse neste lugar, é considerada mais prejudicial a alimentação com excesso da quantidade total de alimentos, do que aquela em que estão em excesso alguns grupos parcelares destes. Salvo em certas doenças, ou para certas predisposições mórbidas, em que justificadamente se recomendam determinadas restrições, como as de água, de sal, de farináceos, de carnes, de doces, etc., o primeiro preceito de hygiene alimentar, que se contrapõe naturalmente ao de não comer menos do que o necessário à manutenção e exigências normais do organismo, o primeiro preceito, repito, é o de não comer demasiado, quanto à totalidade dos alimentos. É recomendável na hygiene geral alimentar banir o uso habitual de alimentos tóxicos ou irritantes, o exagero de molhos, condimentos, carnes, bebidas alcoólicas e gasosas, o abuso de medicamentos. É geralmente nefasta a irregularidade nas horas das refeições, comer-se à pressa, mastigar insuficientemente a comida, não ter um pequeno repouso após as refeições, etc. Não se deve também beber demasiado, mesmo água simples, às refeições.

Estas as principais recomendações de ordem geral. Para o caso especial da obesidade ou da tendência à obesidade, àquelas recomendações somam-se muitas outras.

Em primeiro lugar, embora dum modo geral o excesso quantitativo global seja, para quase todas as formas de obesidade, o principal facto a remover e haja uma higiene alimentar comum a quase todas essas formas, a verdade é que, como temos dito há conveniência geralmente em ouvir o médico porque nem todas as pessoas que engordam ou que mostram tendência a engordar apresentam a mesma estrutura fisiológica, as mesmas condições de metabolismo (já dissemos que se chama assim ao conjunto de trocas químicas no organismo vivo), as mesmas doenças, as mesmas preferências e hábitos alimentares, as mesmas exigências de regime, etc.

As susceptibilidades individuais variam muito e o clínico deve procurar determiná-las, inclusive, segundo os modernos tratadistas, interrogando o próprio consultante sobre quais os alimentos que lhe assentam melhor. O médico antigo abster-se-ia de tais perguntas, aparentemente desairosas para o seu prestígio como escrevem Marañon e Richet, mas que são susceptíveis de fornecer indicações úteis. Ocorre-me a história verídica do comandante dum regimento, que, quando adoecia, mandava chamar o veterinário da unidade em vez do médico, porque — dizia —, habituado a tratar animais, que não falam, aquele não começava, como o segundo, por lhe perguntar: — Que tem? Quando, acrescentava o comandante, precisamente para saber o que tinha, é que ele chamava o médico...

Deixemos a *boutade* e prossigamos. Há inúmeros regimes para a obesidade. Citarei os de Bantig, de Ebstein (este moderado em azotados, como as carnes, e abundante em gorduras), o de Schweninger (com restrição de líquidos), em geral os hipoglúcidos (ou pobres em hidrocarbonados, sejam farináceos, sejam açúcares), os hiperprotídicos (ricos em azotados) os hipohídricos ou secos, com redução de líquidos, etc., etc.

As indicações variam com a natureza do indivíduo. Há obesidades apenas por comer de mais (como, salvo seja, o caso da engorda do cevado, o qual aliás não sofre com a superalimentação as perturbações digestivas e gerais que afectam o homem superalimentado). Há obesidades de origem endocrínica, isto é resultantes do mau funcionamento das glândulas de secreção interna (como a tiroideia, a hipófise, as suprarrenais, as glândulas genitais, etc.), sendo, especialmente no caso da tiroideia, aconselhável às vezes, com o regime, um tratamento pelas hormonas. Há obesidades por perturbações de metabolismo celular, mal

definidas, constitucionais ou não. Há obesidades neuro-vegetativas por apetite anormal, não raro por impulso psicológico e cerebral, que se escuda atrás de impressões mais ou menos fantasiosas de exigência orgânica imperiosa, de fome ou bulimia. Quantas pessoas sentem falsas fomes e resistem às recomendações de regimes restritivos, com impressões duma fraqueza, rapidamente atenuadas de momento, com a ingestão dum biscoito ou duma bolachinha, a que julgam ficar devendo a própria vida, pois entendem que morreriam (não fazem a coisa por menos...) se não tivessem comido esse biscoito ou essa bolacha... Que ideia formam essas pessoas das próprias reservas nutritivas?

Nas obesidades dos grandes comedores de pão, de farinhas e de doces são de aconselhar os regimes hipoglúcidos ou hipohidrocarbonados, a redução dos açúcares e dos farináceos, regimes também aconselháveis na hipertensão arterial com ou sem obesidade. Sobre a hipertensão digamos de passagem que seria profundamente erróneo considerá-la sempre duma mesma origem e de igual gravidade. Os médicos distinguem hipertensões de origem renal, de origem vascular ou circulatória e hipertensões nervosas e essenciais. Em quase todas as hipertensões recomendam-se regimes hipocloretados, restrição do sal. Mas a regulação destes regimes deve ser seguida por médicos, acompanhada de exames clínicos e laboratoriais, sobre a glucemia (o açúcar no sangue), etc.

A vantagem dos regimes hipohídricos (ou secos) e hiperprotídicos (com carne, ou azotados em geral) para certos casos de obesidade e hipertensão é proclamada por muitos. A água e, em geral, os líquidos, em excesso, fazem pior quando tomados às refeições do que nos intervalos entre estas. Está averiguado que a água se elimina mais depressa, quando tomada entre as comidas, do que tomada às refeições. A diferença é sensível, mesmo considerável, como se verificou por experiências. É preciso neste assunto entrar em conta com as actividades individuais, a sudacção, a diurese, as condições externas, de clima, etc.

Quanto aos azotados (carnes, ovos, etc.), as ideias sobre a sua nocividade modificaram-se muito. Como já disse nestas palestras, há casos em que a redução dos protídicos se impõe, mas, dum modo geral, hoje aconselha-se normalmente que na ração alimentar corrente tenham um lugar os protídicos de origem animal ao lado dos de origem vegetal. O vegetarianismo exclusivo, salvo em determinados casos, perdeu terreno entre os cientistas.

Não acabaríamos se entrássemos em pormenores sobre regimes, ementas, suas indicações variadas. Mantendo o conselho de procurar uma orientação médica para cada caso individual, não

quero deixar de aos obesos ou àqueles que tendem a engordar, apontar ainda como, a meu ver, muito racional (dum modo genérico) o regime proposto pelo nutricionista americano Lindlahr, que proclama a possibilidade de comer abundantemente, satisfazendo sem perigo o apetite, desde que se seleccionem os alimentos, segundo o seu valor calórico e o carácter metabólico de cada um.

Na verdade os alimentos podem ser mais ou menos redutores ou oxidantes, mais ou menos catabólicos ou anabólicos. Se bem se recordam das nossas palestras anteriores, o metabolismo consiste ora na destruição ou catabolismo ora na acumulação ou anabolismo. Pois há alimentos que favorecem o catabolismo, outros que aumentam o anabolismo. A tendência à obesidade combate-se com o predomínio dado aos primeiros, aos alimentos catabólicos. Embora não sejam propriamente catabólicos, Lindlahr admite alguns alimentos na cura de emagrecimento: é o caso do leite, por exemplo, mas o leite desnatado, que tem fraco poder calórico. Figuram entre os alimentos recomendados: abóbora, aipo, alface, ameixas cruas, amoras, brócolos, cebola, cenoura, chicória, cogumelos, couves várias, nabo, damascos frescos e de conserva, ervilhas (excepto as secas ou com creme — os cremes são banidos), figos e framboesas frescas, lagosta cozida, laranja, espinafres, lima, maçã fresca, melancia, melão, morangos frescos, pepinos, pêsegos, pickles, pimentões, bacalhau fresco, ostras cruas, rabanetes, repolhos, romãs, sopas de cebolas, de ostras, de tomates, suco de laranja, tomate, uvas frescas, vagens cruas em salada, etc., etc.

As pesagens são necessárias para, conhecida também a estatura, calcular para as várias idades e os dois sexos, até onde deve ser levada a diminuição de peso. Mas, não me canso de o repetir, é aconselhável a vigilância médica, mesmo nos casos mais benignos; pode supor-se saudável um emagrecimento que não seria senão uma desidratação nociva; podem, com a redução da água ou do sal, criar-se desequilíbrios internos mais ou menos graves...

Para concluir e deixando a preocupação elegante do emagrecimento, direi que, normalmente, para manter a vida dum adulto, o pão, o queijo e umas uvas podem fornecer todos os materiais necessários. O queijo tem um valor energético duplo ou triplo do da carne, contendo todos os nutrientes essenciais mas tendo pouco açúcar e faltando-lhe a vitamina C. Os ovos são alimento rico, excelente, mas faltam-lhe os hidratos de carbone. A clara possui sobretudo prótidos, a gema, mais gorduras, azote, fósforo, alguns outros albuminóides.

O regime alimentar tem naturalmente grande importância, mas nalguns casos impõe-se também um tratamento, uma medicação, mesmo um regime de vida e de trabalho saudável e adequado.

Poupei os meus amáveis ouvintes à explanação triste das nefastas consequências orgânicas de comer demais ou de menos, ou de não ter um regime alimentar equilibrado e correspondente às necessidades orgânicas de cada um. Apenas lhes direi que muitas dessas consequências são sombrias, mesmo trágicas. E, para conclusão desta pequena série de palestras sobre os problemas alimentares, encararei na próxima palestra a alimentação nos pontos de vista económico, social, mundial.

VI

A alimentação nos aspectos económico e social; o aumento da população mundial e do nível de vida e os recursos alimentares do globo; das fomes locais ou regionais à consideração científica e permanente do problema alimentar no plano mundial; o presente e o porvir; balanços de exigências e de disponibilidades; organizações nacionais e internacionais de combate contra a fome; a F. A. O. e os povos subalimentados; a acção desenvolvida em Portugal; estatísticas e pesquisa laboratorial; a alimentação na economia do agregado familiar; o que há de satisfatório ou não na situação alimentar portuguesa.

Na sequência duma pequena série de palestras sobre a alimentação humana e alguns dos modernos progressos das chamadas Ciências da Nutrição, resta-nos encarar, como anunciámos, o problema alimentar no ponto de vista social e económico. De facto falámos até agora da alimentação nos seus aspectos da biologia e medicina individuais, mas, com o aumento incessante da população mundial, com as perturbações trazidas pela última guerra e por outros factos na produção, circulação e abastecimento de alimentos, com, por um lado, o aumento, geralmente legítimo, do nível de vida e das exigências alimentares de muitos sectores populacionais e, por outro lado, as dificuldades económicas trazidas por carestia de muitos produtos e simultaneamente pela redução do poder de compra da parte de tanta gente, com tudo isso, os problemas da alimentação no seu aspecto colectivo tomaram uma acuidade especial, suscitando as atenções preocupadas das entidades responsáveis do governo e do bem público e requerendo como indispensável a colaboração dos cientistas e dos técnicos na sua solução racional.

Alguns desses problemas deixaram mesmo de ser encarados num circunscrito domínio nacional: tem sido necessário estudá-los e procurar a sua solução num mais largo âmbito internacional, mesmo no plano ecuménico. O que outrora tinha um carácter mais ou menos local e era objecto das adequadas providências nesses limites, mesmo o trágico panorama das grandes fomes regionais, mais ou menos periódicas ou acidentais, como as derivadas de grandes estiagens ou doutros cataclismos naturais (por exemplo, as fomes do Ceará ou do Extremo Oriente), estendeu-se, ou receia-se que possa estender-se, sob modalidades ainda mais complexas, a mais vastas áreas do globo, mesmo à humanidade inteira, exigindo remédios que têm de se basear não em meros palpites ou intuições mas em estudos sérios de autêntico carácter científico. A alimentação satisfatória da humanidade no presente ou no futuro encerra uma multiplicidade de aspectos que vão desde o conhecimento o mais possível exacto das necessidades alimentares essenciais das populações ao do das actuais disponibilidades e das possibilidades em produção e abastecimento para satisfação daquelas necessidades.

Não se trata de providências ocasionais para acudir a uma difícil situação de emergência e de maior ou menor amplitude. Trata-se de resolver um problema permanente, de enorme extensão e de crescente gravidade. Naturalmente não posso nestas breves e sumárias considerações dar mais do que um esboço dos métodos que se procura pôr em execução para a satisfatória solução de tão grandioso e difícil problema.

Já a Guerra de 1914-18 trouxera à consideração de governos e dos técnicos as questões de abastecimento e racionamento alimentares das populações em geral ou de parte destas. Os fisiologistas e os químicos haviam já há muito começado a fornecer os elementos para o estabelecimento das exigências alimentares mínimas de cada um e, portanto, os meios de calcular as necessidades globais das populações em determinados géneros. Mas no período intercalar entre as duas Grandes Guerras tais estudos e concomitantes providências não cessaram, não sòmente porque a verdadeira Paz entre os homens nunca mais voltou de facto como se havia tomado consciência da indispensabilidade desses estudos e providências, mesmo para um estado de perfeita paz e entendimento nas relações entre as nações. Simultaneamente os sociólogos e economistas procuravam intensificar os estudos da alimentação nos aspectos económicos, duma boa justiça distributiva, dum aumento de produção, duma melhoria das condições de aquisição, duma política de salários conforme com os encargos alimentares das famílias, etc.

A nova Guerra Mundial, com o abastecimento das grandes massas humanas como os imensos exércitos e as trágicas multidões de fugitivos e de refugiados, com a anormalidade na produção e na circulação de produtos alimentares, com a macabra legião de esfomeados dos campos de concentração e de cidades inteiras, intensificou naturalmente, lógicamente, a atenção sobre a grandiosa e benemérita cruzada contra a fome, mas contra a Fome numa escala mundial perante a qual as tragédias do passado eram minúsculas amostras.

Além das organizações nacionais dos países civilizados, além do desenvolvimento científico dos estudos da nutrição em institutos e laboratórios, além das providências governativas e legislativas para melhoria de salários e de condições de abastecimento alimentar em cada país, constituíram-se organizações internacionais como a F.A.O. das Nações Unidas, e efectuaram-se várias conferências, também internacionais, como as de Québec, de Hot Springs (na Virgínia), a Interafricana da Nutrição em Dschang (nos Camarões), etc. Em 1949 reuniu em Lisboa sob a presidência do Prof. António da Câmara o *Comité* da F.A.O. e muitas outras reuniões se têm realizado noutros pontos. Uma atenção especial, bem justificada, tem sido concedida em muitas dessas reuniões e organismos à alimentação das populações subalimentadas e, sobretudo, das de países atrasados, com inclusão especificada e expressiva dos povos indígenas das colónias, cuja protecção biológica, médica, moral e social constitui hoje uma intensa preocupação das nações civilizadas que possuem colónias. Como já escrevi algures, não se compreende, porém, que o assunto seja descurado em relação a outras populações, porventura de países que nem sempre de boa fé e de intenções puras se dizem anticolonialistas, como esses que hoje mantêm povos de alta civilização na escravidão mais triste e mais iníqua. Mas adiante.

Portugal não se conservou alheio ao movimento recente de interesse pelos problemas colectivos da alimentação. Para honra nossa, devemos dizer que não só na Metrópole como em muitos pontos do Ultramar se iniciaram já esforços científicos e oficiais referentes à matéria. Isso não significa que não haja ainda muito de importante, de essencial, a fazer, entre nós, em tal domínio. Uma publicação recentíssima do Instituto Nacional de Estatística, subordinada ao título *A alimentação do povo português*, reúne resenhas da bibliografia sobre o assunto, no aspecto social e nacional. Nas nossas Universidades, na Direcção Geral de Saúde, no Ministério da Economia, no Instituto de Medicina Tropical, no Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional da Estatís-

tica, no *Comité Nacional da F. A. O.*, nos Serviços de Saúde do Ultramar, etc., fizeram-se ou estão em curso estudos sobre a questão. Médicos, veterinários, agrónomos, antropólogos, economistas, químicos, sociólogos, etc., colaboram na momentosa e indeclinável tarefa, que mais do que individual e acidental é hoje uma tarefa de equipas e permanente.

Estatísticas de população, por sexo, idade, ocupação, distribuição geográfica, etc., previsões sobre as suas variações no tempo, estatísticas de produção e consumo, elementos laboratoriais sobre o teor nutritivo e energético dos alimentos, estudos sobre a proporção, em vários grupos de população, dos encargos com a alimentação nos proventos familiares, são, com muitos outros, materiais indispensáveis para o esclarecimento científico das condições alimentares actuais e futuras duma população.

Para se ajuizar da situação alimentar dum povo ou dum grupo populacional, para se saber sobretudo se é suficiente e equilibrada a dieta respectiva, seguem-se diversos processos de pesquisa: inquéritos individuais numerosos, que permitem calcular as médias para os vários grupos de substâncias, quantidades respectivas na ração alimentar, e bem assim o valor global desta em calorias; inquéritos familiares sobre o consumo dos vários alimentos numa semana, por exemplo; inquéritos também colectivos em vários grupos sociais; inquéritos sobre as disponibilidades alimentares anuais dum país e determinação da composição e valor energético médios da ração diária individual, calculando, por tabelas da composição e calorias da parte comestível ou edível de cada produto, aquela composição e valor. As rações podem ser calculadas seja *per capita*, isto é, dividindo as quantidades globais pelo número total de indivíduos, sem distinção de idades, sexos e ocupações, seja por *unidades de consumo*, isto é, corrigindo o número de indivíduos fornecido pelas estatísticas com a aplicação de coeficientes por sexo, idade e ocupações de modo a obter a ração média em relação a um homem adulto de dimensões e pesos médios (1^m,65 a 1^m,70 de estatura e 65 a 70 kg. de peso) e ocupado em trabalho moderado. É a um tal homem-tipo que corresponde a unidade de consumo. A utilização desta torna assim comparáveis os resultados obtidos em grupos populacionais heterogéneos nas proporções de sexos, idades e ocupações. É um método mais racional do que o do cálculo por cabeça usado nas tabelas da F.A.O., como muito bem acentuou o médico nutricionista do Ministério da Economia, Dr. Rocha Faria.

Algumas indicações mais. Não se deve esquecer o interesse da apreciação da situação alimentar, dentro dum mesmo país, por classes ou grupos de população, segundo as épocas do ano,

as regiões, etc. Também se devem usar, tanto quanto possível, tabelas de composição e valor calórico dos vários produtos adaptadas às realidades locais, pois encontram-se grandes diferenças de composição de muitos géneros alimentares duns países para outros.

A economia das famílias, a proporção relativa, dumas para outras, dos encargos com a alimentação no orçamento familiar, é também um aspecto importante da situação alimentar num país. No cálculo dos salários e vencimentos não pode hoje abstrair-se dos encargos com a alimentação e da composição do agregado familiar.

Quantas coisas mais — e quantas coisas más... e boas! — poderia ainda dizer sobre estas matérias. Mas não acabaria. Ficarão algumas delas para outro ensejo ou para outros ensejos. Por agora quis apenas ventilar um tema que reputo dum vital interesse para o País e até para a Humanidade em geral, e sobre o qual aos cientistas compete fornecer elementos fundamentais de apreciação e estudo. Mas estou adivinhando nos meus ouvintes uma pergunta: dos estudos feitos sobre a alimentação do povo português deduz-se que esta é satisfatória ou não? A publicação, a que me referi, do Instituto Nacional de Estatística fornece as respostas dadas por especialistas a essa pergunta. A verdade é que os resultados não são uniformes de autor para autor, havendo lacunas e contradições nos conhecimentos sobre o assunto.

Julgo, porém, cientificamente legítimo proclamar, como nesse livro fiz, que (a despeito de alguns números nacionais e estrangeiros em contrário) é, sem dúvida, satisfatório o valor energético da alimentação portuguesa por unidade de consumo, variando aliás de região para região, de classe para classe, de época para época e até com circunstâncias ocasionais. A ração média é suficiente em hidratos de carbono, algumas vitaminas, proteínas vegetais, fósforo, etc., mas há desequilíbrio, nas classes mais pobres, pela insuficiência de proteínas animais, de algumas vitaminas, frequentemente de gorduras, de cálcio, etc. A qualidade e a quantidade de alguns alimentos, como o leite — alimento por excelência — deixam a desejar. No entanto, não hesitei em abertamente afirmar no mesmo livro, que, embora ainda estejamos aquém do que deverá fazer-se, nunca, como nos últimos vinte anos, se fez tanto, na esfera oficial como também nalgumas iniciativas privadas, para melhorar as condições alimentares da gente portuguesa, a qual, aliás em vários lances da sua história, atravessou sem dúvida situações gravíssimas de carência alimentar.

Mas que o reconhecimento da melhoria obtida, do que ultimamente se tem feito de bom, não nos leve a cruzarmos os braços. Seria calamitoso que assim procedêssemos. Temos de considerar o aumento incessante de população, as dificuldades de certos abastecimentos, a gravidade da situação mundial, o bom exemplo de outros países civilizados, os progressos científicos utilizáveis para aumento da produção e melhoramento da alimentação humana. Temos sobretudo de considerar quanto, para todos nós, são sagrados os destinos do povo português.

MENDES CORRÊA.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

MARCELIN BOULE et HENRI V. VALLOIS — *Les Hommes Fossiles — Éléments de Paléontologie Humaine* — 4.^e édition, 1 vol. de 383 págs. e 299 figs. Paris, 1952.

O tratado clássico de Boule tem mais uma edição, revista, actualizada e ampliada pelo ilustre director do Museu do Homem, Prof. H. Vallois.

É tão vertiginosa a sucessão dos achados importantes e de opiniões renovadoras em matéria de Paleontologia Humana, que só um cientista notavelmente informado e com alto espírito crítico como é o Prof. Vallois, poderia manter sempre actual e cheio de oportunidade um tratado como o de Boule, tratado que, apesar do valor e do saber do seu glorioso autor, estaria condenado pelas circunstâncias a perder rapidamente muito da sua actualidade, conservando, aliás, mais do que um interesse informativo histórico, pois será sempre um dos mais lúcidos, serenos e autorizados depoimentos sobre a humanidade fóssil.

A tarefa desenvolvida por Vallois para pôr em dia o trabalho do grande paleontologista francês, tem o merecimento de, ao mesmo tempo que regista tudo o que de novo merece registo, não atingir o equilíbrio e a essência do livro anterior. Sem sacrifício das novas aquisições, Vallois identificou-se admiravelmente com o espírito claro e imparcial de Boule. Só o podemos louvar por tal.

O prefácio da presente edição indica os principais aditamentos e modificações que a 3.^a edição, aparecida em 1946, experimentou. Dá-se, por exemplo, mais largo desenvolvimento aos Australopitecos sul-africanos, com a menção dos novos achados e de novas orientações. Com a descoberta em França dos homens de Fontéchevade, anteriores aos Neandertalenses, Vallois ocupa-se largamente do ramo que chama dos *Presapiens*.

Outras modificações, aditamentos ou mesmo supressões há a registar na presente edição que honra simultaneamente a memória insigne de Boule e o nome consagrado de Vallois.

MENDES CORRÊA.

JACQUES MILLOT — *Biologie des races humaines* — Paris, 1952.

Este volumezinho da secção de Biologia da Colecção Armand Colin tem maior valor e importância do que se poderia imaginar perante as suas pequenas dimensões e a modéstia da sua apresentação.

O seu ilustre autor, o Prof. J. Millot, do Museu Nacional de História Natural e da Faculdade de Ciências de Paris, e director do Instituto de Investigação Científica de Madagáscar, tinha já, em colaboração com Lester, publicado, nesta mesma colecção, um volume intitulado *Raças Humanas*. Pois é agora o capítulo, «reformado e profundamente transformado», de *Antropologia Fisiológica* desse livro, que surge, segundo declara o autor, neste novo trabalho, cuja oportunidade e interesse estão não só na alta competência de quem o elaborou, mas também na escassez de livros de conjunto sobre a matéria.

De facto, a Antropologia é, predominantemente, versada no aspecto morfológico e anatómico ou no aspecto cultural, psico-cultural ou social. À parte os grupos sanguíneos e a constitucionalística, é, comparativamente, muito mais reduzida a atenção consagrada em geral à Antropologia fisiológica do que à morfologia.

Assim, o pequeno livro do Prof. Millot quase preenche uma lacuna bibliográfica. Evidentemente, como o autor refere, podiam desenvolver-se muito mais vários dos seus capítulos. Mas trata-se dum manual, dum sùmula de conjunto, e é inegável que quem quiser pôr-se ao corrente dos assuntos versados encontrará ali o essencial, exposto com a clareza, a sobriedade e a precisão que são timbre do ilustre professor e investigador que é J. Millot.

Mencionaremos alguns capítulos: variabilidade humana e o meio; crescimento; fecundidade; cruzamentos e mestiçamento; o sangue; metabolismo; a pele e a regulação térmica; sistema nervoso; endócrinas; aparelhos circulatório e respiratório; sistema muscular; longevidade e mortalidade; patologia racial. Uma bibliografia, ainda que naturalmente sumária, valoriza, bem como um índice analítico de matérias, o excelente livro do sábio Prof. Millot.

M. C.

J. A. SERRA, R. M. ALBUQUERQUE E M. A. NETO — Contribuição para o estudo da Antropologia Portuguesa—XXV—Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz) — I — Estatura e robustez dos ossos longos — Sep. da «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», vol. V, fasc. 4.º — Coimbra, 1952.

Neste trabalho estudam-se 2 séries de esqueletos visigóticos, 19 masculinos e 7 femininos, encontrados no sítio da Silveirona, perto de Estremoz.

Indicam-se as medidas feitas, a sua técnica, os índices com elas calculados e o método cuidadoso empregado no cálculo da estatura provável.

Os resultados obtidos, acompanhados de comentários pormenorizados e elucidativos, encontram-se dispostos em tabelas elaboradas e dispostas com toda a clareza.

Comparando estes resultados com os Portugueses actuais os A.A. concluem, «que a estatura da população da Silveirona era aproximadamente a mesma que a dos Portugueses actuais quer num sexo quer noutro», que «o índice de robustez do úmero é praticamente o mesmo nos dois casos»; relativamente aos índices da secção da diáfise, os A.A. dizem que as diferenças, embora não significativas, «sugerem uma diferente conformação óssea, tendo os antigos habitantes da Silveirona ossos longos de secção menos achatada, portanto de forma menos diferenciada»; quanto à tíbia, calculam «que a população da Silveirona possuía tíbias com diáfise de forma aproximando-se mais da cilíndrica de que os Portugueses actuais».

A comparação com os resultados dos cemitérios de Alcoutão e Abujarda leva os A.A. a dizer que «parece poder concluir-se que a população da época visigótica dos arredores de Cascais era mais alta em cerca de 3-4 cm. do que a da Silveirona».

Relativamente à população de Herrera de Pisuerga (Espanha) verifica-se que esta «tinha uma estatura mais elevada em cerca de 1,5-2,5 cm. do que a população da Silveirona, ficando aproximadamente a meio entre a estatura das populações da Silveirona e dos arredores de Cascais».

Em face destes resultados, além das hipóteses postas pelos A.A., surge também a impressão de que os esqueletos da Silveirona talvez pertencessem a indivíduos indígenas inumados segundo ritos visigóticos.

Seja como for, muita razão têm os A.A. ao concluir; «conviria, portanto, voltar a estudar criticamente o restante material visigótico existente na Península Ibérica».

Neste trabalho aparecem umas referências a uma nota publicada por quem escreve estas linhas, relativa a várias ossadas encontradas no Alentejo.

São elas: «e muitas razões d'ordem arqueológica», no dizer do autor, pág. 202.

«Portanto, não se deve considerar como característica das populações dessa época uma grande espessura do crânio, como parece que já começou erroneamente a ser suposto na literatura sobre estes assuntos. (Athayde, 1948)», pág. 204.

«de que se poderia talvez concluir que a população da Silveirona era muito robusta». (Athayde, 1948, pág. 221).

Para se ajuizar do fundamento destas passagens, limito-me a transcrever os textos a que se referem e que são os seguintes:

«Bem diferente é o aspecto que oferecem as ossadas n.ºs 3 e 4. Estes eram indivíduos fortes, robustos, principalmente o primeiro, que devia ter sido muito forte e de aspecto atarracado, a avaliar pelas inserções musculares e pela estatura. A própria espessura dos ossos dos crânios não é muito vulgar.

«Os caracteres destes crânios também se harmonizam com os da população actual da península, muito principalmente os índices cefálico e nasal do crânio n.º 3; mas não discordam dos que foram publicados nos estudos de ossadas visigóticas pelos Profs. Barras d'Aragon e Barros e Cunha.

«Os dois crânios têm os ossos muito espessos (8 a 10 mm) e o n.º 4, que não foi possível reconstituir a ponto de se determinarem caracteres métricos, parece aproximar-se do tipo descrito pelo Sr. Prof. Barros e Cunha no seu trabalho *Descrição de um crânio notável do cemitério visigótico da Silveirona*.

«As condições de jazida, destes restos humanos, confirmam a hipótese levantada pelos resultados da análise antropológica. Diz o Sr. Abel Viana na carta já citada: «Os restantes ossos, bem como os que vou remeter em encomenda postal, são do Largo de Santa Maria, de Beja, e por muitas razões de ordem arqueológica presumo serem da época visigótica».

«Pena foi que esta necrópole não contivesse mais ossadas da mesma época que fornecessem uma maior contribuição para o estudo destes povos que invadiram a Península e a dominaram durante alguns séculos.»

ALFREDO ATHAYDE.

Seven tribes of British Central Africa — Editado por Elizabeth Colson e Max Gluckman, Oxford University Press, 1951, 6 mapas, 14 diagramas e 56 figs.

Constitui os primeiros resultados duma larga obra empreendida e planeada pelo Rhodes-Livingstone Institute fundado em 1937, precisamente para estudar os sistemas sociais da África Central e as suas alterações ou modificações.

Abrange uma série de 7 artigos cujos títulos e autores são respectivamente:

The Lozi of Barotseland in North-Western Rhodesia, por Max Gluckman, professor de Antropologia Social na «Victoria University», de Manchester, e antigo director do Rhodes-Livingstone Institute.

The plateau Tonga of Northern Rhodesia, por E. Colson, director do Rhodes-Livingstone Institute.

The Bemba of North-Eastern Rhodesia, por Audrey I. Richards, director do East African Institute of Social Research (Makerere), que foi leitor de Antropologia Social na Universidade de Londres e professor também de Antropologia Social, na Universidade Sul-africana de Witwatersrand.

The Fort Jameson Ngoni, por J. A. Barnes, prelector de Antropologia Social no «University College» de Londres.

The Nyakyusa of South-Western Tanganyika, por Godfrey Wilson, primeiro director do «Rhodes-Livingstone Institute».

The Yao of Southern Nyasaland, por J. C. Mitchell, investigador do «Rhodes-Livingstone Institute».

Some «Shona» tribes of Southern Rhodesia, por J. F. Holleman, colaborador do Rhodes-Livingstone Institute, e antigo prelector de Administração e Direito Indígena na Universidade de Stellenbosch.

É uma colectânea de sete trabalhos de Etnografia, versando outras tantas tribos, a saber: Lozi, Tongas, Bembas, Ngónis ou Angónes, Nyakyusas, Yaos ou Adjaus ou ainda Aiauas, e Shonas, que vivem nas Rodésias do Norte e do Sul e Niassalândia, precisamente nas regiões da África Central compreendidas entre Angola e Moçambique.

Embora os sete trabalhos sejam desiguais em extensão e nos temas que em cada um se tratam, o que, como os próprios editores declaram no prefácio, não permitiu fazer uma introdução comparada, ou, o que melhor seria, uma síntese final de etnografia comparada das mencionadas tribos, o que é certo é que este belo volume constitui uma esplêndida contribuição para o conhecimento de muitos aspectos da história, geografia humana,

organização genealógica, política, social, familiar e condições de vida dentro de cada tribo e relações intertribais.

O primeiro trabalho sobre os Lozi, que vivem numa grande planície sujeita a inundações pelas cheias do Alto Zambeze, o que os obriga a uma transumância regular, com determinados ritos em que o soberano e a realeza desempenham papel importante, constitui um exemplo vivo das determinantes ecológicas nas condições de vida da tribo.

Os trabalhos sobre os Shonas, Angones e Yaos ou Aiauas têm especial interesse para os estudos da etnografia moçambicana, dada a sua localização em regiões fronteiriças do nosso Moçambique.

No fim de cada trabalho vêm publicadas amplas listas bibliográficas.

Especialmente sobre os Angones e os Aiauas, que foram em parte estudados pela Missão Antropológica de Moçambique que temos a honra de chefiar, poderíamos fazer algumas considerações.

A natural concisão numa análise bibliográfica não permite ir além de certos tópicos essenciais.

Não deixaremos porém de referir o que averiguamos quanto à origem do nome Ngóni ou Angone.

A página 194 do livro que vimos analisando, diz-se que o nome Ngóni vem de *Nguni*, designação que lhes foi dada pelos povos Zulo e Xosa, sem qualquer explicação mais.

Entre os Angones que vivem no distrito de Tete, junto da fronteira com a Niassalândia, o Dr. Adalberto Sousa Dias (Relatório do ano de 1923) colheu esta versão :

«As duas tribos mais importantes que abandonaram Chaca foram as chefiadas por Manicusse, avô do Gungunhana, e por Muzilicatze; Songandaba, filho de Chaca, veio com um destes chefes. Chaca, não podendo levar a bem a deserção destes dois chefes, resolveu enviar uma expedição em perseguição deles para novamente os sujeitar e avassalar, confiando o comando dessa expedição a Ngádi, parente próximo do célebre chefe Ngóni. Foi este nome que se tornou extensivo, primeiro, à expedição, depois, à tribo e, por fim, à região onde se fixaram».

Segundo outros o nome Angone proviria de Vangúni, designação pela qual eram conhecidos os zulos.

Muitas e largas considerações se podiam fazer em torno das páginas do livro que analisamos.

É forçoso terminar. Não quero, porém, fazê-lo sem realçar o marcado interesse de muitos dos diagramas nele publicados, bem como das 56 excelentes fotografias publicadas nas XXVIII Est.

Com um pouco de espírito de coordenação, coligindo os materiais em arquivo, da Missão Antropológica de Moçambique, e, sobretudo, a abundante documentação colhida pelos serviços administrativos existente nos relatórios de muitas circunscrições, alguns deles primorosos, poderíamos organizar publicações no género da que acabamos de analisar, a qual fornece importantes materiais para o conhecimento das tribos que nela se estudam.

SANTOS JÚNIOR.

MENDES CORRÊA — Aumento de população, emigração, colonização — Discurso em sessão da Assembleia Nacional em 12-3-1952, Extr. do «Anuário da Escola Superior Colonial», Ano XXXIII, 1951-52, 23 págs.

O destino dos nossos excedentes demográficos é assunto a que ninguém pode negar suma importância para a vida nacional. A complexidade do seu estudo é manifesta.

O Prof. Mendes Corrêa alude à existência entre nós de volumoso saldo populacional. Há que garantir pelo menos razoáveis condições de existência aos portugueses que em cada ano acrescentam a nossa população, a qual em 1960 se prevê atinja os 10 milhões.

O A. realça o parecer de ilustres economistas, segundo os quais o continente poderá garantir a existência a uma população maior do que a actual.

Se é certo que a conveniente industrialização do País pode, e deve, absorver grande número de braços, não é menos certo que será natural e lógica a tendência para a emigração.

Passa em revista o importante problema da emigração, nos aspectos de preparação conveniente do emigrante e conveniente ocupação a dar-lhe,—salvaguardando assim a valorização da riqueza que o homem representa, e é a maior riqueza nacional—, e de política adequada de protecção ao emigrante, de molde a evitar desastres.

São conhecidas do A. as colónias portuguesas do Brasil e de alguns importantes núcleos luso-americanos na parte oriental dos Estados Unidos. Aludindo às mesmas, põe em realce o facto de os portugueses que as constituem darem, no geral, boas provas de laboriosidade, sãs qualidades morais e afectivas e vivo sentimento de patriotismo, apesar da força assimiladora e plástica do novo meio.

Por fim trata do problema da colonização do nosso ultramar, citando o que se tem feito e preconizando o que pode e deve fazer-se.

S. J.

MENDES CORRÊA — *Contacts culturels dans la Guinée Portugaise* — Sep. das Actas da «Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais em Bissau», 1947, vol. V, 2.^a parte, Lisboa, 1952, págs. 9-12.

Na comunicação feita à Conferência dos Africanistas Ocidentais, o Prof. Mendes Corrêa, elaborou um quadro sintético para mostrar a profusão e sucessão de culturas em contacto na nossa Guiné.

Numa área relativamente restrita, convivem populações animistas, feiticistas, islâmicas e cristãs. Nelas se nos patenteiam antigas influências, mais ou menos acentuadas, de culturas totémicas e páleo- e neo-matriarcais.

O A. assinalou na Guiné Portuguesa manifestações de culturas sudanense, pastoril, islâmica e moderna.

Certas tribos aferradas aos seus usos e costumes reagem a influências estranhas. Assim sucede com os Bijagós. Poderíamos chamar-lhes conservadores ou culturalmente estáveis.

Outras, como a dos Mandingas, exercem fortes influências sobre os vizinhos, contribuindo para a evolução dos seus usos e costumes.

A acção civilizadora europeia é, sem dúvida, forte e contínua na maior parte das tribos da Guiné. Mas tal influência, muitas vezes, não consegue atingir mais do que a superfície ou córtex psico-social das populações indígenas.

O Prof. Mendes Corrêa cita o caso dos Grumetes (Papéis cristianizados) dos arredores de Bissau que, assistindo regularmente à missa e realizando certas práticas de devoção cristã, em nada modificaram a sua conduta moral e social, conservando as velhas crenças orientadoras das suas atitudes e dos seus usos e costumes fundamentais.

S. J.

MENDES CORRÊA — *Contacts culturels dans l'Afrique Portugaise* —
Communication au Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques de Bruxelles, le mois d'Août 1948 (Section d'Ethnologie d'Afrique), «Anais da Junta de Investigações Coloniais», 1951, vol. VI, tomo V, Estudos de Sociologia, Lisboa, 1951, págs. 7-14.

O Prof. Mendes Corrêa, com a sua vasta erudição e conhecimento directo de algumas regiões das nossas províncias ultramarinas em África, começa por realçar a grande importância científica que tem o estudo dos contactos de raças diferentes em consequência dos resultados bio-sociais que provêm de tais contactos ou relações, tanto no que respeita à psicologia como à vida social dos agregados populacionais em presença.

A finalidade essencial deste trabalho, como o próprio A. o declara, é mostrar, com alguns exemplos, a pluralidade dos aspectos e das manifestações que os contactos culturais apresentam na África Portuguesa.

Referindo a questão de método, alude aos quadros de Malinowski, que considera insuficientes.

Ocupa-se depois dos cabo-verdianos como produto do entrecruzamento de elementos europeus e elementos africanos. Exemplo excelente de contacto, e de diferentes graus de fusão, das duas culturas há 5 séculos caldeadas, e onde será possível estudar a maior ou menor acção dos mecanismos bio-étnicos e psico-culturais em reacção biológica. Sobre o assunto alguns autores têm emitido opiniões. Estas deverão ser revistas quando se fizer, como deve ser, o estudo antropológico-social de Cabo Verde.

Cita depois os *angolares*, os *forros*, os *gregorianos* e os *tongas* de São Tomé, produtos de mestiçagens várias, e, conseqüentemente, manifestando o caldeamento cultural dos vários elementos em fusão.

Na Guiné Portuguesa aponta os Bijagós como tribo refractária a influências estranhas e, portanto, conservadora de usos e costumes próprios. Fala ainda dos Mandingas como dotados de forte poder de influência sobre os usos e costumes dos seus vizinhos.

Os vastos territórios de Angola e de Moçambique oferecem enorme interesse sobre contactos culturais.

Em Moçambique, como o Prof. Mendes Corrêa realça, o problema assume grande complexidade. No norte, a forte influência islâmica criou os *monhés*, pretos islamizados, os quais imprimiram à cultura das tribos negras alguns aspectos especiais. Ao longo da costa, especialmente na metade norte, os mestiços de hindus

e de árabes com as raças negras deram origem a tipos especiais como, por exemplo, os *cataquissungos*, os *muzungos*, os *macas*, as célebres *donas da Zambézia*, etc., que desempenham ou desempenharam na evolução cultural dos negros zambezianos um papel por vezes assaz importante.

O assunto, como o A. realça, é tema da mais alta importância científica, onde os mecanismos condicionantes do caldeamento étnico e cultural são vários, podendo, as mais das vezes, originar evoluções graduais e progressivas, ou modificações desordenadas e bruscas, verdadeiras mutações. Em certos casos, porém, há uma certa estabilidade ou permanência cultural.

A importância científica, social e política destes assuntos bem merece que os estudos das Missões Antropológicas da Guiné, de Angola e de Moçambique possam entrar num ritmo de marcada actividade, saindo-se da latência ou marasmo em que algumas destas missões se têm conservado nos últimos anos.

S. J.

Archivos Venezolanos de Folklore — Ano I, N.º 2, Julho-Dezembro de 1952, 469 págs. Caracas, Venezuela, 1952.

Do n.º 1 destes belos «Arquivos», publicação do Instituto de Antropologia e Geografia, do Instituto de Filologia «Andrés Bello» e do Seminário de Folklore, organismos da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Central da Venezuela, demos notícia no fasc. 1-2, vol. dos «Trabalhos» da nossa Sociedade a págs. 190-191.

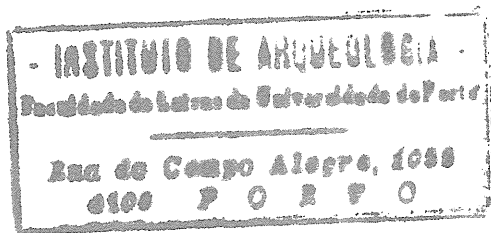
O n.º 2 apresenta larga colaboração de valiosos trabalhos, a saber:

La transculturación blanca de los tambores de los negros, por Fernando Ortiz, págs. 235-265; *El maremare: bailes del Jaguar y la luna*, por Miguel Acosta Saignes, págs. 266-282; *Músicas pentatónicas en Sudamérica*, por Isabel Aretz, págs. 283-309; *Aspectos folclóricos del uso de' chimó*, por Walter Dupony, págs. 310-322; *El folkore en Romulo Gallegos*, por Orlando Araujo, págs. 323-337; *Digresiones sobre Folklore, su terminología y tipo de ciencia*, por Alfredo Paviña, págs. 338-351; *El arte religioso popular de Santiago del Estero, República Argentina*, por Orestes Di Lullo, págs. 352-359; *Cuentos y romances tradicionales en Cazorla (Llanos del Guárico)*, por Francisco Monroy Pittaluga, págs. 360-380; *Tradiccion de un cuento brasileño. (Persuasion)*, por Luís da Câmara Cascudo, págs. 381-387; *Zorrocloco en España y América*, por

José A. Pérez Regalado, págs. 388-394. Segue-se a secção de «Notas y Documentos» onde se publica: *Los juegos populares en el Estado Táchira*, por Rafael M. Rosales, págs. 395-408; *El polo coriano y sus variedades*, por Luís Arturo Dominguez, págs. 408-411; *Juegos de naipe en Venezuela*, por Odaly Beaumont, págs. 412-414; *Folklore Haitiano, Creencias y Supersticiones*, por Milio Marcelin, 414-419; *Calendário folklórico del Paraguay*, por Paulo de Carvalho Neto, págs. 420-424; *Notas de Folklore italiano*, por Lívio Dal Bon, págs. 425-427; *Sobre Folklore material y planos de trabajo*, por Miguel Cardona, 427-432. Por fim a secção bibliográfica «Reseña de libros».

Está a parabéns a comissão editora, constituída pelos professores da Universidade Central de Venezuela, Miguel Saignes, Angel Rosenblat e Rafael Figueroa, por mais este volume dos Arquivos Venezuelanos de Folklore.

S. J.



ÍNDICE DO VOL. XIII

	PÁGS.
ABEL SAMPAIO TAVARES — Anomalias múltiplas. Uma observação curiosa	5
ALEXANDRE SARMENTO — Contribuição para o estudo das mutilações étnicas dos indígenas de Angola.	9
MAXIME VAULTIER et GEORGES ZBYSZEWSKI — Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos).	17
J. CAMARATE FRANÇA e O. DA VEIGA FERREIRA — A estação pré-histórica do Alto do Montijo (Sintra).	34
EDUARDO PRESCOTT VICENTE e EDUARDO DA CUNHA SERRÃO — O castro eneolítico de Olelas	46
D. SEBASTIÃO PESSANHA — Fechos das coleiras do gado na Beira-Baixa e no Alentejo	79
FERNANDO GALHANO — Grades	103
F. RUSSELL CORTEZ — Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal	193
ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA — O Jogo da Péla na Póvoa de Atalaia	249

Vária:

Prof. Joaquim A. Pires de Lima (A. A. MENDES CORRÊA)	136
O Prof. J. A. Pires de Lima (HERNÂNI MONTEIRO)	137
Contribuição para o estudo antropológico dos conelhos de Bragança e da Póvoa de Varzim (ALFREDO ATHAYDE)	146
Simpósio Internacional de Antropologia (A. J.)	148
Congresso dos Americanistas (A. J.)	149
Congresso Internacional de Antropologia e Etnologia (J. D.)	149
II Congresso Pan-africano de Pré-história (SANTOS JÚNIOR)	150
O Esconderijo de Moreira (Monção) (F. RUSSELL CORTEZ)	155
Um «Decálogo» para a cronologia dos tempos Romanos (R. C.)	161
Buarcos (ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO)	163
Homenagem ao Prof. Dr. Mendes Corrêa	165
Lutuosa (J. D.)	168
Os «Bombos» de Fafe, e outras diversões de carácter periódico (ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA).	265
Palestras sobre a alimentação (MENDES CORRÊA)	270

Revista bibliográfica — Índice alfabético dos autores:

Archivos Venezolanos de Folklore, 190, 312; Boule et Vallois, 171, 303; Cardoso, 181, 186; Cuevillas, 184; Delatre, 190; Holas, 178; Howells, 172; Hoyos, 178; Kehl, 175; Leisner, 182; Mendes Corrêa, 309, 310, 311; Millot, 304; Pro Infancia, 192; Rego e Koch, 176; v. Riet Lowe, 180; Roche, 180; Roche e Trindade, 179; Saunter, 191; Serra, 177; Serra, Albuquerque e Neto, 305; Serra Ráfols, 187; Seven tribes of British Central Africa, 307; v. Verschuer, 175; Viana, 189.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

(Antigos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

VOL. XIII — FASC. 3-4

SUMÁRIO:

F. RUSSELL CORTEZ:

Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal (pág. 193).

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA:

O Jogo da Péla na Póvoa de Atalaia (pág. 249).

Vária: — Os «Bombos» de Fafe, e outras diversões de carácter periódico (ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA); Palestras sobre a alimentação (MENDES CORRÊA) (pág. 265).

Revista bibliográfica: — ARCHIVOS VENEZOLANOS DE FOLKLORE (312); BOULE et VALLOIS (303); MENDES CORRÊA (309, 310, 311); MILLOT (304); SERRA, ALBUQUERQUE e NETO (305); SEVEN TRIBES OF BRITISH CENTRAL AFRICA (307).